GAMA,

POEMA NARRATIVO,

AUTHOR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.
1811.
Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

Vende-se na Loja de Desiderio Marques Leão no largo do Calhariz, N.° 12.

DISCURSO.

A Acção do Descobrimento da India he grande em Navegação, em Politica, em Commercio, em Geografia, em Astronomia, e sobre tudo he grande em Historia; e poucos são os acontecimentos, que nos annaes do Mundo se apontem tão maravilhosos. Mas esta acção portentosa, sendo grande em tudo, he pequena, he minima em Poezia. De todas as acções Epicas he a mais esteril. Corrão-se com o entendimento as antigas, e modernas, todas ellas apparecerão grandes cotejadas com huma monótona viagem de mar. Sem me lembrar da Illiada, e Eneida, Lucano achou mais vasto campo ao Fa-

salia, Silio Italico na guerra Púnica, Valerio Flaco na expedição dos Argonautas, (porque tudo quanto vião pelas costas da Grecia até ao Phasis era Poezia), Trissino na Italia libertada, Tasso na Jerusalem, Milton no Paraiso ou perdido, ou conquistado; Voltaire na Henriade. Qualquer destas acções, considerada como o centro de hum circulo, póde o Poeta tirar do centro para a circunferencia as linhas, ou raios que quizer; por exemplo, Torcato Tasso leva seu Heróe ao cerco de Jerusalem, assenta seus arraiaes defronte desta Cidade; eis-aqui o Poeta constituido em relação com toda a Natureza, e fixo no centro de huma circumferencia immensa de acontecimentos, que elle póde fingir, e crear a seu sabor; todos parecerão verosimeis, todos conservarão relações intimas com a principal acção. Isto que digo de Tasso, pos-

so dizer de tres Epicos nossos, de grande momento, Gabriel Pereira de Castro, na fundação de Lisboa, pode fingir o que quizer. Vasco Mousinho de Quebedo, pode fazer o mesmo na tomada de Arzila; e outro tanto Francisco de Sá de Menezes, no sitio de Malaca, e sua conquista. Nada disto póde succeder no descobrimento da India. Contemplemos a acção historica. Duzentos e tantos homens, repartidos por tres embarcações sahem em Julho de 1497 da barra de Lisboa, engolfão-se no Oceano, vendo-o sempre, e o Ceo, ou horizonte que o limita; dobrado o cabo, que já tinha dobrado Bartholomeu Dias, e demandando o Norte pela costa da Cafraria, desde hum Ilheo não visto pelo mesmo Dias, atravessão para o Nascente o Oceano, e chegão á Ilha de Anchediva, e aportão em Calecut. Depois de verem Calecut na cos-

ta do Malabar, póde haver muita materia para a historia, mas acabou-se a materia para a Poezia. A materia da Eneida finda apenas expira Turno; a materia da Jerusalem finda, apenas Gofredo adora o sepulcro; a materia do descobrimento da India finda, e deve acabar apenas Vasco da Gama vê Calecut. Descobrir a India, esta he a acção: o principio he o embarque; o meio he a viagem; o fim he a chegada a Calecut. Constituida esta acção nas mãos da Poezia, pede-se-lhe hum Poema Epico, ou Narrativo, que he o mesmo. A Poezia tem só tres funções; a primeira, inventar; a segunda, dispôr; a terceira, annunciar. A' invenção pertence a fabula, á disposição pertence a ordem symetrica, á annunciação pertence o estilo. A fabula deve ser maravilhosa, e verosimil; a ordem deve ser regular, e natural; o estilo deve ser su-

blime, e poetico. Ora a essencia da Epopéa constitue-se por duas unicas cousas, pelo que retarda, e pelo que apressa a conclusão, ou o complemento da acção. Este apressamento, ou este retardamento da conclusão he executado por agentes sobrenaturaes, a que se chama o maravilhoso, ou pelas circunstancias incidentes na marcha da acção na ordem natural, que se chamão episodios. O maravilhoso deve ser tirado do seio da Religião, seguida pelo Herõe, e pelo Poeta; e os episodios naturaes devem conservar intima, e estreita ligação com a acção principal. Tudo isto, a que eu chamo a Poetica da razão, se conhecerá melhor com hum exemplo, como he o da Jerusalem. A Religião de Gofredo, e do Tasso, he a Religião Christã; do seio desta he tirado o maravilhoso do que retarda, ou apressa a conclusão d'acção. Temos al-

li o ministerio dos Anjos, e o dos Demonios, conforme aos infalliveis principios do Christianismo. Deos faz executar sua vontade pelo ministerio dos Anjos: o Demonio se oppõem á santa empreza ou por si, ou pelo ministerio dos magicos, como Ismeno, e Armida. Os episodios, ou incidentes, nascem da natureza da acção, como discordia entre os Capitães; separação de Rainaldo pela morte de Gernando; secca universal que atormenta o exercito; sortidas, escaramuças, ataques, pelejas, ou geraes, ou singulares como a de Clorinda, e Tancredo, ou a de Argante com o mesmo Tancredo; a morte de Gildipe e Odoardo, a de Solimão, a de Emireno, e outros muitos incidentes, que emanão da mesma acção. Appliquemos estes principios, tirados da luz da natureza, que he a regra unica do gosto, á acção do descobrimento da India. Que cousa

póde apressar o complemento desta acção na ordem sobrenatural? Deos, que escolhe este meio para que sua Religião se conheça no Oriente, elle o dirige pelo ministerio dos Anjos, e dos Justos. Que póde retardar o complemento desta acção na mesma ordem sobrenatural? O Demonio, ou o Espirito da Idolatria, que receia ver cahir seu Imperio entre o Gentilismo Oriental. Que episodios podem na ordem natural, apressar, ou retardar o projectado descobrimento, que he o fim da acção? A bonança o adianta, a tempestade o retarda, ou o demora em algum paiz a que os baixeis aportem. Nenhuma outra cousa póde succeder a huns navegantes confinados na estreita prizão de hum navio, e que se dirigem a hum porto, objecto unico da viagem. Nada ha mais esteril que a monotonia da navegação de Vasco da Gama, que só busca ver o

Oriente, e ir além do Cabo; em conseguindo isto, acabou-se a acção. Que podia elle encontrar pelo Oceano, quando a sua viagem não era vaga como a de Cook pelo mar pacifico, ou pelo austral? Valerio Flaco conduz os Argonautas não a hum descobrimento, mas a huma conquista. Vasco da Gama, não hia conquistar, hia ver, e descobrir sómente. Taes são as razões porque o descobrimento da India he huma acção esterillissima em Poezia, falta a materia, por mais que sóbre o engenho ainda que fora o de Claudiano, que soube fecundar esterilissimos assumptos, e o que á primeira vista parece hum objecto grande, bem analysado não o he em si; e se Torcato Tasso disse em seu Soneto que as navegações de Ulisses, e de Enéas não derão tão ampla materia á sua penna, elle o disse como elogiador, e não como

tão profundo conhecedor da theoria da sua arte.

A' vista disto parece que ha em mim huma manifesta contradicção, conhecer a esterilidade do assumpto, e tratar este mesmo assumpto depois de existir sobre elle o Poema, a que podémos chamar nacional, e que tamanho estampido tem dado, e dá ainda pelo Universo. Sobre este Poema existe huma decisão de Racine, que define assim as Lusiadas -- Este Poema he a relação de huma viagem, na qual as Divindades do Paganismo representão papeis ridiculos, e absurdos -- Bacco apparece em Moçambique feito Clerigo, e Capellão de huma Ermida do Espirito Santo, na qual os Portuguezes descobrem hum painel em que está pintado o profundo mysterio da descida do Espirito Divino; Bacco com os paramentos Sacerdotaes, sustenta o thuribulo n

na mão, e adora o Deos verdadeiro:

> O Tioneo, e assim por derradeiro,
> O falso Deos adora o verdadeiro.

Isto he ridiculo, he absurdo, he impio. A Deosa Thetis conta a Vasco da Gama a vida, os milagres, e o martyrio do Apostolo S. Thomé, e esta mesma Deosa Thetis que faz esta longa, e verdadeira relação, diz em termos expressos, ao mesmo Gama, que ella não existe, e que apenas he huma figura de Rhetorica com que se podem enfeitar os versos: isto he louco, e extravagante. O Heróe, além de ser quasi sempre nullo, conserva tão pouca dignidade, que mettido na cadêa pública de Calecut consegue a sua soltura por hum fardo de panno Portuguez,

> Escreve a seu Irmão que lhe mandasse
> A fazenda com que se resgatasse.

E, effectivamente este rolo de panno he levado pelos dois Caixeiros, Alvaro, e Diogo. Isto he ignorancia pueril. Vasco da Gama implora o auxilio de Jesu-Christo em huma horrivel tempestade, condoe-se a misericordia divina, Venus, e as Ninfas do mar são os seus instrumentos, e Venus em termos claros promette aos ventos boas noites em companhia das Nereidas, se se applacassem; isto he execrando, e abominavel. Vasco da Gama imbute ao Rei de Melinde toda a historia de Portugal, sem omittir hum só facto, isto he inverosimil, e absurdo. Offerece ao Catual bordada em huma bandeira da náo a mesma historia, isto he, huma miniatura mais irrisoria, que a do escudo de Achilles.

Quodcumque ostendis mihi sic, incredulus odi.

Nas Lusiadas a proposição he vaga; o

maravilhoso absurdo, a ordem episodica; pois tirado o alheio da acção, e o superfluo, o Poema se póde reduzir a huma quarta parte; e o estilo pela maior parte he glacial, e perfeitamente prosaico. -- Eis-aqui o que diz o Traductor de Milton, e o Author do Poema da Religião, e da Graça. Hum Jesuita Portuguez diz o contrario, e affirma --

Vertere, fas; aequare nefas, aequabilis uni
Est sibi; par nemo, nemo secundus erit.

A amarga verdade do primeiro, a hyperbolica asserção, e profecia do segundo, me obrigou a lançar mão deste assumpto, lutando contra sua natural esterilidade, e affrontando o pezo da authoridade, e a impostura dos seculos, e desprezando o ridiculo encolhimento que nos causa a opinião.

Vivo em hum seculo, em que o Imperio da Razão tem dilatado quasi infi-

nitamente seus limites. Na Filosofia, nas Sciencias exactas, no conhecimento da Natureza, temos progredido prodigiosamente. Spinosa, Newton, Buffon, La Place, Locke, dilatárão os confins do entendimento. E porque não ha de igualmente progredir o Imperio da Imaginação? Porque havemos de ficar sempre áquem dos que nos precedêrão nas obras de puro engenho? A servil imitação, e a estúpida admiração dos Antigos, nos encadeia desgraçadamente. Se eu não transgredir felizmente as vergonhosas ballizas, que a nossa indolencia tem plantado no campo immenso das boas Artes, com a minha mesma quéda realizarei a possibilidade que ha de as passarmos.

Quem si non tenuit, magnis tamen excedit ausis.

O Editor declara que não reconhecerá por verdadeiro Exemplar algum desta Obra, sem que elle proprio o marque depois de impresso, com a sua Firma.

A LUIZ DE CAMÕES,

ODE PINDARICA.

ESTROFE I.

QUANDO, do Joven Macedonio o Busto,
Vio de louros cercado,
Da livre Roma, o Domador injusto,
E em cem cadeias a seus pés ligado
O já vencido Oriente;
E té á ignota, barbara corrente
Do caudaloso Hydaspe, e turvo Ganges
Irem correndo indomitas falanges;

ANTISTROFE I.

Dos torvos olhos lhe escorrega o pranto,
Ao ver, que em tenra idade
Do Grego as armas se exaltárão tanto,
Que a estrada abrio seu nome á eternidade;
Ao ver, que em dura guerra
Se lhe curva, e se prostra humilde a terra;
Que a Fama sua revoou triumfante,
Des de o cume do Gate ao mar d'Atlante.

EPODO I.

De inveja generosa,
Se lhe desprende a chamma;
Do louros cubiçosa;
Nome immortal se finge, e eterna fama;
Senhor do livre Imperio,
Julga estreito theatro este hemisferio.

ESTROFE II.

Valoroso Themistocles se inflamma
Em nobre amor da gloria,
Quando do Heróe Milciades a fama
Eterna vio no Alcaçar da Memoria;
O ferreo escudo embraça,
Do Persa altivo as hostes despedaça,
Nada os guerreiros impetos lhe impede,
E do rival sublime o esforço excede.

ANTISTROFE II.

A estrada piza trabalhosa, e dura,
A's grandes almas franca,
Nos pátrios muros os troféos pendura;
Que em crua guerra aos barbaros arranca;
Da Grecia vencedora,
N'Asia o Estandarte triumfante arvora,
E muito além do Bósforo, e do Oronte,
Cinge de louros immortaes a fronte.

Epodo II.

A emulação sublime,
Ignota ao povo rude,
Em nobre peito imprime
Com viva luz a imagem da virtude:
E após o premio, e c'rôa
Galga a fragosa estrada, aos astros vôa.

Estrofe III.

Pieria chamma, q' á minha alma desce,
Teu canto contemplando,
Mais, e mais em ardor s'expande, e cresce,
E vai comtigo, ó Cysne, aos Ceos voando,
Fito os olhos na terra;
Quanto entre o berço, e túmulo s'encerra
Do flammejante Sol, louva teu nome,
A Inveja o teme, o Tempo o não consome.

Antistrofe III.

Des de o Indo espumante aõ Téjo undoso,
Teu canto sublimado,
Junto ao canto, que exalta o Heróe piedoso,
Repete o Mundo attónito, assombrado:
Do Cantor do Tamiza,
Que vôa além do Pindo, e os astros piza,
O canto, apar do teu, menos jucundo,
Se antolha ao povo, que assoberba o Mundo.

EPODO III.

Quando observa nos ares
O medonho Gigante,
Que funebres pezares
Horrendo agoira ao Luso navegante,
Menos préza a pintura
Do soberbo Satan na estancia escura.

ESTROFE IV.

O solitario Volga, o algente Néva,
Onde o divino canto
Do Messias eterno aos Ceos se eleva,
Cheios t'ouvem cantar d'assombro, e espanto;
O Danubio suspende
A larga veia, que as campinas fende,
E, demorando o feudo ao immenso pégo,
Pára ao nome de Ignez, como o Mondego.

ANTISTROFE IV.

O turbulento Sena, envolto em sangue,
Que suspira, e prantêa
Os tristes fados do Monarcha exangue,
E a liberdade em barbara cadêa,
Em números toantes
Te converte as Canções altisonantes;
Entre infernal estrépito de guerra
Grande não cessa de mostrar-te á terra.

EPODO IV.

Do Tempo o braço armado,
Que envolve em luto escuro
O nome sublimado,
Que abrio lisonja em jaspe, e bronze duro,
He já por ti vencido,
Tu vôas sobre os seculos erguido.

ESTROFE V.

Quem me anima a seguir-te?... Oh Natureza,
Teu profundo thesouro
Não s'estanca jámais, e alma riqueza
De teus dons me promette a palma, o louro
Com desmedido excesso;
Mais que em carreira olympica arremesso
A carroça veloz, que o espaço piza,
E além me arrojo da fatal baliza.

ANTISTROFE V.

Acaso póde acceza Fantasia,
Das Musas pelo Imperio,
Menos que póde audaz Filosofia,
Devaçar, conhecer o espaço ethério?
Foi pelo Ceo radiante
Seguir cometa excentrico, aberrante;
Descortinou mais Sóes no ermo profundo;
Mais dilatando os terminos do Mundo.

E p o d o V.

De Athenas a memoria,
Da septicole Roma
A sapiencia, a gloria,
A razão cultivada a excede, e a dóma.
Brilhante tocha acceza
Abre, descobre o seio á Natureza.

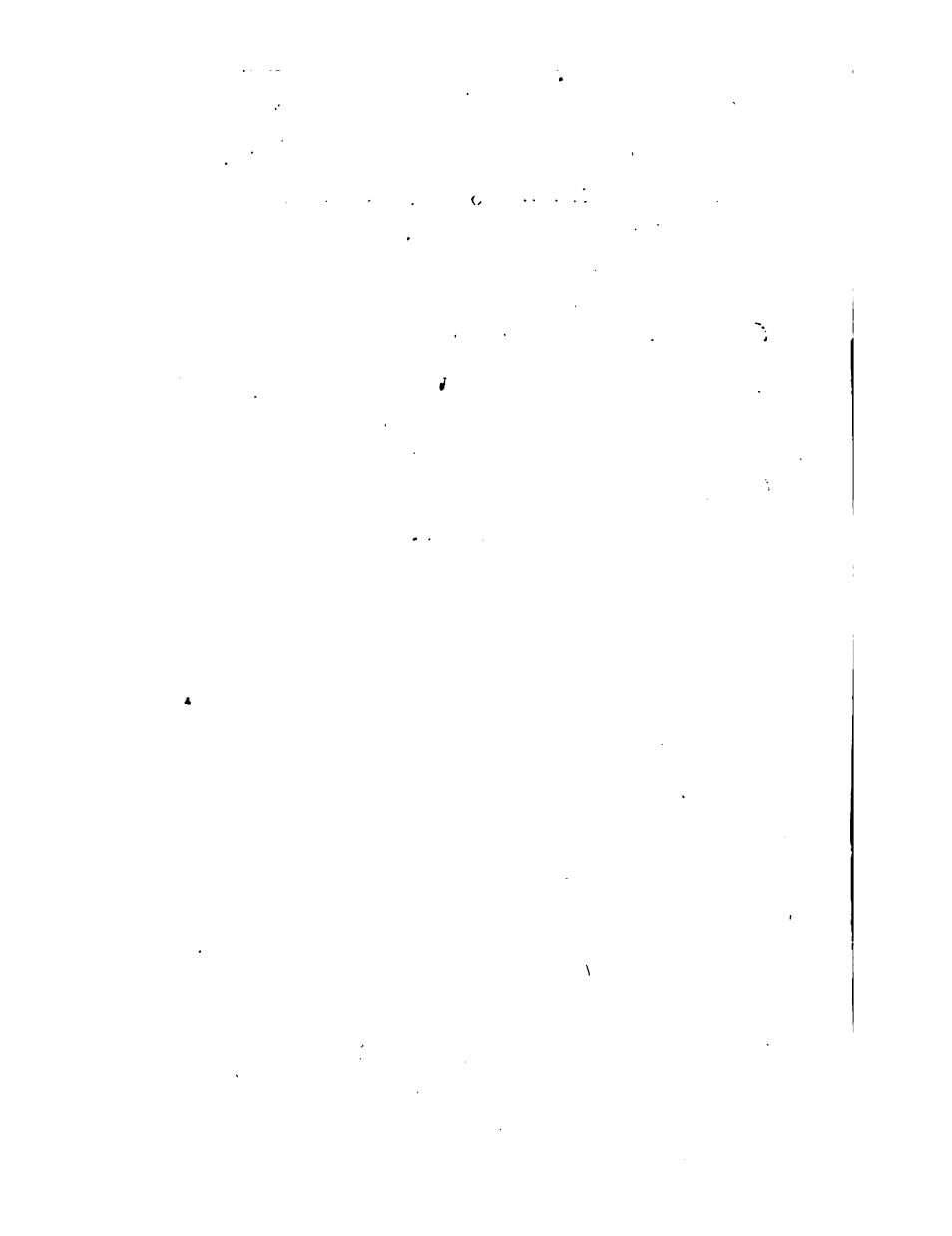
E s t r o f e VI.

Mais que Dédalo aos ares se abalança
O resoluto engenho,
E os astros quasi na carreira alcança,
De lá não teme o fúnebre despenho:
E qual nos turvos mares
Dá leis no Imperio dos vedados ares;
E quando o Ceo se enluta, e tôa, e chove,
Vai o raio arrancar das mãos a Jove.

A n t i s t r o f e VI.

Onde Platão sublime, e de Estagira
O Genio portentoso
Não pôde penetrar, vai longe, e gyra
O timbre illustre do Tamiza undoso:
E no profundo pégo,
Da mente humana labyrintho cégo,
Impervio á Estôa, eis Locke se adianta,
Luminosos fanaes nas sombras planta.

E P O D O VI.

A'quem do vôo ousado ,
O' Cysne altisonante ,
No espaço dilatado
Eu não posso ficar , eu corro óvante ;
A divinal Poesia
Inda a mais altos Ceos meus passos guia.

GAMA.

CANTO PRIMEIRO.

O Domador do túmido Oceano,
Que, ousado rodeando a Africa ardente,
Mais do que he dado á força, ao peito humano,
Abrio as portas do vedado Oriente;
E o sceptro, a gloria, o nome Lusitano
Levou do Hydaspe á barbara corrente,
Se em sorte me foi dada E'pica tuba,
Em meus versos farei que aos astros suba.

Musa do ethereo Choro, que inflammaste
A remontada immensa fantasia
Ao Cantor de Goffredo, e lhe inspiraste
Sons nunca ouvidos em mortal poesia;
E além de Esmyrna, e Mantua o levantaste
De eterno canto em mágica harmonia;
Pois he mais que Goffredo o illustre Gama,
Dá, que iguale meu canto o Heróe na fama.

E vós, Senhor, que a Lusitana terra,
Em quanto longe está Principe Augusto,
Regeis nos trances da sanguinea guerra,
Que as furias quebra do Oppressor injusto;
Deixai que o estro, que meu peito encerra,
No eterno Templo vos levante hum Busto;
Vós meu canto acolhei, e hum monumento
Deixai que eu vote ao mérito, ao talento.

Se em vós não víra, em vós não conhecêra
Alta sciencia, espirito profundo,
E tudo quanto a Natureza déra
Aos grandes Genios, aos Fanaes do Mundo,
De Pindaro o furor, de Horacio a esfera,
E o grão saber de hum Cicero facundo;
Não consagrára a vosso Nome o canto,
Que após o patrio Cysne aos Ceos levanto.

Eis se me antolha, que se move a dura
Pedra, que as cinzas gélidas lhe esconde,
E sahe da triste antiga sepultura
A grande sombra; e não sei como, e donde
Em nova luz a face lhe fulgura,
E a voz, que ao torvo aspecto corresponde,
Me faz ouvir altissonante brado;
E me atalha dest'arte o vão cuidado.

Queres com frôxo, com rasteiro accento
Seguir os tons do bronze bellicoso?
Queres com mal aconselhado intento,
Seguir rival meu impeto fogoso?
Qual Icaro subindo ao Firmamento,
Virás dar nome infausto ao Téjo undoso,
Contra a força dos seculos pelejas,
Se por vencer meus extases forcejas.

He difficil a empreza, he arduo empenho,
Do temerario passo eu me confundo,
Arte divina quer, divino engenho,
Com que transponha o pélago profundo;
Posso evitar o funebre despenho,
Se vosso nome me escudar no mundo;
Delle me cerca a luz, me cerca a gloria,
E me abre a estrada ao Templo da Memoria.

Assomou n'Horisonte a luz, e o dia,
Pelos decretos eternaes marcado,
Que novo aspeito ao Mundo outorgaria,
Passo abrindo no mar té alli fechado;
Por onde o Luso Imperio estenderia
D'Aurora ao berço o sceptro levantado,
Sendo d'Oriente lúcido escutada
A Lei que aos homens foi dos Ceos mandada.

Na guerra vencedor, na paz ditoso,
Manoel, as aureas rédeas sustentava,
Do paternal Imperio glorioso
Nome, fama, brazões mais dilatava;
A mão do Eterno Todo-Poderoso
Para tamanha empreza o preparava:
Hum Deos o alevantou, hum Deos o elege,
Fórma seu coração, seus passos rege.

Na ethérea estancia além do Firmamento,
E delle tão remota, e tão distante,
Quanto do escuro, do tartáreo assento
Ou corre, ou fixo brilha o Sol radiante,
A Eternidade tem por fundamento
Aureo solio do immenso Dominante;
Cercado está de nuve' espessa, e escura,
Mas que não tolhe a luz serena, e pura.

Bem como do purpureo, e claro Oriente
Rompe do Sol o disco esbrazeado,
E o matutino raio refulgente
Vem de sombrias faxas rodeado,
Que inda assim manda a luz resplandecente,
De carregadas nuvens embuçado;
Assim do throno augusto se derrama
Por entre espesso nevoeiro a chamma.

Os Serafins ao longe as prateadas
Azas volvem ao rosto, ao rosto estendem,
Mal supportando as vivas, e abrazadas
Luzes, que em torno ao solio as sombras fendem:
E mais perto das nuvens conglobadas
Alguns ás vozes do Immortal attendem,
E rápidos, qual fogo, ou quaes os ventos
Voão, s'escutão divinaes accentos.

A voz se ouvio, que Rafael chamava,
E vezes tres soou no Empyreo o brado,
Gloria tres vezes ao Senhor clamava,
O excelso Choro Angelico humilhado:
Em distancia infinita o Sol parava,
Ao rebombo da voz como assustado,
E nas profundas solidões do Espaço,
Suspende igneo Cometa o incerto passo.

A voz, á terra chega, e suspendêrão
Turvas ondas a furia impetuosa,
Largos rios caudaes retrocedêrão,
D'altos Andes na frente nebulosa
Espantosos volcões subito ardêrão;
E o globo todo á voz imperiosa
Sobre os trémulos eixos balancêa,
E entrar no cáhos outra vez recêa.

Vôa, diz o Senhor, e ao Luso intíma
Que vença, e dome o túmido elemento,
Que nas azas do Tempo se aproxima,
Entre seculos mil, fatal momento:
Que minha lei publique, e a leve ao clima,
Onde o brilhante Sol tem nascimento,
Desterre o erro, os Idolos supplante,
Sobre a ruina sua a Cruz levante.

Que affronte ousado os esquadrões rompentes,
Que ant'elle as armas deporão medrosos;
Que d'estranhas nações, barbaras gentes,
Eu lhe darei thesoiros preciosos:
Cativos Reis em ríspidas correntes
Hão de dobrar pescoços alterosos;
Dize, que he meu pastor, que a voz me escute,
E meu Decreto impávido execute.

Disse o Senhor, e já do ethéreo assento
Desce o Anjo batendo as aureas pennas;
Eis rompe o crystallino Firmamento,
De eterna luz as regiões serenas:
Mais ligeiro que o fogo, e mais que o vento,
Brilhantes azas commovia apenas;
Do rosto, e corpo tanta luz rebenta,
Que junto ao Sol passando, o Sol se augmenta.

Passa milhões de legoas, e, onde tôa
Rompendo o raio a nuvem, se suspende;
Eis descobre a fatidica Lisboa,
Que o ar co' a fronte torreada fende;
De sete montes immortal corôa,
Que ao Téjo feito hum mar soberba impende,
E, sustentando hum sceptro soberano,
Alli se diz Rainha do Oceano.

Já vem proximo á terra inerte, e escura,
E lhe fluctúa a veste roçagante
De materia subtil, mais clara, e pura,
Que a luz refracta em sólido diamante:
Em roda traz d'angelica cintura,
E lhe pende hum listão vivo, e brilhante,
Qual lúcida safira; e louro, e bello
Desce em anneis finissimo cabello.

Qual ferida do Sol nos Alpes brilha
Neve, assim brilha o rosto luminoso,
Qual o raio veloz, que os ares trilha
Por entre hum Ceo nocturno, e nebuloso;
Tal o rastro que deixa, oh maravilha!
Que entre as sombras reluz do Téjo undoso;
E tão suaves halitos derrama,
Que a muito longe os ares embalsama.

De purpura brilhante, e de ouro orladas
As azas a compasso, e cerra, e estende,
Iris formosa as côres variadas
Não tem mais vivas se nos Ceos resplende;
Nem brilhão mais as ondas prateadas
Do Téjo, quando a Lua as sombras fende:
Pára no vôo o insólito portento,
Digno Ministro do celeste assento.

Declive a noite taciturna, e fria,
Entre os já ráros astros scintillantes,
As denegridas redeas sacudia
Aos pálidos Ginetes anhelantes:
Pouco tardavão do purpureo dia
Animadores raios coruscantes;
Hora em que os leves sonhos, que volteão,
Mais docemente o pensamento enleão.

No auri-eburneo leito repousava
Inda o Monárcha da diurna lida,
E aos cuidados dos Reis certa buscava
Nos frôxos braços de Morfeo guarida;
Mas vivamente n'alma se amostrava
A lisonjeira image' appetecida
Do mar vencido, e descuberto Oriente,
Onde ergue hum throno a Lusitana gente.

Eis por entre o negrume, e tréva escura
Rompe hum novo clarão, que vence o dia,
E se lhe antólha singular figura,
Que dos claros reverberos rompia:
D'habito estranho, estranha formosura,
Qual nunca pinta a humana fantasia;
Mostra descer dos Ceos, dos Ceos mandada,
E ao Rei trazia insólita embaixada.

Grave Matrona, que sentada vinha
Na espadua d'Elefante acobertado,
(Com passos soberbissimos caminha,
Do peso que em si traz como ufanado:)
Dos hombros de alabastro em ondas tinha
Pendente hum manto Imperial, faxado
Que entre verde reluz de prata, e d'ouro:
Hum sceptro tem na mão, na frente hum louro.

Ao modo Oriental tinha patentes
O cóllo, o seio virginal; brilhavão
Nelle os colares de rubins ardentes,
Que labaredas rubidas vibravão;
Manilhas de safiras refulgentes,
De espaço a espaço, os braços lhe abrochavão,
Grossos fios de pérolas lhe enleão
Os cabellos finissimos, que ondeão

Da camilha de purpura se desce
Ante o Monarcha attonito, assombrado;
Dá-lhe o louro, que a frente lhe guarnece,
Que assim lho manda, e lho decreta o Fado:
E, encurvando o joelho, lhe offerece
Aureo cofre de joias atulhado;
E a clara, e doce voz hum pouco alçando,
Taes palavras lhe diz com gesto brando:

Asia sou, Grão Monarcha, e fui da terra
Mestra, e senhora hum tempo; e tão famosa
Nas doçuras da paz, no horror da guerra,
E fui mãi da Sciencia, e fui ditosa:
E dentro em meus confins inda se encerra
O resto, o nome, a fama gloriosa
Do Persa, do Chaldeo, do Assyrio Imperio,
A quem foi termo o termo do hemisferio.

Ao Templo da immortal sabedoria
Lancei primeiro a base mais segura,
E quanta, a Grecia vio, Filosofia
A luz tirou de mim brilhante, e pura:
O Egypcio me buscou, de mim sabia
Escondidos arcanos de Natura;
E a, que devassa os Ceos, arte, ou sciencia,
De mim teve o principio, e teve a essencia.

Asia sou finalmente, dos undosos
Ganges celeste, e Indo retalhada,
Que, não tributos, guerra aos espumosos
Mares levão co'a lynfa prateada:
Em mim aos Ceos erguêrão alterosos
Muros, co'a fronte excelsa, e torreada,
Persépolis, e Tyro, e Babylonia,
Que as cinzas tem do Heróe de Macedonia.

Meu poder te offereço, e meus thesoùros,
Por hum Decreto do Motor divino;
Vôa a cingir-te de supérnos louros,
Do mar cortando o campo crystalino:
Vai, e humilha a cerviz d'infestos Mouros,
Embraça o forte escudo diamantino,
De lá tão longe chama-te a victoria,
E a estrada mostra ao Templo da Memoria.

Vê como brilha Alcaçar luminoso
Entre nuvens n'hum monte alcantilado;
Caminho estreito, e íngreme, e fragoso,
Franquea o passo ao pórtico sagrado:
Tem entrada sómente o Heróe famoso,
Se virtude, e valor marcha a seu lado;
Olha entre poucos como brilha augusto
Teu, de louros cingido, excelso Busto.

Olha os Heróes de Grecia, olha os de Roma,
Como entre luz immensa resplandecem,
Como de flores immortaes a cóma,
Da Poesia os Genios, lhes guarnecem:
Mais pomposo, e subido aquelle assóma
Entre tantos, que as Musas engrandecem;
Tem sobre a Esféra posta a mão robusta,
Volve aos Astros, aos Ceos a fronte augusta.

Conhece o sabio Henrique, illustre filho
Do grão Libertador da Lusa terra,
Que proseguindo dos Heróes o trilho,
Deo paz a Portugal, e á Libya guerra:
Da Lusitana gloria augmenta o brilho,
As Ilhas descobrio que o mar encerra;
Devassando o Atlantico profundo,
Mostra á Europa assombrada hum novo Mundo.

Não feches os ouvidos aos clamores
Com que do excelso Templo elle te exhorta,
As pizadas seguindo a teus Maiores,
Sem susto os campos de Anfitrite corta:
A mais nobres triumfos, e a melhores,
O destino propicio eis te abre a porta;
Dilata ó nome teu pelo hemisferio,
Funda, maior que Roma, hum novo Imperio.

Emmudecendo a enfática Figura,
Aos olhos do Monarcha se esvaece;
Julgou que era illusão da noite escura,
Ou mentiroso sonho lhe parece;
Eis que de novo luz brilhante, e pura,
A seus despertos olhos resplandece,
E vio, não sem temor, do ar abrazado
Baixar tranquillo o Mensageiro alado.

Pálido treme, a magestosa frente
Ficou de hum suor gélido banhada,
Vendo o rosto gentil resplandecente,
De viva luz a veste circumdada:
A voz quiz levantar, mas de repente,
Nas fauces fica a voz presa, ou truncada;
Em quanto em corpo o espirito s'encerra,
Só póde objectos supportar da terra.

Não temas grande Rei, do assento etherio
Eu sou, lhe diz o Archanjo, a ti mandado;
Venho aclarar recondito mysterio,
Que ha pouco viste em sombras retratado:
Eu mensageiro sou d'eterno Imperio,
Eu conductor do povo libertado,
Quando, já livre das servís cadêas,
Passava em secco as ondas Erythreas.

Ouve a voz do Senhor: a Indiana gente,
D'outros povos, dos teus em vão buscada,
Mandarás descobrir; do mar fremente
Tu vencerás a perigosa estrada.
De par em par a porta do Oriente
Se abrirá para ti, e a levantada
Pelo teu braço immensa Monarchia,
Terá limites onde nasce o dia.

Sem temer dos Arabicos alfanges;
A viva resistencia, a fôrça dura;
Além das margens do soberbo Ganges,
Farás ouvir a lei celeste, e pura;
E, rebatendo barbaras falanges,
Que ordenar de Mafoma a seita impura,
Irás cravar as triumfaes bandeiras
Do astuto China ás ultimas barreiras.

Sobre o Persa alçarás teu braço ousado,
Conhecerá teu sceptro glorioso
De Ormuz o throno, o Reino avassallado,
Nem lá te escapará no seio undoso:
O Nilo, ao nome teu, como assombrado,
No curso parará turvo, e lodoso;
E chegarás com braço triumfante
Inda ao cabeço do Sinay fumante.

...ão do mar de Atlante ao mar Eóo
As armas chegarão do Téjo undoso,
Rivaes do Sol no gyro, e immenso vôo,
As náos irão vencendo o mar furioso:
E quanto illustra o fervido Pyròo
De Lysia o nome escutará glorioso,
Dando-te, em fim, vencido o mar profundo,
Novo, incognito aos seculos, hum Mundo.

Ouro d'Arabia, ardente especiaria
Terás d'Ilhas, que occulta o mar extenso;
Esse, que em montes Nabatheos se cria,
Verás ante o teu sólio arder, incenso:
O, que primeiro vê no berço o dia,
Japão te ha de offertar thesouro immenso,
Os vencidos Ethíopes na guerra
Verás prostrados remordendo a terra.

Então o Archanjo o braço soberano
Alça, e lhe mostra hum globo illuminado:
Oha o paiz, que, pelo immenso plano,
Fo pelos teus té agora em vão buscado:
Ragar o seio ao Indico Oceano
Jámis aos povos Europeos foi dado;
Poiso Ceo para ti taes bens reserva,
Da rande empreza a estrada attento observa.

Teus olhos pela escura Africa estende,
Do lado Occidental, que o mar rodêa,
Por onde sempre a prumo o Sol accende,
Com perpétuo verão, torrada arêa:
Da serra dos Leões, que as nuvens fende,
Té onde espraia o barbaro Gambêa,
E por onde se encurva, e estende ao longo,
Pestífera Benguela, ardente Congo.

Avante vai correndo as ondas frias,
Té onde sobranceiro ao turvo Oceano,
S'ergue o Cabo fatal, que, com sombrias
Tempestades, póe termo a esforço humano:
De teu predecessor nos aureos dias
A audacia aqui chegou d'hum Lusitano,
E aqui, como indignada, a Natureza
Toda se oppoz á gente Portugueza.

Desta baliza aterradora passa
Heróe, que has de mandar, do tormentoso
Cabo enlestando os muros de Mombaça,
Ha de achar mar sereno, e bonançoso:
Co' o Melindano Rei commercio enlaça,
E, a despeito do Mouro cavilloso,
Largando as vélas por ignotos mares,
Ao Reino ha de aportar dos Malabares.

Vez o monte Emaús? Serena, e fria
Delle se escôa vivida torrente;
Na carreira, que avança, ao meio dia
Entra no seio do Oceano ingente.
Da serra d'Alanguer negra, e sombria
Rompe outro igual, q' busca o claro Oriente;
Ambos co' a doce lynfa o mar abrindo,
Este se chama o Gange, aquelle o Indo.

Os extensos páizes, que encerrados
Tu vez entre estas limpidas correntes,
Onde ℘ Reinos, e Imperios sublimados
Estranhos povos tem, e estranhas gentes;
Que nem de Roma os monstros esforçados
Virão jámais ao jugo obedientes,
Temem teu sceptro, teu poder respeitão,
E submissas do Téjo as leis acceitão.

O Ceo te mostra o incognito caminho
Jámais sabido, nem trilhado d'antes;
Mortal não pôde no cavado pinho
Domar a furia ás ondas espumantes:
Que só devem sahir do Luso ninho
Com braço armado mil Heróes prestantes,
Que por decreto de eternal concelho
Fação brilhar a tocha do Evangelho.

E do Globo na parte opposta, aonde
Te parece que o Sol seus resplendores,
Atufado no mar, sepulta, e esconde,
Ver-se-hão tambem teus lenhos nadadores:
Quem ha que abysmos tão profundos sonde?
Inda tempo ha de vir... Teus successores,
Assustados, fugindo á Europa em guerra,
Reino immenso farão d'immensa terra.

Vôa a cingir-te de brilhante louro,
Que o Supremo Senhor te patentêa
A estrada para incognito thesouro,
Que fecha, e guarda a região Sabêa:
Mandas teu nome ao seculo vindouro
Em sagrados padrões vejo Ulissêa,
E co' os dons do Oriente eu já contemplo
Erguer-se ás nuvens magestoso hum Templo.

O grande Archanjo seu discurso absolve;
Qual meteóro ardente, e luminoso,
Que subito se apaga, e se dissolve,
Rasgando á noite o manto luctuoso;
Foge aos olhos do Rei, que attento os volve,
De hum lado, e d'outro extatico, e gostoso;
E o resquicio da luz, que inda o rornêa,
Faz com que á vos do Ceo se humilhe, e crêa.

A luz primeira vívida raiava
Já no accezo Oriente, e a branda Aurora
De arroxados listões os Ceos faxava,
Precursores da tócha animadora:
O repouso do thálamo deixava
O pensativo Rei, e humilde exóra
O Supremo Senhor do ethereo assento,
Que ás promessas, que fez, dê complemento.

Barões d'alto conselho então convoca,
(No magestoso throno Elle se assenta)
E no lugar, que ao titulo lhe tóca,
Hum após outro em ordem se apresenta:
Pendente fica da sublime boca
Toda a assembléa no silencio attenta,
Meneando com enfasi a cabeça,
Em voz pausada, e grave o Rei começa.

Quiz a suprema Lei do Omnipotente,
Que eu fosse ao throno Portuguez chamado;
Acclamação geral da Lusa gente
Quiz pôr em minhas mãos sceptro pesado:
E vós, sabeis que ao lúcido Oriente
Fôra o passo até agora em vão tentado;
Mas, em fim, quer o Rei do throno etherio
Seu Nome alli plantar, e o novo Imperio.

Para tentar a perigosa empreza
Vigor do Ceo me fortalece o braço;
Que, em fim, não póde a fragil natureza,
Sem auxilio dos Ceos, mover hum passo:
He destinada a gente Portugueza
A unir dois Mundos em constante laço,
E, confiando a vida a hum fragil pinho,
Abrir da India o incognito caminho.

Assim decreta o Ceo, e ao referillo,
De espanto, e de terror se turva a mente;
Eu digno fui de o ver, digno de ouvillo
Ao Ministro de hum Deos Omnipotente:
Era dos Ceos a voz, dos Ceos o estillo,
Que imitar nunca pôde a humana gente;
Entre as sombras brilhou da noite escura
A clara luz d'Angelica figura.

Dignos filhos d'Heróes, que os empolados,
E, á força dos mortaes, impervios mares
Tentastes já nos lenhos esquipados,
Sem temor de perder da vista os lares:
Se escrito em livros he de eternos Fados,
Que a Frota Lusa chegue aos Malabares,
A' gloria, que em desejo o peito inflamma,
Juntai, juntai a voz de hum Deos, que chama.

Não póde já do Luso o invicto peito
Transgredir as balizas do Thebano?
E não julgou da Europa o campo estreito,
Não foi grilhões lançar ao vasto Oceano?
Quem, qual raio na força, e qual no effeito,
Foi tirar Ceuta ao jugo Mahometano?
Deixando a Libya attónita, e confusa,
Quem foi romper os campos de Ampelusa?

Não dilatámos pela adusta arêa
Da costa Occidental da Africa ardente,
Além da foz do barbaro Gambêa,
O nome, e gloria á Lusitana gente?
Quem nosso esforço heroico encadêa?
Não nos cede Neptuno o azul tridente?
Rasgue-se o seio á mádida Anfitrite,
Não seja o Cabo austral nosso limite.

De huma brilhante luz hum raio assóma,
Que a meus olhos já mostra a Lusa gloria,
Que, muito acima dos Heróes de Roma,
Já nos conduz ao Templo da Memoria.
Tudo vence a constancia, o esforço dóma,
Ennobreçamos a vindoura Historia;
O que Cesar não vio, não vio Trajano,
Veja, consiga, exceda hum Lusitano.

Mais quizera dizer; e hum murmurío
Se escutou dos Heróes no ajuntamento,
Qual no ameno vergel basto, e sombrio
Costuma ás vezes produzir o vento:
Qual entre pedras sussurrante rio
Vai formando com leve movimento;
Mas ergue a voz segura o invicto Gama,
E, acatando o seu Rei, dest'arte exclama.

Senhor, se acaso póde hum peito ousado
Ir ultimar a empreza gloriosa,
A despeito do vento, e mar irado,
Deixai que eu vá cortar a estrada undosa:
Natureza se opponha, e opponha o Fado,
Irei transpôr a méta perigosa;
Assoberbando turbidas procellas,
Irei vêr outros Ceos, e outras estrellas.

Irei firmar o inclyto estandarte
Onde primeiro o Sol derrama o dia,
E correrei com elle á extrema parte,
Onde chega co' os braços Thetis fria:
Nem pequeno comigo o Ceo reparte,
Provado o tenho; esforço, e valentia
Farei por vos servir, que em paz, e em guerra,
Thúle não seja ao Mundo ultima terra.

Se eu for achar medonha sepultura
Nos abysmos dos mares procellosos,
Se opposta aos votos meus for a ventura,
Sempre inimiga dos Heróes famosos;
Eu levo a recompensa já segura,
De si são premio os feitos portentosos;
Pois fica honrada a humana natureza
Em querer, em tentar tamanha empreza.

Satisfeito abandono o patrio ninho,
E entrego a vida a fluctuante lenho;
Onde he mais arduo o líquido caminho
Eu porei mór esforço, e mór empenho.
Quantas vezes do mar, n'hum fragil pinho,
Soltas tormentas contrastado eu tenho?
Se he voz do Ceo, se he vosso o mandamento,
Terei propicio o mar, propicio o vento.

E, se por vos servir não posso tanto,
Vejo em torno Barões assignalados,
Que em virtude, e valor me excedem quanto
Rasteira planta os cedros levantados:
O medo vencerão, terror, e espanto,
Que a tantos causão mares não trilhados,
Trocar desejão vida transitoria
Por fama eterna, e perennal memoria.

Qual já n'outr'ora Scipião valente
Ouvio do Povo festivaes clamores,
Quando a guerra, e grilhões á Libya ardente
Hia levar nos lenhos nadadores:
Tal do sublime Rei da Lusa gente
Escuta o Gama applausos, e louvores;
E d'ante mão gyrando a eterna fama,
A alta frente do Heróe de louro enrama.

E similhante ao fluido, e pequeno
Vapor, que desde a terra aos ares tende,
Que pelo espaço limpido, e sereno
Quanto se eleva mais, se engrossa, e estende:
Tal pelas margens vai do Téjo ameno,
Maior corpo tomando, e inflamma, e accende
No amor da gloria a gente Portugueza;
Toda abençôa a projectada empreza.

Valerosos mancebos se offerecem
A guarnecer as faias encurvadas,
De emblemas, de divisas se guarnecem
Pomposas vestes, gorras levantadas:
Na voz, no gesto, alegres apparecem
Pelas húmidas praias dilatadas;
Impresso se descobre em cada frente
Hum fausto auspicio do vencido Oriente.

FIM DO PRIMEIRO CANTO.

GAMA.

CANTO SEGUNDO.

Desce dos Ceos, Caliope, e me ensina
Quantos forão Heróes, que se atrevêrão
Ir affrontar a estrada crystalina,
Quantos tão ardua empreza accomettêrão:
Ao som da tuba altisona, e divina,
Dize quantos ao vento as vélas dérão,
Quantos a Lusa gloria sublimárão
Na estranha terra, e mar que avassalárão.

Segue o grande Argonauta, que tivera
Natal no Reino aonde illustre Infante
A victorias navaes principio déra,
Pouco a pouco cortando o mar d'Atlante;
Onde, baixando da celeste esfera,
A' Europa esconde o disco o Sol brilhante,
Paulo navegador sabio, e prudente,
Bem digno Irmão do Capitão valente.

Com elle vai Pacheco, que ensaiando
No mar o firme peito á guerra andava,
Que sorte dura, e fado miserando,
Premio d'altos triumfos, aguardava:
O intrepido Tristão, que irá levando
Ferro, e fogo de Libya á costa brava,
O Joven, mas intrepido Menezes,
Que Ceuta víra vencedor mil vezes.

Veloso o lidador, e o namorado
Leonardo infeliz, que nunca hum gosto
Vio do tyranno Amor jámais vingado:
Descobre a dôr na palidez do rosto
Grito de affecto mal affortunado,
Por triste emblema traz de seu disgosto,
Na gorra em aurea lamina esculpido,
Quasi submerso o nadador de Abydo.

De grande sizo intrepido Coelho,
Profundo entendimento, e braço ousado,
De prudencia, e valor lúcido espelho,
Em duvidosos trances escutado:
Nunes inda robusto, e illustre velho,
A's turbidas procellas costumado,
E Pedro d'Alenquer, d'Urania filho,
Que, ao pólo attento, mostra ás náos o trilho.

Tu, mais que todos, digno de alabastros,
Vences Tifys, Jasões, que conduzírão
A náo que fora levantada aos Astros,
Com que de Colchos o caminho abrírão:
Tu, qu' a Albuquerques, Ataydes, Castros,
Que o Indo, e Ganges vencedores vírão,
Rompeste a estrada para o etherio assento,
Eu te salvo do escuro esquecimento.

Se dão nome ás Canções, com ellas suba,
Nos versos meus, teu nome á eternidade;
Do tempo a mão, que os marmores derruba,
Nunca o sepulte em triste obscuridade:
São dignas só da voz d'épica tuba
As acções que dão preço á humanidade;
Se Cook tem lugar no eterno Templo,
Com mais razão teu busto alli contemplo.

Estes são os Heróes, que os altos fados
Seguem do Gama á expedição famosa;
Possantes náos com pannos envergados,
Assombrão de Rastello a praia undosa:
Nos tópes galhardetes ondeados
Dão signal da viagem perigosa;
Dos nautas a celeuma, e movimento,
Parece aplaina o mar, e apressa o vento.

Em quanto as altas náos da curva prôa
Lançado o ferro tem na funda arêa,
E o cavo bronze os ares não atrôa,
Mandando abrir a crystalina vêa:
Em cuidados extática Lisboa
Parece estar de espanto, e assombro chêa,
Voando o feito vai de boca em boca,
A todos enternece, a todos tóca.

Pela encosta dos montes empinados,
Que ás curvas praias ficão sobranceiros,
Em chusma mudos vão, como assombrados,
Os naturaes de Lysia, os estrangeiros:
Tenros meninos, velhos encurvados,
Com dubio esforço, intrepidos guerreiros,
Donzellas cheios d'agoa os olhos bellos,
Murchas as faces, soltos os cabellos.

Em quanto, ao mar os olhos alongando,
No feito o povo está como abysmado,
E os pendões vê nas popas fluctuando,
E o panno já da antenna desfraldado:
D'entr'elle hum velho austero, e venerando,
Dos decadentes annos amestrado,
Meneando com enfase a cabeça,
Co' o braço ás náos aponta, e assim começa.

Cêga, louca ambição, que em teus altares
Te apraz ver fumegando o sangue humano,
A quem d'extinctas victimas milhares
Não abastão jámais furor insano:
Vai, contente sepulta em turvos mares
O esmalte, a flor do povo Lusitano;
Em quanto a Patria chora, a sede impîa,
Vôa, e no sangue dos Heróes sacîa.

Eis o parto do amor de infausta gloria,
Do desejo quimerico de hum nome,
Bronzes, estatuas, inscripções, memoria,
Que tudo o tempo voador consome:
Vede, que a têa á vida transitoria
A morte corta, a sepultura come;
Nem já podem ouvir dentro das urnas
Louvor, e applauso as cinzas taciturnas.

O fero coração de hum Tigre Hircano
Tinha dentro do peito empedernido
Mortal, que ousou sulcar o turvo Oceano,
Vasto Reino do vento embravecido:
De triplicado bronze, e d'aço, o insano
Tinha, por certo, o coração cingido,
Que pôde em frageis lenhos fluctuantes
Vèr, nos rolos do mar, monstros nadantes.

Horrenda fome de ouro . . . E na garganta
Lhe fica a voz já trémula embargada,
E a viva dôr, que o peito lhe quebranta,
Não lhe consente proferir mais nada:
Nisto, furores todo, a voz levanta
Africano guerreiro, e aperta a espada,
E com pezado tom, que esforço indica,
A mágoa que o devora, assim publíca.

Oh deslumbrados Lusos! Se o desejo
De estender mais o termino, o limite
Do ninho paternal vos rouba ao Téjo,
Pelo Imperio da mádida Anfitrite;
E se com tanto afan correr vos vejo
D'alta fama ao mortifero convite,
Não tendes perto os muros d'Ampeluza?
Toda a Libya de frôxos vos accusa.

Quereis ganhar na guerra a palma, o louro,
Premio que adorna dos Heróes a frente?
Vede que impune o Cavalleiro Mouro
Campêa, e insulta a Lusitana gente:
Em barbaro poder jaz hum thesouro,
Grão Sepulchro de Christo os ferros sente,
Escrava vil, gemendo, a Palestina
Ao nome, á gloria a estrada vos ensina.

Ide acossar o barbaro Ottomano,
Senáo cabeis no Téjo, ao turvo Oronte
Ide arrancar o jugo de hum Tyranno,
Cingi dos louros seus a Lusa fronte:
Alli se busque Imperio Soberano,
O ferro, o fogo, a morte alli se affronte;
Se huma gloria immortal vos bate á porta,
Quem a seguir a incerta vos exhorta?

Carpia a tenra tímida Donzella,
Co' o rosto em turvas lagrimas banhado,
Quando vio desfraldada a branca véla,
Que ha de levar-lhe o amante em vão chorado:
Terno amor já lhe pinta atroz procella,
Já vê-lo crê nos escarcéos levado,
E o Téjo, que os suspiros lhe escutava,
Surdo a seus ais, n'arêa se enrolava.

Na grande empreza o Rei cuidoso, e attento,
Em temor, e esperanças repartido,
Volve a hum lado, a outro lado o pensamento,
De paternaes cuidados combatido:
Armas, presentes, munições, sustento,
Tudo era ás náos velívolas trazido,
Lê no rosto dos nautas o desejo
De dizer terno adeos á Patria, ao Téjo.

De piedade escoltado ao Templo vôa,
Onde troféo depois mais eminente,
Assombro d'arte, e gloria de Lisboa,
Levantar deve á Mãi do Omnipotente:
Onde se escuta ainda, onde ressôa
Alto pregão do debellado Oriente,
Orar a hum Deos, que a empreza favoreça,
Que hum Anjo tutelar do Empyreo dêça.

Em quanto o Eterno Rei dest'arte invóca,
Dos fortes nautas o esquadrão famoso
A's ceremonias ultimas convóca,
Co' horrendo som do bronze estrepitoso:
Já nos ares rebomba, e fere, e tóca
Grandes, e o povo humilde, e temeroso;
A todos foge a côr do frio aspeito,
E bate incerto o coração no peito.

O Gama á frente da Falange vinha,
A quem gloria immortal reserva o Fado,
Na cinta a espada fulminante tinha,
Nas mãos robustas o bastão dourado:
E tão seguro, e impávido caminha,
Com portamento, e gesto socegado,
Que de exito ditoso hum claro indicio
Nelle mostrar parece o Ceo propicio.

Ao Templo chegão; divinal mysterio,
No altar s'offrece ao Padre Omnipotente,
Hostia incruenta, que do assento etherio
Veio a culpa remir da humana gente;
Que entre nós quiz morar com doce imperio,
Té que o Mundo consuma o fogo ardente:
O Rei junto do Altar ao illustre Gama,
Co' a bandeira na mão, dest'arte exclama.

Este o Pendão; e a teu valor se entrega,
Com elle a honra, e nome Lusitano:
Vai, não temas a sorte, e o mar navéga,
Té onde espraia o Indico Oceano:
Affronta o fado, a morte, e as ondas, chega
Onde não foi jámais poder Romano,
Mostra ao Mundo outro Mundo, e á Lusa gente
Dá novo Imperio no domado Oriente.

Torna-lhe o invicto Gama: Em quanto o alento
Da vida me assistir no mar, na terra,
Jámais, Senhor, vereis o abatimento
Deste Estandarte Luso em paz, ou guerra:
Irei vencer no túmido elemento,
Quantos trances fataes Fortuna encerra,
E farei que, vencido o mar profundo,
Inveja seja Portugal do Mundo.

Disse : e o clamor do povo de Ulissêa
Ferio, subindo, os astros refulgentes;
Caminhão todos, pela ruiva arêa
Vão derramando lagrimas ferventes:
Atraz hum velho olhando ao Ceo vozêa,
(Voz que quebranta os animos valentes)
Hum velho Sacerdote a Deos acceito,
E circumfusa luz lhe assombra o aspeito.

Patente a todos foi o ardente lume,
Quando dos beiços trémulos rompia
A voz, e o brado do Supremo Nume,
A encanecida frente sacudia:
Do Olympo olhando ao luminoso cume,
Em divinal transporte se diria,
Que o transportado espirito voava,
E lá dos Ceos, dest'arte a voz soltava.

Que he isto, oh Povo Luso! A escura gente
Da morte á sombra horrifica sentada,
Vê brilhar hum clarão, vê tocha ardente,
Do turvo Occaso para alli levada?
Eis rompe, eis sahe do Téjo transparente,
Luz que afugenta a noite carregada;
Pendente hum Deos na Cruz se crê, se adora
No Ganges, berço da punicea Aurora.

Anjos velozes em cavados pinhos,
As brancas azas despregando ao vento,
Lá vão, lá cortão líquidos caminhos,
Onde o dia, onde o Sol tem nascimento:
Deixão contentes os paternos ninhos,
Lá vão levando a luz do etherio assento;
Eis confusa se abate, e em cinza fria
Lá cahe desfeita a torpe Idolatria!

Oh, que potente Imperio levantado,
Vê, maior que os que víra, a terra Eóa!
O Indo, o Hydaspe, o Ganges subjugado
Treme, se dicta as leis, e impera Gôa!
O féro Arabio, o Persa avassalado,
Manda d'Ormuz tributos a Lisboa!
Eis cruzão raios de sanguinea guerra,
Diante delles emmudece a Terra!

Da opulenta Malaca o Imperio ingente,
Da queimada Ethyopia a adusta praia,
Dio, immortal brazão que eleva a frente,
Quebrado escudo ao Sceptro de Cambaia:
Destemido Malaio, o Jáo valente,
De susto enfia, de pavor desmaia,
Extremos Chins, Japões, humildes vejo
Ao ferro, aos raios, que lhes manda o Téjo!

Nas ribeiras do Ganges, verdejantes
Brotão, vicejão Palmas, que algum dia
Hão de pezar nas dextras triumfantes,
Que lanção base á nova Monarchia:
Cahem decepadas frentes arrogantes
Da raça de Ismael soberba, e impîa,
Vendo os rompentes esquadrões, recúa,
Como eclipsada, de Bizancio a Lua.

Ide invictos Heróes, que o Ceo vos clama,
Da eterna dextra eternos instrumentos,
Dos Ceos escuto a voz, eis brada, eis chama,
Sinto aplainar-se o mar... calão-se os ventos:
Soberba, Inveja se remorde, e inflammá,
Nos sulfureos, Tartareos aposentos;
Ergue a turba infernal, medonha grita,
Debalde estragos contra vós medita.

Desfeitas tempestades horrorosas,
Penedos de naufragios infamados,
Cégas voragens, Syrtes arenòsas,
Climas ardentes, Climas congelados:
Soltos tufões, tormentas espantosas,
Mares subindo aos Ceos, mares cavados,
E quanto mal vomita o escuro Inferno
Vence quem segue a voz, e a Lei do Eterno.

Ide dar nova face á Europa, ao Mundo,
A Luso esforço foi dada a victoria
Do não sulcado mar vasto, e profundo,
Por esta estrada caminhais á gloria:
A nobres peitos o clamor jucundo
Da Fama he sempre, e posthuma memoria;
Ide, que em luz immensa absorto eu vejo,
Que já triumfantes retornaes ao Téjo.

Motor Eterno sobre vós vigia,
E pela estrada de não vistos mares,
Co' a mão potente, e próvida vos guia:
O Imperio descobri dos Malabares,
Chegai ao berço d'onde nasce o dia;
Que eu vou sobre os thuricremos altares,
Que hum Deos o pede para ser propicio,
Offertallo a si mesmo em sacrificio.

Em silencio ficou. Qual transparente
Mimoso orvalho, que das nuvens desce,
E ao fruto sazonado, á flor nascente
O aroma augmenta, o cálice humedece:
Tal o esforço, e valor na Lusa gente,
Co' a santa voz fatidica recresce;
Já com mais doces lagrimas se avanção,
E em ligeiros batéis as náos alcanção.

Soltas as vélas, a potente Armada
Toda se espelha na corrente fria,
Serena corre, mansa, e socegada,
Sereno estava o Ceo, sereno o dia:
Sôa o trovão, e a nuvem carrégada,
Da explosão da vulcanea artilheria,
Toldando hum pouco o ambito dos ares,
Medonhos échos reproduz nos mares.

Cessa o rebombo, e o nauta do arenoso
Fundo arranca o tenaz, e ferreo dente,
Eis subito se encrespa o mar undoso
Co' a bafagem subtil do claro Oriente:
Hum brado então se ouvio terno, e mavioso,
(Quasi que pára a ouvillo a azul corrente;)
Em quanto o povo se suspende absorto,
Incha as vélas o vento, e foge o porto.

Pela encurvada praia as mãis errantes,
Solto o cabello, os rostos lacerados
Envião, mas debalde, ás espumantes
Ondas inuteis ais, e inuteis brados:
As velívolas náos, arfando óvantes,
Se engolfão mais nos mares azúlados;
A vista cança; e busca incerta aonde
Já n'Horizonte a Armada se lhe esconde.

Quasi na foz do Téjo, onde se erguia
Sobranceiro hum penedo, onde fervendo
Em cachões o mar túmido batia,
Grossos rôlos de espuma ao ar erguendo:
Huma Donzella está, e a dôr se via
Dentro em seus olhos lagrimas vertendo,
O corpo immobil, taciturno, e quedo,
Julgar-se póde parte do penedo.

Só lhe ondea a madeixa ao vento dada,
Mais escura que os ébanos lustrosos,
A luz dos olhos languida, e turvada,
Quaes eclipsados astros luminosos:
Sem purpura na face, e desmaiada
A viva côr dos labios graciosos,
E a dôr que a punge penetrante, e activa,
O alvor da neve no seu cóllo aviva.

Tão bella a Deosa não se vio de Gnido,
Quando na concha azul sulcava o Egêo,
Nem foi tão bella co' o Troiano infido,
Fugindo a nóra do infeliz Atrêo:
Por quem da infausta Troia o muro erguido,
Entre chammas sacrilegas ardeo;
Como Ignez, que no peito amor encerra,
A paz dos homens, e dos homens guerra.

A mágoa a conduzio, o amante chora,
Surdo a seu pranto, e brados maviosos,
Debalde os Ceos, a terra, o mar implora,
Debalde estende os braços melindrosos:
Póde no amante a image' encantadora
Da gloria mais, que os laços amorosos;
Rompe a dôr o silencio alto, e profundo,
E com taes queixas enternece o Mundo.

Suspende o passo, ó pérfido, e a teu lado
Ao menos vê que expiro, e acabo amante,
E que o soluço extremo, o ai magoado,
Posso em teus lábios exhalar constante:
E se te apraz do coração rasgado
Ver tufar, ver correr sangue espumante,
Amor, Desprezo me sustenta o braço,
Que a ti da vida o sacrificio eu faço.

Foi hum pérfido, oh Ceos, falso, e perjuro,
Quem se atreveo primeiro em leve faia
Abrir do mar o campo mal seguro,
E perder sem temor da vista a praia!
Ceos! Vingai minha dôr, no ingrato, e duro,
O raio justiceiro estalle, e caia...
Mas viva, e veja amante fugitiva
Deixar seus braços; .... desprezado viva.

A voz se troca em ais, e hum pouco a frente
Inclina para o mar muda, e suspensa;
De hum lado falla amor saudoso, ardente,
E d'outro lado escuta a voz da offensa:
Esta lhe diz que morra, e de repente,
Vive, lhe diz d'amor a chamma intensa,
Entre doce affeição, vingança, e ira,
Treme, ulula, enregela, arde, e delira.

Dido exclamára assim: Que temo oh sorte?
Recusa o coração, recusa o braço!
He digno de morrer quem teme a morte,
Rompa outra vez Amor da vida o laços:
Em negra sombra, em extase, em transporte
Já dos olhos lhe foge o lume escaço,
Hum novo sacrificio, hum novo estrago
Veja o Téjo, de Amor, qual vio Carthago.

Disse, e lançou-se ao mar: como assustadas,
Súbito as negras ondas recuárão,
E ao longe em rolos tumidos formadas,
Ao funesto espectaculo parárão:
Té parece que ás lapas recurvadas
Feios monstros do mar se retirárão;
Inda sorte melhor, mais branda estrella,
Teve Arião, que a misera Donzella.

Digna foi de perdão, se o rigoroso
Fado soubesse resentir piedade;
Sôa ao longe no mar hum lastimoso
Pranto, qual se escutou na antiga idade
Nas ermas praias de Leucate undoso,
Do Lesbico Alaúde inda saudade
Naquellas penhas dura, inda confusa
Quasi s'ouve carpir de Sapho a musa.

Amor, Numen cruel, que em teus altares
Gostas de ver fumando o sangue ondeante,
Farta huma vez de pranto em turvos mares
Essa que sentes sêde devorante
De estragos, mortes, sem razões, pezares;
E o triste nome da infeliz amante,
Que nò abysmo do mar sepulchro teve,
Junto ao nome de Sapho, e Hero escreve.

Junto ao daquella, que do infido Enéas
Vio ir cortando a frota o mar salgado;
Que inda das altas torres, das amêas,
Chamou por elle com saudoso brado:
Que, indignada da affronta, às fundas vêas
Rasgou com duro ferro alli deixado;
Quando da mágoa, e da traição vencida,
Aos Manes de Sicheo tributa a vida.

FIM DO SEGUNDO CANTO.

GAMA.

CANTO TERCEIRO.

Em tanto as náos cortando o salso argento,
Do Atlantico mar co'a aguda prôa,
Sereno, e claro o Ceo, fagueiro o vento,
Incertas vão buscando a terra Eôa:
Nem d'alta gávea o marinheiro attento,
Vêr já podia os montes de Lisboa;
Tanto s'engolfão já pelo Oceano,
Que ávante passão métas do Thebano.

Vigilante Alemquer co' o leme duro
Aos arfantes baixeis a estrada abria,
E nos ermos do mar certo, e seguro,
Os conhecidos rumos escolhia:
Quando desdobra a noite o manto escuro,
A vista aos astros fulgidos volvia,
Ora vencendo a furia ao bravo Eólo,
Ora medindo a altura ao fixo pólo.

Os campos de Anfitrite a Armada corta,
E a tudo o Gama attento, e providente,
Ao valor, á constancia os seus exhorta,
Mostrando da virtude o premio ingente:
Mas a Infernal Soberba mal suppórta
A victoria, os troféos da Lusa gente,
E d'antemão na acceza fantasia,
Do proprio Imperio, e throno estragos via.

Sobre hum volcão de enxofre esbrazeado,
Que aos ares densos lança horrenda chamma,
O Archanjo da Soberba está sentado,
E até n'horror do Inferno horror derrama:
O rosto horrendo tem cicatrizado
Inda dos gelpes da trisulca flamma,
Dos olhos onde ferve orgulho, e ira,
Mortes, crimes, catástrofes respira.

A primigenia luz, serena, e pura,
Que lhe ornára n'Olympo hum tempo a frente,
Existe, mas qual he turvada, e escura,
Do claro Sol a face refulgente,
Quando Cynthia, interposta á terra dura,
Aos olhos nos encobre o disco ardente.
D'Hydras tecido hum sceptro a mão sustenta,
E a vista gyra seva, e truculenta.

Raios, fumo exhalando, a voz levanta;
Que tremer faz as infernaes cavernas,
Monstros, Furias, e Górgonas espanta,
E fazem pausa as penas sempiternas:
He possivel que tenhas força tanta,
Ser Immortal, que o Mundo, e os Ceos governas,
(Blasfema, horrenda voz) que inda desejes
Mandar no abysmo, que meu Reino invejes?

Depois que quiz ... não sei se a lei do Fadó
(Minha fraqueza não) q' eu não podesse
Subir do Olympo ao throno levantado,
Que além dos astros fulgidos me erguesse;
Nem tanto escravo, tanto avassallado
Eu pude ser, que as métas não rompesse
Da noite eterna, o Cháos vadeasse,
E minha injúria atroz no Eden vingasse!

Depois o Imperio meu entre as ardentes
Chammas firmei da pálida morada,
Nem das trisulcas settas estridentes
Tive no Inferno que temer mais nada:
A meu potente sceptro obedientes
Eu tive os Anjos, turba rebellada,
Com elles pôde meu valor supérno
O Imperio dilatar do escuro Inferno.

No Cháos lancei ponte, e ousado, e forte,
O primeiro mortal fiz desgraçado,
He filha minha a inexoravel Morte,
E deo-lhe o Mundo o Déspota Peccado:
Mudou-se meu destino, e infausta sorte;
Quanto aclara na terra o Sol doirado,
Altares me levanta, e queima incenso,
He meu dominio, meu imperio immenso.

De hum eterno rival desprézo a gloria,
Eu Monarcha de hum Mundo independente,
Não fiz a guerra sem obter victoria:
Quem resiste a meu braço omnipotente?
De todo se apagou triste memoria
Do throno que perdi no Ceo luzente,
Compenso a perda da celesta guerra
Com meu Imperio universal na terra.

Mas que estrago fatal, ruina impîa,
Soffreo tão grande Imperio, e tão glorioso!
Derrama o sangue o Filho de Maria,
E os Ceos franquêa o sangue poderoso:
Meu throno vacillou, mas existia,
Inda intacto no Indo, e Gange undoso;
E derriballo estólido pertende,
O Lusitano audaz, que os mares fende?

Indolente o contemplo entre este fogo?
A grandes passos a ruina avança,
Confuso hei de existir sem desafogo
Contra o Ente immortal, que os raios lança?
Soberba eu não serei, se o braço logo
Eu não armar na asperrima vingança,
Eu mesmo os monstros metterei no fundo,
E a desprezar-me não se atreva o Mundo.

Disse, e com tuba orrissona chamava
Dos Genios máos a turba, que o seguira;
Obedecendo as sombras já cortava,
Em torno delle blasfemando gyra:
Na testa da falange a fronte alçava,
A Blasfemia, a Vingança, a Inveja, a Ira;
Vem o Genio das turbidas procellas,
Que o vento solta, e o mar leva ás estrellas.

Ide, brada a Soberba, e o mar salgado
Com força revolvei do escuro fundo,
E nas azas do vento amotinado
Trazei a sombra, o luto, o horror ao Mundo:
E os nadantes baixeis do Luso ousado
Fazei descer ao pélago profundo;
Caia dos eixos seus quebrada a Terra,
E vencedores retornai da guerra.

Mas que digo, infeliz! Tamanha emprêza
He digna só de meu potente braço,
Eu devo só da gente Portugueza
Suspender, e vedar o indigno passo:
Regei no entanto o Imperio da tristeza,
Vou lançar-me do Inferno ao etherio espaço,
E cahindo do Sol nos turvos ares,
Será minha a tormenta, e meus os mares.

Já do sulfureo pélago se alçava
O horrendo monstro co' a Vingança ao lado,
Entre os ferventes turbilhões deixava
Vazio o throno do Tartareo Estado:
Qual turbido Cometta o ar rasgava
Circumfuso no Inferno, e chega ousado
Do escuro abysmo ao portico espantoso,
Força as guardas fataes, rompe furioso.

Já dos Mundos o immenso espaço talha,
E offusca Soes, e Soes no Firmamento,
Co'a sómbra espessa, que voando espalha
Dos Orbes pára eterno movimento:
Suspende o vôo horrendo onde se qualha,
N'athmosfera o granizo, e sopra o vento,
E co'as immensas azas, que equilibra,
Quasi huma noite fórma, e os raios vibra.

Cortava a léda Armada os vîtreos mares,
Tufando o panno favoravel vento,
Nuvens não pouzão nos serenos ares,
Descobre a vista todo o Firmamento:
Hião defronte dos adustos lares,
Onde o Jalofo pasta o gordo armento,
E folga a gente alegre, e não cuidósa
Da tempestade proxima espantosa.

Brama o Soberbo Espirito affrontado,
Vendo a undivaga Armada que veleja,
E ao já terrivel coração ralado,
Dá novas furias peçonhenta Inveja:
Subito as nuvens chama, e vento irado,
E acodem promptos á fatal peleja,
Grossos vapores pelo espaço estende,
No bojo a chamma electrica lhe accende.

Quasi ao termo final chegava o dia,
Dos mares no Horizonte o Sol doirado
Meio disco ardentissimo escondia,
Meio se mostra de vapor cercado:
Já pelo campo líquido se ouvia
Do frio Noto o silvo arrebatado,
E os Delfins, que em cardume o mar talhavão,
Signal aos Nautas da tormenta davão.

Subito foge o Ceo, e os bravos ventos
Dos quatro pontos soprão do Horizonte
Refega horrenda de tufões violentos,
Em cada vaga levantava hum monte:
Turba, confunde, altera os elementos,
Soberbo o Rei do pálido Acheronte,
E augmentando da noite o negro manto,
Dá mór furia á tormenta, e mór espanto.

Vôa entre as nuvens tétricas bramindo,
E, as denegridas azas estridentes
Todas no espaço dilatado abrindo,
Toma a luz toda aos astros refulgentes:
Vão-se os rôlos das nuvens dividindo
Quando as rasgavão raios reluzentes,
E no espantoso horror negro, e profundo,
Mostra-se á luz do raio, e foge o Mundo.

Sôão medonhos urros, e abundantes
Se desatão chuveiros horrorosos,
Sobre as azas dos ventos sibilantes,
Vem dar mais força aos mares procellosos:
Ao ruido das vagas espumantes
Berros se união dos trovões ruidosos,
E co' o tremor universal, que cresce,
Cahir do Mundo a máquina parece.

Qual entre o denso fumo ennovelado,
Que das entranhas horridas vomita
O Vesuvio, hum penhasco esbrazeado,
Subindo ao ar, do ar se precipita:
Tal o Soberbo Déspota indignado,
Entre nuvens, e fogo o corpo agita,
Ora sóbe, ora desce, ora alto vôa,
Co' a voz, que chama os furacões, atrôa.

Quebra-se o rouco mar na costa brava,
Tudo he susto harroroso, he tudo espanto,
A noite negra, e feia redobrava
A triste escuridão do espesso manto:
Dos Nautas todos longe se escutava
D'huma náo, n'outra náo sentido pranto,
E mais, e mais recresce, e mais se augmenta,
Quando na prôa o mar em flor rebènta.

Vaga sem rumo a combatida Armada,
Cede á força das ondas furiosas,
E vezes mil já quasi sossobrada,
Desce do mar ás furnas arenosas:
Sóbe a grita da gente consternada
A's não vistas estrellas luminosas,
O perito Alemquer pálido treme,
Volve os olhos d'agulha, e larga o léme.

Géla o pavor aos fortes marinheiros,
Os braços pela enxarcia suspendidos,
E sem cessar os túmidos chuveiros
Mais bastos cahem dos ventos impellidos:
Aboião já nas ondas os madeiros,
Das encurvadas popas divididos,
Muito se alija ao mar, mas sem descanço,
Jogão as náos com fervido balanço.

Eis se encapella o mar com furia tanta,
Que o convés d'hum baixel fica alagado,
E tanto o pezo d'agoa a náo supplanta,
Que sobre as ondas volta de costado:
O imperterrito Gama ao Ceo levanta
Postas as mãos seguro, e não turvado,
O sempiterno Dominante exóra,
E dest'arte dos Ceos o auxilio implora:

Supremo Deos, que as húmidas arêas
Por limites ao mar constituiste,
Que as procellosas ondas Erythreas
Com braço Omnipotente dividiste;
E, suspendendo a hum lado as ondas fêas,
A teu povo, ó Senhor, caminho abriste;
Tu que mandas soltar, prender os ventos,
Tu que sustens do Globo os fundamentos:

Pódes tu consentir que os bravos mares
Sorvão as náos que vão levar teu nome?
Que a brava furia, o impeto dos ares,
Dos Lusitanos teus o esforço dome?
Que tão distantes dos paternos lares,
Cedendo ao duro mal, que nos consome,
E que buscando do Evangelho a gloria,
Aqui se acabe a vida transitoria?

Que hão de dizer os barbaros, e a gente
Que teu Nome immortal, tua Lei despreza?
Que para nos dar morte em mar fervente,
Nos mandaste seguir tamanha empreza?
Que não he teu o Imperio florescente,
Que a Affonso déste, e á gente Portugueza?
Sô por teu Nome, e gloria Soberana,
Vem quebrar da tormenta a furia insana.

Inda acabado de pedir não tinha
O invicto Capitão, do etherio assento
Potente Archanjo tutelar já vinha,
Foge delle a tormenta, e foge o vento;
Que de pavor seus impetos sustinha;
Prestes se espelha o túmido elemento,
Muda-se em leve espuma a horrenda vaga,
Sulfureo raio súbito se apaga.

Espavorido o Déspota fugia,
Todo raiva, e furor, do refulgente
Anjo da luz que as sombras dividia,
Que lançava os grilhões ao mar fremente:
Duvidoso clarão do alegre dia
Já penetrava as portas do Oriente,
E, fugindo de todo a atroz procella,
Surge a manhã nos Ceos serena, e bella.

Dos limpos ares se desterra Eólo,
No matutino coche flammejava,
Já fóra no Horizonte, o claro Apóllo,
A noite foge toda, e se occultava
O astro que mostra ao Nauta immobil pólo;
Da gavia hum marinheiro então bradava:
Se a meus olhos não mente hum vão desejo,
Terr'alta pela prôa ao longe eu vejo.

Rompe em festivos brados de alegria
A chusma, e corre ao bordo alvoraçada,
Já de perto escutava, e perto via;
Quebrar-se o mar na praia recurvada;
E sobranceira alpestre serrania,
De virgem mato, e de arvores cercada;
E do declive de mais baixo oiteiro
Vir serpeando limpido ribeiro.

Vistosos bandos de pintadas aves,
Dos homens sem receio, os ares fendem,
E com cantigas naturaes, suaves,
Os quebrantados animos suspendem:
Lança Alemquer ao fundo os prumos graves;
E ao Sol as vélas húmidas se estendem,
Fronteiros ancorando á curva praia,
Manda o Gama que a gente em terra saia.

A marinhagem léda abraça a arêa,
Cançada de lutar com o már fervente;
Co' os Capitães da Armada então rodêa,
O Gama as curvas praias diligente:
Nem vestigios na terra que passêa,
Nem pégadas achou d'humana gente;
Tenta os caminhos ingremes do monte,
Donde derrama a vista no Horizonte.

Por baixo de copados arvoredos,
Permanente verdura, inquire a estrada
D'huns em outros inhospitos penedos,
Galga, e já tóca a cima alcantilada.
Oh mysterio profundo, altos segredos!
Sombra nunca dos seculos rasgada!
No mais alto da inculta penedia
Estranha Estatua Colossal s'erguia.

Ah! que de hum sonho, d'hum lethargo ac
Acceza em luz a ardente fantasia,
Vôo aos passados seculos, recordo
O que Athenas a hum sabio outr'ora ouvia.
Com seus sublimes extases concordo,
He esta a terra que Timeo dizia,
Que, devassando o mar com longo gyro,
Pizou primeiro o habitador de Tyro.

Quizera a Lusa gente, e invicto Gama
Ir co' as náos demandar fadada terra,
E dilatar da Patria a gloria, a fama,
Ou nos trances da paz, ou nos da guerra:
Outro Nauta feliz á empreza chama
Motor eterno, que o segredo encerra;
Irá, não tarda, pelo mar profundo
Dar a Lysia hum Imperio, á Europa hum Mu

Refaz em tanto a força a gente lassa
Pelos gramineos valles derramada,
E sem trabalho pelos bosques caça,
Que he de animaes a terra povoada;
Em saborosos peixes nunca escaça
Tambem se mostra a praia dilatada;
Alguns do bosque denso os troncos trazem,
De leve antenna, ou mastro se refazem.

O Gama apenàs vio, que já soprava
Hum vento Occidental, que a verdejante
Superficie dos marés encrespava,
Prestes já vendo a Armada fluctuante,
Que d'agua pura, e fructos se abastava,
Manda virar pezado cabrestante;
Range, e do fundo o retorcido dente
Se arranca, e fica subito pendente.

Largão da içada antenna o leve panno,
Vão as náos aproadas no Oriente,
E os mal seguros campos do Oceano
Mais intrepida corta a Lusa gente:
Passa os ares ao Olympo Soberano
Da nautica celeuma o grito ingente,
Fogem, como entre nuvens duvidosos,
Do Nauta á vista os montes pedregosos.

O próvido Piloto ao Firmamento
Lança a vista, e contempla o Sol doirado;
Mede-lhe a altura o nautico instrumento,
De Luso engenho parto sublimado,
Que nos ermos do instavel elemento
Leva o baixel ao rumo desejado;
Nem Magalhães sem elle em mar profundo
Fora os limites estender do Mundo.

Vê que o clima ardentissimo, e fervente
Debaixo do Equador cortando andava,
Por onde á noite, e ao dia o Sol luzente
D'horas igual porção sempre marcava:
Clima onde a branca pelle á humana gente
(Segredo profundissimo!) negava
Zona dos Lusos vista, e descoberta,
Que a antiga Europa imaginou deserta.

Que novo mal, que nova desventura
Rompe do escuro Inferno embravecida!
Quantos no mar encontrão sepultura,
E tão longe da patria em vão querida!
Da pallida morada a morte escura
Sahe de cruel contagião seguida,
No enfermo corpo o sangue se corrompe,
Subito o debil fio a Parca rompe.

Refrigerante assopro em vão se espera,
Em podre calma o mar jaz socegado,
Triste inacção que os Nautas desespera
Mais que o negro tufão medonho, e irado:
Quantos desejão tempestade fera!
Quantos o Ceo de nuvens abafado!
E antes varar na costa, e brava arêa,
Q' ás mãos morrer da fome horrenda, e fêa!

Já lhes fallece o parco mantimento,
He grossa a lynfa, e turva, e corrompida;
A tanto mal, e insólito tormento,
Cede entre angustias miseravel vida.
O Nauta attenuado, e macilento,
Entre horrores da fome embravecida,
Negro instante maldiz, ardendo em ira,
Em que do Téjo paternal sahira.

Quanto he mais nobre, mais honrada a sorte,
Brada afflicto, do intrepido Soldado,
Que entra em peleja valeroso, e forte,
E combate no campo o Mouro ousado!
Se nos muros d'Arzila encontra a morte,
Cinge eternos laureis, dos seus chorado;
Caduco sangue impávido derrama,
E a vida, que perdeo, ganha na fama.

Que gloria temos de tão louca empreza?
Que monumentos, que padrões, que bustos?
Não vence arrojo humano a Natureza,
Contra a nossa ousadia os Ceos são justos.
Não póde contrastar mortal fraqueza
Fomes, naufragios, mortandades, sustos;
Eis tirado a Neptuno o azul tridente!
Eis o sonhado Imperio do Oriente!

Seguro acode o Gama: O' Lusitanos,
De forte gente ó prole generosa,
Que importão fomes, tempestades, damnos,
E a mesma morte tétrica, e horrorosa?
Olhai que he dada aos miseros humanos,
Da culpa herança, vida trabalhosa,
E a eterna palma, em bellica refréga,
Só quando vence, ao vencedor se entrega.

Os Scipiões, os Cesares famosos,
Que tanto o Lacio antigo exalta, e canta,
Subirão por caminhos escabrosos
Onde o Templo da Gloria se levanta:
Seremos nós cobardes, e medrosos,
Que cedamos ao mal que nos supplanta?
Se contra nós conjura o negro Inferno,
Por nós peleja, e vence hum Deos eterno.

Medonho Bojador temos dobrado,
Méta irrisoria já do antigo Mundo;
Póde temer hum peito denodado
O que resta sulcar do mar profundo?
He dura a guerra ao intrepido Soldado,
Mas o louro lhe foi sempre jucundo:
Morremos pela Patria, oh feliz sorte!
O Luso pela Patria affronta a morte.

Como ao surgir do Sol claro, e brilhante
O mar que a noite tinha encapelado,
Depondo a furia o vento sibilante,
Na praia escôa, manso, e socegado:
Tal dos Lusos o peito vacillante,
Do grão pezo dos males soçobrado,
Co' a voz tranquillo do potente Gama,
De novo esforço, e de valor se inflamma.

A voz do Varão forte o Eterno a ouve,
E o suspiro de hum peito enternecido
O claro Ceo penetra, o Ceo commove;
Sôa o mar de repente entumecido:
Eis se ennegrece o Ceo, subito chove,
E muge o vento hum pouco embravecido,
E, logo as brancas vélas desfraldando,
Vão por entre escarceos as nãos arfando.

As mãos já descarnadas encovando
O já contente Nauta, da agua fria,
Que se estava das nuvens desatando,
Co' o joelho dobrado, alegre enchia:
A longos sorvos vai refrigerando
As entranhas, que a febre lhe accendia;
E já menos cruel, menos intensa,
No corpo affróxa a pallida doença.

D'Oeste o fresco vento, que assoprava,
Para a costa da Libya a Armada lança,
Sempre attento Alemquer aos Ceos olhava,
E a latitude austral já certo alcança:
Mais raros pelo Ceo globos notava,
Vai mareando em pôpa, e não descança
Em quanto, experto assim, trabalha, e luta,
Quebrar-se o mar na costa ao longe escuta.

Terra, exclama hum Gageiro, á nossa prôa,
Pelas rochas o mar despedaçado
Distinctamente nos ouvidos sôa.
Manda pairar o Mestre alvoroçado,
No ar o bando sólito revôa
Das aquaticas aves, levantado
Hum cabo observão já, verdes Palmeiras
Cobrem-lhe a cima, e as ingremes ladeiras.

Aos pés das altas serras se descobre
Seguro ancoradouro, angra espaçosa,
Que as trabalhadas náos abriga, e cobre
Do solto vento á furia procellosa:
E, já desfeita a nevoa, que lhe encobre
A longa terra, tórrida, arenosa,
Vem correr para a praia, em copia ingente,
Negra, buçal, mas conhecida gente.

O solto, e leve panno as náos ferravão;
Subito vem da terra em páos cavados
Os habitantes nús, e as náos cercavão,
Co' a nova vista alegres, e pasmados;
Nenhum vestido os miseros trajavão;
Os cabellos felpudos, e enroscados;
De aspecto bruto, barbara fereza;
Que os fez da côr da noite a Natureza.

FIM DO TERCEIRO CANTO.

GAMA.

CANTO QUARTO

Apenas cahe da prôa o ferreo dente,
Lançar batéis ao mar subito manda
O forte conductor da Lusa gente,
O cabrestante em torno estalla, e anda:
De marinheiros esquadrão valente
Fernão Velloso intrepido commanda,
E, apenas salta na fervente arêa,
A negra chusma attónita o rodêa.

Vão sem pavor os fortes marinheiros
Por acenos fallando ás brutas gentes,
O alto cabeço galgão d'huns oiteiros,
Donde burbulhão limpidas correntes:
Gordas vacas, lanigeros cordeiros
Virão pastar nas veigas florescentes,
E os negros pegureiros, que as guardavão,
Sem graça os roucos anafins tocavão.

Alegre a turba inculta a voz ergüia,
Agreste voz desconhecida aos Lusos,
Humanos na figura, e parecia
Que pouco distem de animaes obtusos:
Eis dentre muitos subito rompia
Hum, cujo aspecto deixa os mais confusos
Bradando em Portuguez do mato vinha,
E para os nautas ledo se encaminha.

Attónito, assombrado, na cabeça
Se lhe erriça o cabello, e a voz pegada:
O assombro mudo o faz, faz que pareça
Fria estatua de marmore formada;
Em fim, desafrontado, assim começa:
Oh gente Lusitana, oh gente amada,
Que hoje o Ceo me envïou, s'isto que vejo
Não m'o pinta hum fantastico desejo!

Que Destino, que Sorte, ou Providencia
Vos trouxe aqui de terras tão distantes,
Pelos trances crueis, pela inclemencia
Do mar soberbo, e ventos inconstantes!
Depois de tão comprida, e dura ausencia,
De tanto mal, de angustias devorantes,
Em meus braços aperto a gente amiga,
Que tem commum comigo a Patria antiga!

Do sobresalto mais desassombrado,
Não sem lagrimas conta, que algum dia
Cortou com Lopo Infante o mar salgado
Quando a baliza austral dobrar queria:
Por engano o deixou na terra o Fado,
Que tranquillo co' os barbaros vivia,
Que a terra tinha Rei, que era habitada
De nação mui feroz, e á guerra dada.

Do Congo o Reino alli se dilatava,
Em armas, e em riquezas poderoso,
Que ao Norte em ferteis campos se estremava
Com Arzingo, e Loango; que o arenoso
Reino d'Angola ao Sul inda ficava,
Que acima corre o Senegal undoso,
Onza, Lembombo, Brancar, e Lelunda,
Do Vambre a lynfa procellosa, e funda.

Que he vastissima a terra, e povoada
Toda de minas de metaes brilhantes,
Que pelos bosques seus campêa a Abada,
E corpulentos, dóceis Elefantes,
Onça feroz, carnivora, indomada,
Zebras gentiz de pelles variantes,
Magnanimos Leões, que o mato estrugem,
Quando com fome nas cavernas rugem.

Que altas copadas arvores sombrias
Crescem, d'hum verde sempiterno ornadas,
Que das ribeiras pelas margens frias
Dão grata sombra ás gentes abrazadas:
Que a prumo sempre o Sol rescalda os dias,
Que erão as noites mais refrigeradas,
Que os negros são frugais, mas opulentos
Em lavoura, e lanigeros armentos.

Que perto o Senegal vai serpeando,
Depois que immensa terra inunda, e lava,
Que em larga foz as ondas enrolando
O crystallino feudo ao mar pagava;
Que, hum pouco as margens húmidas curvando,
Em angra funda ás náos o abrigo dava,
Que lá podião certo refazellas
De rijo leme, ou mastro, ou largas vélas.

Mais quizera dizer; porém tocados
De justo assombro os nautas valerosos,
Com tão estranho encontro alvoroçados,
Os ligeiros batéis buscão cuidosos:
Armão-se, vogão remos alutados,
E a bordo vão dos lenhos alterosos,
Já pelas cordas rápidos subião,
Ledos comsigo o Portuguez trazião.

Como se observa em Corte populosa,
Se peregrino errante se offerece,
Correndo para o ver turba curiosa,
De longo, e espesso circulo o guarnece:
Que Patria tenha indaga cubiçosa,
Que costumes, que rito, ou leis professe;
Dest'arte a chusma nautica se ajunta,
E em torno delle sem cessar pergunta.

Attento escuta o valeroso Gama
Quanto assombrado o Luso lhe dizia,
Por ver prodigios taes se accende, e inflam
Em desejos a forte companhia:
Apenas surge o Sol, e a luz derrama,
E no acceso Horizonte assoma o dia,
Do algoso fundo o ferro alçar já manda,
E a larga foz do Senegal demanda.

Fervia ao longe o crystallino argento
Com branca espuma em rólo desusado,
Do fundo rio o turvo movimento
Faz suspender a furia ao mar pezado:
Tanto corre medonho, e tão violento,
Desd'alta fonte em serras apertado,
Que pela veia rápida, e espumante,
Vão com trabalho as náos arfando ávante

Paira Alemquer, e espera o ésto enchente,
Com que possa aproar na barra undosa,
O entumecido mar do rio ingente
Suspende hum pouco a furia procellosa;
De hum lado, e d'outro o vasto continente
Mostra aos olhos a scena deleitosa
De eternos bosques, cuja espessa rama
A magestosa sombra, e horror derrama.

Do lado austral do rio se amostrava,
Dos ventos defendida, huma enceada,
Que abrigo aos lenhos combatidos dava
Contra a furia do Sul medonha, e irada:
A altura aqui do pelago sondava
Alemquer, e deo fundo a forte Armada,
Cahem as pezadas ancoras da prôa,
Do golpe a agua rasgada espuma, e sôa.

A turba em terra salta; ao destemido
Fortissimo esquadrão da Lusa gente
He guia o Portuguez: n'hum monte erguido
Eis descobrem Pyramide eminente:
Objecto estranho! Hum grito enternecido
Erguem todos, e sóbe ao Ceo luzente,
Chegando a ver no pedestal gravadas
Do Luso Imperio as Quinas consagradas.

Todos na terra barbara prostrados,
Doces, ferventes lagrimas vertião,
Quando arvorada a Cruz nos apartados
Incultos areaes da Libya vião;
Inda em bronzes, do tempo não gastados,
As Lusitanas inscripções se lião,
N'uma dellas o tempo se declára
Em que Diogo Cão no rio entrára.

O Conductor lhe diz, que hum pouco ao Norte
Entre verdes palmares se encontrava
Do Monarcha d'Encógi a augusta Corte,
Que as Leis a Reinos tributarios dava:
Em riquezas, em gente, em armas forte,
Era o terror da Libya inculta, e brava.
Desejo em todos fervido se atêa,
De ver o Rei da gente escura, e fêa.

O monstro, que olhos cem, cem bocas conta,
Que os pés na terra esconde, e co' a cabeça
Em nuvens sempre envolta os Ceos affronta,
Que objectos mil confunde, atraza, e apressa,
Que mais que o vento corre, e se remonta,
Já na Cidade barbara começa
A publicar a força, e valentia
Da gente que ao Monarcha o Gama envia.

Veloso, e Leonardo, os extremados
Entre toda a valente companhia,
Vão de ricos presentes carregados,
A que o negro buçal dá mór valia:
Vão marchando os intrepidos soldados,
E o desterrado Luso os passos guia,
E do estranho paiz, que hião trilhando,
Vai elle a usança barbara explicando.

Pelos gramineos vales verdejantes
Diversos animaes pastando vião,
Entre Palmas robustos Elefantes
Como animados montes se movião:
O rio assombrão arvores gigantes,
Que de frutos, e flores se cobrião,
E as aves, que revoão no arvoredo,
De rude canto são, de aspecto lédo.

Os caruiceiros Tigres mosqueados
Passão, todos horror, no alpestre monte,
E fogem delles tímidos veados,
Buscando as aguas da serena fonte:
Avestruzes ligeiros, e emplumados,
Só recatão do imigo a estulta fronte,
A Hyena farta em sangue, a voz humana
Imita quando sente a fome insana.

Agrestes negros vem, que andão buscando
O mel pelos rochedos saboroso,
Outros em leves barcas mariscando
Nas verdes margens vão do rio undoso:
Entre os vergeis alguns andão caçando,
Com leve setta, ou laço insidioso;
Hum quadro aos olhos mostra a gente escura,
Qual se mostrára a Natureza pura.

Eis de longe entre grossas estacadas
Erguer-se a alta Cidade divisavão,
Ramos espessos d'arvores copadas
Do solar raio adusto a resguardavão:
Sobranceiras a tudo, e levantadas,
Mas toscas, galarias se mostravão,
Soberba habitação do Rei potente,
Chamada Ambáca pela inculta gente.

Do ligneo muro attónitos sahião,
E quasi nus, os rudes habitantes,
Vendo brilhar as armas que trazião
De ferro, e de aço os Lusos navegantes:
Pelas copadas arvores subião,
Por ver os gêstos nunca vistos d'antes;
Chegão dest'arte a hum campo, onde sentado
Estava o Rei n'hum throno acobertado.

Do hombro a equina cauda lhe pendia,
Que entr'elles he brazão de potestade,
E rubro chamalote lhe cingia
Da escura fronte a torva magestade:
Do cinto aos pés a veste lhe descia,
Nua de todo a sup'rior metade
Do negro corpo está: d'espaço a espaço,
Aureo annel lhe abroxava o esquerdo braço.

He de sereno aspecto, e magestoso,
(Que o regio brio, e garbo, a côr não tolhe,)
Com mesurado termo, e com repouso,
Junto ao throno benigno os dois acolhe:
E do misto concurso numeroso
Os Souvas, que são Principes, escolhe,
Com estes ouve a insólita embaixada,
Que foi do Luso interprete explicada.

Vês dentro em teu Imperio, ó Rei potente,
O Lusitano Capitão, mandado
A descobrir os Climas do Oriente
Por mar té agora incognito, indomado:
Novo, estranho não he da Lusa gente
Dentro em teu Reino o nome celebrado;
Inda he do Senegal o Téjo amigo;
Das leis se lembra, e do commercio antigo.

De teu poder a gloriosa fama
Chega da Europa aos Climas mais distantes,
Teu poder conhecendo o invicto Gama,
Soccorro busca aos lassos navegantes,
A quem o amor da gloria o peito inflamma;
Contra o furor dos mares espumantes,
Té que a Armada se entrègue á equorea vêa,
O hospicio pede da benigna arêa.

E as producções da Europa alli mandava,
Finos brocados, sedas preciosas,
Marchetado pavez, e eburnea aljava,
Prenhe de agudas settas pressurosas:
E, quaes no Téjo o artifice forjava,
Duras espadas, chuças sanguinosas,
Testemunho d'amor, digno presente,
Que hum grande Rei manda a hum Rei potente.

Mostra-se alegre o Principe Africano,
Escutando o que o interprete dizia,
E cheio de prazer, de gloria ufano,
Com branda voz dest'arte respondia:
Ha muito que meu Reino ao Lusitano
Sei que amizade, paz, commercio unia,
Que póde affoito o Capitão valente
Dar tranquillo repouso ás náos, e á gente.

Disse, e quiz ver a fluctuante Armada,
Quiz abraçar o Capitão valente;
Já na eburnea cadeira levantada
Aos hombros o conduz a escrava gente:
Coberta vem de povo a larga estrada,
Clamando após o Rei lédo, e contente,
E já na velocissima almadia
Vogando o remo a chusma o mar varria.

Apenas das náos altas se avistárão
Os estreitos baixeis que o Rei trazião,
Subito as éneas bocas fuzilárão,
E os trovões pelos montes retinião:
Das mãos os remos trépidos largárão
Os negros, que o bramido ao longe ouvião,
E, posto que o sinal da paz conhece,
Sincera a natureza 'inda estremece.

Recebe o illustre Gama o Rei gostoso
De ver soberbas náos, e a gente armada,
Manda-lhe pôr o Chefe generoso
A meza de manjares abastada:
Corre nos vitreos cópos o espumoso
Licor, que exalça a margem dilatada
Do turvo Douro, que ávidos recebem,
Não cuidosos do effeito alegres bebem.

Em paz c' o Rei tranquillo á terra vinhão
Os Lusos navegantes socegados,
Entre os negros attónitos caminhão,
Vendo os Lusos de ferro, e d' aço armados:
Morada em doce paz, e asilo tinhão,
E frescos mantimentos não comprados,
Que amor fraterno, que hospital virtude
Mais pura existe em natureza rude.

Sabem que o vasto Reino he tributario
De hum grande Rei, que os montes habitava,
Donde rompendo o Zaire immenso, e vario,
A' carreira veloz principio dava:
Que o Principe de Encógi he feudatario
Do Rei que a alta Ethyopia avassalava,
Que delle a regia investidura vinha,
Que delle o sceptro, e potestade tinha.

Que hum Souvá áquelle Imperio o povo envia,
Que lhe confirme o Principe acclamado,
Que nunca o rosto do Monarcha via
Em cortinas de purpura fechado:
Que huma Cruz de metal dalli trazia,
Signal de hum culto que dos Ceos foi dado,
Que Imperio, e Sacerdocio em laço estreito,
Unido estava em unico sujeito.

Ser este o Reino os Lusos conhecerão
Da famosa Candáce em outra idade,
Que ella, e subditos seus credito dérão
Aos sanctos dogmas de immortal verdade;
Que alli tiverão nome, e florecêrão
Sanctos Heroes, brazões da Christandade,
E que era o Reino em fim que já buscado
Fôra do Covilhan, do Paiva ousado.

Em quanto o Gama excelso, e a gente forte
Este segredo ouvio na terra amena,
Aos Lusos offerece a mão da morte
Triste, qual he costume, infausta scena:
Cortar em tenra flor a iniqua sorte
Hum joven filho do Monarca ordena,
E já da curva foice o gume impio
Da existencia mortal lhe talha o fio.

A' justa dôr cedia o peito invicto,
Não soffre o coração mágoa tamanha;
No doloroso pranto o povo afflicto
Com ais, com luto o Principe acompanha:
Pavoroso clamor, medonho grito
Se escuta rebombar na terra estranha
Quando o cadaver frio aos hombros trazem,
Quando as exequias ultimas lhe fazem.

N'hum dilatado campo se alevanta
De troncos d' altos cedros pyra ingente,
Máquina digna de grandeza tanta,
(Que idéa tem da pompa a escura gente:)
Lanção por cima da cheirosa planta
Hum balsamo suave, e recendente;
C' huma tocha nas mãos chorando gyra
Hum velho em torno da funérea pyra.

Não sem mágoa, e piedade os Lusos vião
Desusado espectaculo tristonho;
Destemperados anafins tangião,
Echo espantoso, funebre, e medonho;
E no triste apparato descobrião
Que a morte he crua pena, a vida he sonho:
O Sacerdote entôa horrendo canto,
Responde o Povo com magoado pranto.

Já sobre a infausta máquina pousava
O mudo, e frio corpo: eis de Donzellas
Com passos lentos esquadrão marchava,
Virgens de negra côr, mas Virgens bellas:
O crespo, e negro pello se enfeitava
De brancas odoriferas capellas,
Tristes victimas são da morte impía,
Que taes a usança barbara pedia.

Superstição mandava injusta, e dura,
Que ao sacro ferro victimas cahissem
Donzellas seis d' estranha formosura,
Que lá n'hum Reino eterno o Rei servissem;
Que sobre a regia, triste sepultura
A cinzas funeraes se reduzissem:
E, a scena tal de barbara fereza,
Tapa os olhos de afflicta a Natureza.

Volvia a fronte para o opposto lado
O velho, que arvorava o facho ardente,
Hia a pôr fogo ao tumulo elevado,
Onde estendido estava o corpo algente:
Eis rompe a turba com mavioso brado
Hum mancebo, que assusta a inculta gente,
Busca as Donzellas com trementes passos,
E para a mais formosa estende os braços.

Entre as miseras victimas estava
Mais triste, e mais gentil: no afflicto rosto
Noite, mas noite bella, se amostrava;
Dôr penetrante, lagrimas, desgosto,
Saudade, amor no gesto declarava,
Vendo vizinha a morte, e o Fado opposto,
Que os laços de Hymeneo, e a chamma pura
Em cinza lhe converte, em sepultura.

O mancebo infeliz Fortuna accusa
Cega, inconstante, caprichosa, e dura;
Maldiz a lei, que do poder abusa,
Que grata aos Ceos declara a morte escura,
Que nem sangue, nem lagrimas recusa;
E abraçado co' a amada formosura,
Chora, brada, suspira, ulula, e grita;
Os Ceos á compaixão, e a Terra excita.

Não póde o Luso peito consternado
Soffrer mais tempo a scena lastimosa;
Nem póde ouvir do amante desgraçado
Solta em queixume amargo a voz maviosa;
Nem ver o gesto triste, o ar magoado
Da miseranda victima formosa:
Não foi, Jerusalem, não foi mais triste
A scena que em Sofronia, e Olindo viste.

Veloso então bradava: O' Rei sublime,
Se respeitas a Lusa potestade,
Do fanatismo atroz furias reprime;
Da lei que insulta a triste humanidade
As miserandas victimas exime,
Que não apraz ao Ceo brutal crueldade;
Em todas Natureza o golpe impede,
Mas a existencia desta Amor a pede.

Ouve os gritos de Amor... Já murmurava
Toda a falange Lusitana armada,
E já nas mãos robustas lampejava
(Movimento uniforme) a horrenda espada:
E já Veloso invicto ao lado estava
Da misera Donzella a amor votada;
O Rei, que teme a gente illustre, e forte,
As leis suspende barbaras da morte.

O Sacerdote a sulfurosa téda
Chega ao feretro triste, eis ondeante
Subito estala viva labaréda,
Sobem torres de fumo ao Ceo brilhante;
De átro vapor hum grupo aos olhos véda
Do claro Sol o disco scintilante,
Desfaz-se o corpo em cinza, e negra terra,
Que dentro em toscos marmores s' encerra.

Da triste scena barbara tocados
Os Lusos dalli vão com mágoa, e espanto,
E, da Donzella misera lembrados,
Dos olhos rompe involuntario pranto:
Foi-lhe propicio Amor, mudou seus fados.
Mas dos negros a turba immensa em tanto
Libações sobre a lápida fazia,
E com ternura ingenua, e dor carpia.

O Gama entanto providente ordena
Do porto amigo a proxima partida,
E já das producções da terra amena
Era a undivaga armada abastecida:
Manda prover de véla, e grossa entena,
Que alguma foi do temporal rompida,
E d' aguà clara, e fructos abundantes
Doce soccorro aos duros navegantes.

Bem como no calmoso, ardente estio
Correm formigas providas, lembradas
Das duras privações do inverno frio,
Co' as fecundas sementes carregadas;
Vai marchando o esquadrão negro, e sombrio
Pelos sulcos, e veigas dilatadas:
Taes os nautas robustos caminhavão
Co' as producções da terra, e as náos buscavão.

Em quanto pelos bosques espargidos
Na proxima partida andão cuidosos,
E de animaes na caça repartidos
Pelos estranhos montes pedregosos;
Mancebos dois ao desterrado unidos
Em quanto vágão nos vergeis umbrosos
Scena vão descobrir d' orror profundo,
Qual nunca virão seculos no Mundo.

De hum penhasco reconcavo truncados
Ouvem sahir gemidos, que os Hircanos
Tigres deixárão de pezar cortados,
Que farião Leões mansos, e humanos:
Chegão junto á caverna, e já turvados,
Mas sem pavor, os fortes Lusitanos;
A Natureza cede, e de repente
Frio suor lhe inunda o peito, e a frente.

Lançados vírão sobre a terra dura
Feridos corpos, sangue espadanando,
Tres victimas da morte injusta, e dura,
Miserandos trofeos d' amor infando:
Hum delles respirava inda a luz pura,
Luz que hia a morte em sombras transformando;
Quasi exhalando os ultimos gemidos,
Dest' arte exclama aos Lusos compungidos:

Venturosos mortaes, se em vossa terra
Do deshumano amor se chora, e sente
A tormentosa paz, a horrenda guerra,
A barbara cadêa, a chamma ardente;
Vinde, observai o que esta gruta encerra,
Scena que inda não víra humana gente,
Caso funesto, atroz, nunca pensado,
Vingança, sem razão, do injusto Fado.

Essa extincta, infeliz, e inda banhada
No sangue que espadana o aberto peito,
Foi minha, oh justos Ceos! foi minha amada,
Amor nos hia unir com laço estreito:
Esse infeliz trofeo da morte irada
Sentio d' amor por ella igual effeito;
Amor aos dois a dêo, e aos dois a tira,
Quando a mesma paixão por ella inspira.

Se a pura mão de esposo a Unhamba eu dava,
Unhamba, oh doce nome! Amor ordena
Que o meu rival, que Unhamba idolatrava,
Sinta d' huma repulsa a horrenda pena:
Se Unhamba esposa a meu rival se dava,
Ao mesmo golpe o Fado me condemna.
Eis oppomos ao Fado, e iniqua Sorte
De todos tres a voluntaria morte.

Amor, Amor o quiz, e agudo ferro
De hum golpe a todos despojou da vida;
Se foi erro a paixão, se amor foi erro,
Esta he de amor a pena merecida:
Mas ah! que á luz extrema os olhos cerro,
Luz importuna, luz aborrecida.
Unhamba, acabo amante, amante expiro,
Inda hes minha, inda he teu final suspiro.

Contra ti, contra nós Amor seu braço
Quiz armar vingativo, e hum golpe duro
Cortou de vidas tres o estreito laço,
E todas lança no sepulchro escuro:
A morte pôde mais, eis abre o passo
A's eternas mansões de hum Ceo mais puro;
Dos despojos mortaes alli despidos,
Seremos, não rivaes, comtigo unidos.

Mais quizera dizer, funereo manto
Da morte, que em seu rosto s' estendia,
Nos froxos olhos lhe coalhava o pranto,
E a voz lhe quebra na garganta fria:
Inda de amor o incendio o abraza tanto,
Que no extremo soluço o braço erguia
Para o corpo da amada, e em sangue tinto,
Em sangue, em sombra envolto o abraça extinto.

Qual costuma ficar mudo, assombrado
Mortal, que em noite funebre, horrorosa
Vio subito cahir do Ceo rasgado
Do etherio lume a setta sulfurosa;
Que a esta, áquella parte inda turvado
Volve, e revolve a vista duvidosa:
Taes ficão os barões que a scena virão,
E o brado extremo do infeliz ouvirão.

Como a par d' hum rochedo outro rochedo,
Mudos, quedos estão no alpestre monte
Hum Luso, e outro Luso, immobil, quedo,
Extatico se olhava fronte a fronte:
Em seu rosto se pinta assombro, e medo,
E antes que o Sol se afunde no horisonte,
E se desdobre o véo que o Mundo enluta,
Fogem da vista da espantosa gruta.

Não vio por certo a fabulosa Athenas
Ao levantar do Tragico Sipario
Mais tristes, cruas, lastimosas scenas,
Mais féros golpes do Destino vário:
Nem vio Minturno mais atrozes penas,
Nem mais sangue, e mais lagrimas em Mário;
Da triste Electra a sorte he menos fêa,
Menos funesto Atreo, menos Medêa.

Em tanto o forte Gama em dom recebe
Do amigo Rei contente, e generoso
Hum carcaz, em que hervada setta embebe,
Todo d' ouro, e marfim claro, e lustroso.
Para a jornada incerta se apercebe
Já vendo o mar quieto, e bonançoso;
No tope da mezena ondêa erguida
Senha, que intíma aos nautas a partida.

Mal os negros podião (da amizade
Tal he a força occulta, e sympathia!)
Dissimular a mágoa, a saudade
Ao vêr que a Lusa armada o mar fendia:
Triste voltava o Rei para a Cidade,
E triste o povo aos bosques se volvia.
Levão ferros do fundo, e largão panno,
Rebomba ao longe o bronze de Vulcano.

Já rompia o clarão pelo Oriente
Da matutina Aurora desvelada,
De accezas rosas ennastrando a frente
Abria ao Sol a luminosa estrada:
Contente, alegre a Lusitana gente
Marêa em popa a fluctuante armada,
Talhando a aguda proa os vitreos mares,
Rompe a celeuma os transparentes ares.

Co' as infunadas vélas vão cortando
Os Neptuninos campos dilatados,
Confusos no Horisonte éis vão ficando
Os cabeços dos montes empinados:
As náos pela alta popa vão deixando
Rastos de branca espuma assignalados,
Bradão os negros agoirando á armada
No mar incerto prospera jornada.

FIM DO QUARTO CANTO.

GAMA.

CANTO QUINTO.

A Soberba entre as chammas crepitantes
Da pavorosa, lugubre caverna,
No peito contra os Lusos navegantes
Odios eternos nutre, e inveja eterna:
Teme, arreceia os raios fulgurantes,
Que vibra a mão que a Terra, e Ceos governa;
Em quanto hum novo estrago premedita,
Sólta do horrendo peito a voz afflicta:

Que importa haver perdido hum só combate?
Foi capricho do Fado, ou lei mais forte;
Nunca hum revez meus impetos rebate;
De balde contra mim se empenha a Sorte,
Tudo debaixo de meus pés se abate;
E se eu não pude dar ao Luso a morte
Com força descoberta, astuto engano,
Por senda occulta, buscará seu damno.

Darei mar, darei vento bonançoso
A's atrevidas náos: cego enganado
Farei que o Gama corra o pego undoso
Com rumo sempre incerto, e Céo nublado:
Hum Paiz fingirei farto, abundoso,
Que mostre hum grande Imperio, hum rico Estado,
Qual denodada Lusitana gente
Busca nos climas do vedado Oriente.

Nelle os hei de acabar... Sejão chamados
A tanta empreza Espiritos ditosos,
Que se forão do Céo precipitados,
Só mudárão seus thronos poderosos:
Vivem de audacia, de rancor armados
Contra os fataes Destinos invejosos.
Disse, e a conselho subito os convoca,
Ferrea tuba applicando á horrenda boca.

Quaes transmarinas aves apressadas,
Que, deixando no estio a Libya ardente,
Vem demandar as terras temperadas,
Que mais obliquo aclara o Sol luzente;
D'Abyla, e Calpe as praias encurvadas
Cobrem negras legiões da turba ingente:
Junto ao throno infernal taes se amontoão
Malfazejos espiritos, que voão

Sobre o sulfureo solio afogueado,
Que em torno cérca, e lambe eterna chamma,
O revoltoso Déspota sentado
Luto maior no Inferno, e horror derrama:
Roido de si mesmo, e atormentado
Os seus ministros á vingança chama,
A horrenda voz levanta, o abysmo a escuta:
C' o tremendo rebombo o abysmo nuta.

Anjos, e socios meus, quiz o Destino
Que o mensageiro do Motor eterno,
Dos Ceos descendo ao campo crystalino,
Vedasse os passos ao Senhor do inferno,
Quando indignado, ao Luso desatino
Hia a pôr termo, e termo sempiterno;
E mallogrando a audaciosa empreza,
Vingar-me a mim, vingar a Natureza.

Quiz esconder no fundo do Oceano
Envolta na tormenta a indigna armada,
De balde o bravo Sul, e o Norte insano
Tinha do globo a máquina abalada:
Anjo da luz desceo do Empyreo, e ufano
Desfez n'hum sopro a tempestade irada;
Veio o raio, que vibra a dextra eterna,
Eu retirei-me á palida caverna.

A descoberta força em fim perdemos
Contra os mortaes, que insultão nosso Imperio,
Como fracos aos Ceos nunca cedemos,
Foi destino o revéz, não vituperio:
Inda esforço, e valor, e as armas temos,
E todo he nosso o Indico Hemisferio;
Busquemos promptos melhorar de sorte,
Dêmos ao Luso audaz no engano a morte.

O Genio da blasfemia atroz gigante,
O mais feroz dos monstros rebellados,
Que contra os Ceos sacrilego, arrogante
Levanta desde o Inferno horrendos brados,
Erguendo a voz medonha, e retumbante,
Que o tormento aggravou dos condemnados,
Para o throno do Déspota se avança,
E para ouvillo o Bárathro descança.

Se do Cháos os terminos passamos
Té onde brilhão Sóes, se em pavoroso
Aborrecido Inferno o Eden trocamos,
Sem temer da vingança o raio iroso;
Se erguemos tanto, e tanto dilatamos
No terreo globo o Imperio glorioso;
Será possivel que meu forte braço
Contra hum átomo empregue occulto laço?

Guerra ao Ceo... Eu irei no escuro fundo
Impias náos sepultar do immenso Oceano;
À terra, o vento, o mar, o raio, o Mundo,
Tudo irei conjurar no estrago, e damno:
Ha de sorver o pélago profundo
O atrevimento, e nome Lusitano;
Cobarde engano hum Serafim despreza,
He só digna de mim, se he ardua a empreza.

Retumbou pelo carcere horroroso
Da horrenda voz confuso murmurio,
Contente aplaude o povo revoltoso
A blasfemia, e furor do monstro impío:
Grito, que excede o estrondo pavoroso,
Que em catadupas fórma Egypcio rio,
Ou qual dos Alpes se produz no cume
Trovão, que segue o sulfuroso lume.

Não, grande Archanjo, o Déspota dizia,
Não he braço mortal, mesquinha gente
Quem contra nós accende a guerra impía;
Meu braço então (no Inferno, omnipotente)
Para atalhar seus passos bastaria,
Ficára intacto o Imperio do Oriente:
Não se oppõe contra nós o esforço humano,
Rival he nosso o Eterno Soberano.

Talvez vença hum ardil, se afroxa o braço;
Talvez empeça a empreza começada
Não vista força, mas occulto laço.
Corra sem rumo a fluctuante armada
De mar desconhecido immenso espaço;
Ilha surge entre as ondas ignorada,
Vós a ireis habitar, e a Lusitana
Armada ha de julgar que he Taprobana.

Morte nella ha de achar ... Eis turba immensa
Já vai sahindo da masmorra escura,
Rompe as portas do abysmo, e sem detença
No conhecido globo o mar procura:
Tal vai da noite tenebrosa, e densa
Das tristes aves a caterva impura
Caliginosa sombra atravessando,
Entre spectros, e tumulos voando.

Quasi no cabo austral da immensa terra,
Que cerca do Oriente outro Oceano,
Onde os gigantes vio, tormenta, e guerra,
Todo o globo rodeando, hum Lusitano,
Que insoffrido da Patria se desterra,
Por dar mais nome, e gloria ao Reino hispano;
Jaz entre muitas, pedregosa, e inculta
Ilha entre as ondas tumidas occulta.

O Genio da Soberba, ao damno attento,
Corre o ceruleo campo dilatado;
E move a seu sabor fagueiro o vento,
E aparta as nãos do rumo desejado:
Aos olhos furta o vasto Firmamento
De turbidos vapores abafado;
E tanto aperta o nevoeiro escuro,
Que nunca o rompe o Sol brilhante, e puro.

O Piloto declina, e perde o rumo,
Ao capricho do mar fluctua a armada;
Se lança ao pego o carregado prumo,
Não toca o fundo a linha dilatada:
Tudo se envolve em denegrido fumo,
E todo o tempo he noite carregada;
Em tanto horror o Nauta póde apenas
Mal bracear as solidas antennas.

De balde o Sol co' os rapidos Ethontes
Quer romper, dissipar nevoa sombria,
Nos abafados, turvos Horizontes
Nunca de todo se descobre o dia:
Mas já dos mares, levantado em montes,
Ao longe o bagalhão bramir se ouvia,
Qual costuma quebrar-se em costa brava,
Urros medonhos recuando dava.

Cedendo á furia d'espantoso vento,
Errava em mar não visto a forte armada,
Té que em fim se amostrou no etherio assento
Do ardente Sol a face não turvada:
Ergue Alemquer o nautico instrumento,
Que péza o Sol, que marca ás náos a estrada;
De balde inquire, e cança, e desfalece,
Ignora a altura, os mares desconhece.

Em quanto incerto observa, immenso bando
No ar d'aves aquaticas revôa,
Fiéis mastins alegres farejando
A terra estão na recurvada prôa:
Balsamico vapor suave, e brando
Sobre as azas dos Zefyros revôa,
Ao bordo corre alvoraçada a gente,
Crê que respira os ares do Oriente.

Começão de surgir montes umbrosos,
Que pelas nuvens vão mettendo a fronte,
E pouco a pouco vales deleitosos
Cobertos de verdor pelo Horisonte:
Hião subindo os brutos pressurosos
Da carroça, que mal regêo Faetonte,
Quando de todo a terra dilatada
Se mostrou perto á fluctuante armada.

Enthusiasmo, ó tu, que sustentado
Tens de meus versos magica harmonia,
Ao calor, que á minh' alma tem baixado,
Dá novo alento, novas forças cria:
Comtigo eu pintar posso o refalsado
Ardil, que todo o Inferno ao Luso urdia;
Tu só me representa, e me descreve
A terra onde a Soberba as náos deteve.

Qual nos momentos da innocencia pura
Anglico Homero pinta o Eden viçoso,
Antes que o par mesquinho a mão perjura
Lançasse audaz ao pomo venenoso;
Bosques fragrantes de eternal verdura,
Rios onde s' espelha o Sol radioso:
Tal aos Lusos a terra se apresenta,
Onde o Genio do mal grão mal lhe intenta.

Batia o froxo mar na branda arêa,
Froxo batia, e manso se escoava,
De hum largo rio a crystalina vêa
Tranquillo, e doce porto ás náos mostrava:
Sombrio bosque impervio á luz Febêa
De hum lado, e d' outro as margens lhe assombrava,
Onde as aves com melicos accentos
Prendem nas folhas os ligeiros ventos.

Purpureos saudosos Horisontes
Risonho quadro aos olhos offerecem,
Em cordilheiras de fragosos montes
Co' a grande altura as vistas desfalecem:
De toda a parte crystalinas fontes
Dilatadas campinas humedecem;
Em bandos pastão animaes estranhos,
Quaes entre nós pacificos rebanhos.

Verde throno de eterna Primavera
Os verdes campos são, e extensos prados;
Do Sol o vivo ardor, que reverbéra
Dos transparentes ares dilatados,
Co' os humidos vapores se modéra,
Que exhalão sempre os montes levantados:
Tal a incognita terra se amostrava
A' frota, que do rio a barra entrava.

Entre densos umbriferos Palmares,
Que ao longo das ribeiras verdejavão,
Soberbas torres, magestosos lares
Os fatigados nautas divisavão;
Que dos longiquos pardos Malabares
A opulencia, a riqueza arremedavão;
Que a soberba, que intenta immenso damno,
Co' as roupas da verdade enfeita o engano.

Sabio Alemquer na carta deligente
O Paiz onde aporta em vão buscava,
Do recatado lucido Oriente
Nos gráos que conta nem vestigio achava:
Os olhos ergue ao Ceo claro, e luzente;
Ao mar, á terra os olhos alongava,
Comsigo mesmo incerto, e mudo, e absorto
Manda dar fundo no tranquillo porto.

Lança a pezada sonda ás aguas frias
Do prateado rio caudaloso;
De ligeiros paráos, e de almadias
Subito acode hum bando numeroso:
Trazem as carnes baças, e sombrias
Cobertas d' algodão mole, e lustroso
Os incolas da terra, e vozeando
Vem de voga arrancada as náos buscando.

A tudo attenta o valoroso Gama
Da capitanea popa alevantada,
Com sinaes de amizade a turba chama,
Que pára junto ás náos como assombrada:
Logo Fernão Martins lhe brada, e clama,
Com voz que foi dos monstros escutada,
Pela Arabiga lingua, e que deseja
Saber que gente aquella, ou terra seja.

Hum delles que nas vestes parecia,
E no alfange que traz pendente ao lado,
Ou filho ser da barbara Turquia,
Ou já nos Reinos Tingitanos nado;
Mostrando ter de vivida alegria
O fementido coração banhado:
Estais, lhe diz, no Indico Hemisferio,
Do Samorim não longe existe o Imperio.

He esta, he esta a grande Tabrobana,
Clima feliz, e terra dilatada,
De quantas cinge o mar he soberana,
De thesouros, de aromas abastada:
Primeira habitação da estirpe humana,
E d' armigera Europa em vão buscada;
Aqui se elevão Reinos florescentes
De estranhos povos, e diversas gentes.

E logo lhe accrescenta, que podia
Seguir do rio a placida corrente,
Onde hum pouco c' os seus descançaria
Do trabalho do mar, da lida ingente:
Que o Regedor da terra lhe daria
Agazalho devido a estranha gente;
Que, se o potente Malabar buscava,
Não muito longe do Indostão se achava.

Medonha entre elles corre, e voa a fama,
Da forte armada a preza lhe annuncía,
E para visitar o illustre Gama,
De Naíre em fórma o Engano se atavía:
D'odio no peito lhe referve a chamma,
Quando entre alegre aplauso á náo subia,
E ante o prudente Capitão já posto,
Assim lhe falla com fingido rosto.

A dextra mão chegando humilde ao peito,
Humilde para a terra inclina a frente,
Grandes sinaes, e mostras de respeito,
Vulgar usança ao povo do Oriente:
E compondo modesto o grave aspeito,
Com voz suave, harmonica, eloquente:
A vossos pés, lhe diz, Senhor, me manda
Grande Monarca, que em Ceilão commanda.

Saber que gente sois; se paz, ou guerra,
Se commercio, se candida amizade
Tão ardua empreza, e desusada encerra,
Ou se a furia d'horrenda tempestade
Vos arrojou do mar na estranha terra,
Buscando abrigo á fraca humanidade;
Que dar soccorro aos desgraçados sabe,
Porque a virtude no seu peito cabe.

Que se commercio buscão, que alli vinhão
As náos tambem d'Arabia, e Persia ardente;
Que áquelle porto todas se encaminhão
As Producções do lucido Oriente:
De Safiras, Robins, Diamantes tinhão
Dos aromas, das sedas copia ingente;
Que affoito, e sem receio á terra desça,
E com seus olhos tudo reconheça.

Hum pouco o forte Gama perturbado
Do cauto embaixador co' as vozes fica,
E ao grande aspeito, ao gesto mesurado
A vista penetrante, e interna aplica:
No conto de huma lança recostado,
Ao falso Naire intrepido replíca:
Aqui me manda o Rei da Lusa terra
Trazer a paz, e não temer a guerra.

Deixando a foz do Téjo armipotente,
Cortando o mar Atlantico indomado,
Quasi ao cabo fatal da Libya ardente
Tinha co' as náos velivolas chegado:
De estranhos povos, de não vista gente
O costume, a policia, as leis notado
Ora de infames Syrtes escapando,
Ora indomitos ventos contrastando.

Não longe de entestar c' o tormentoso
Cabo, que acena ao Austro ignota terra,
De nevoa espessa, véo caliginoso
Da vista os Ceos nos leva, os Ceos encerra:
A capricho, e sabor do vento iroso
Do conhecido rumo a armada aberra,
Até que vimos n'hum sereno dia
Que o pezado negrume o Sol rompia.

E quando c' os ignipedes Ethontes
Chegava ao meio da carreira ledo,
Começamos de vêr nós horizontes
(Extincto já de todo o susto, o medo)
As agras serranias, e altos montes
Cobertos de sombrifero arvoredo,
De mór prazer o peito nos enchêrão
Os nadantes baixeis, que a nós vierão.

De hum grande Rei do ultimo Occidente,
Manoel, que tem de Lysia o sceptro herdado,
Ao Regedor do Malabar potente
Dos mares a despeito, eu sou mandado:
Em paz segura, em laço permanente
Vou assignar firmissimo tratado,
Trocando as producções, joias, riqueza,
Que ao Indo, e Tejo déra a Natureza.

E pois do Indo, ou do Hydaspe o Soberano
Aqui não tem seu magestoso assento,
Cortando os frios campos d' Oceano,
As vélas largarei de novo ao vento:
Só Piloto nos dai longe de engano,
Que pelo indocil tumido elemento,
Se aos errantes favor se não recusa,
A' desejada terra as náos conduza.

Qual fica o Lobo insomne, e carniceiro,
Que em roda da pacifica manada
Envolto em véo de espesso nevoeiro,
Andou gyrando em noite carregada;
Que presentido do fiel rafeiro,
Foge, e abandona a empreza começada:
Tal fica o monstro, que os enganos tece,
Quando o golpe intentado lhe falece.

Dentro em seu coração raivoso brama
De inveja eterna, e de rancor ralado,
Fogo dos olhos lividos derrama,
Fica-lhe o rosto palido, e turvado.
Dissimula o pezar, e ao forte Gama
Torna c' hum tom de voz triste, e pezado:
Sabio, e déstro Piloto vos daremos,
Valer a afflictos em Ceilão sabemos.

Mas quanto o Rei da terra estranharia,
Se partida tão rapida soubesse!
Que certo em alliança ingenua, e pia,
Visitar o grão Prncipe viesse;
Que á trabalhada gente em longa via
Refrigerio, e descanço hum pouco désse,
Té que o vento, e monção na vitrea estrada
Abrisse o passo á fluctuante armada.

Ah! quanto póde o coração presago
Em successos por vir! Jámais s' engana,
Occulto grito lhe descobre o estrago,
E o fundo golpe da fortuna insana!
Da offerta se arrecêa, e ingenuo affago
O Capitão da gente Lusitana;
Mas logo o peito intrepido despreza
Vãos receios da fragil natureza.

Estes grossos canhões, pendente ao lado
Esta temída lamina fulgente,
Podem temer acaso, (exclama ousado
O Lusitano Heroe) despida gente?
Imbelle povo, inerte, e desarmado,
Se o estampido escutar do raio ardente,
Qual de Açor foge a pomba espavorida,
Irá nos montes procurar guarida.

Vendo depois que o Naire desgostoso
Das prudentes razões se despedia,
Manda á terra Menezes; cauteloso
Fernão Martins de interprete servia;
Descem da grande náo, e do espumoso
Campo a planice liquida varria
De ricas sedas o Escaler toldado,
De escolhidos remeiros esquipado.

Toca n' arêa co' a ferrada prôa
O baixel conduzindo os fortes Lusos,
Cerrada multidão já se apinhôa
Em roda delles de incolas confusos:
Clamor universal de aplauso sôa,
Echo estranho nos montes circumfusos,
E ao doce som de festivaes clamores
Se unia o som de barbaros tambores.

Quatro membrudos negros sustentavão
Dourado palanquim nos hombros duros,
Onde os Lusos Heroes se recostavão,
Na fé dos falsos hospedes seguros;
E já com passos rapidos entravão
Da illusoria Cidade os altos muros;
Concorre em chusma amontoado o povo,
Que finge ver objecto estranho, e novo.

Ao Paço juntos são onde habitava
O Chefe horrendo da mentida gente,
Edificio tristonho que elevava
Nos livres ares espantosa frente:
De barbaras columnas se adornava
Faxada de bazaltico luzente
Entre o fausto, e grandeza, que se admira,
Medonho horror da habitação respira.

Por marmoreos degráos a huma espaçosa
Sala os Lusos intrepidos subião,
Venerando ancião em magestosa
Aurea cadeira recostado vião:
De féros pagens turba numerosa,
Cerrado corpo, os lados lhe cobrião,
De negro chamalote se guarnece,
C'roa real na frente resplandece.

Com grave passo o Luso se adianta
Para os degráos do Solio, onde sentado
Era o fingido Rei, que se alevanta,
E nos braços recebe o nauta ousado:
Entre poder, e magestade tanta,
O Luso a voz erguia, e não turbado;
Em silencio o congresso immenso fica
Quando elle as causas da jornada explica.

FIM DO QUINTO CANTO.

GAMA.

CANTO SEXTO.

Em quanto falla o Luso, eis lá no etherio
Dos Soes acima Elysio luminoso,
O mais nobre brazão do Luso Imperio
Ora ante o Solio Todo poderoso:
O justo, o docto Henrique, que o Hemisferio
Opposto ousou buscar no pego undoso,
E junto á fonte do poder eterno
Se oppôz ás furias do soberbo Inferno.

Como víra em Sião passada idade,
Quando o brutal Nicanor mãos impías
Levantou contra a gloria, e magestade
Do santo Templo do Ancião dos dias;
Que ante o Solio da eterna Potestade
A voz queixosa erguêra Jeremias,
E recebeo da mão do Omnipotente
Armas que entrega ao Machabeo valente:

Tal fervoroso Henrique vendo agora
Que a escolha, a flor do povo Lusitano
Nas mãos da infernal chusma enganadora
Hia os golpes sentir de immenso damno;
E que a undivaga armada vencedora
Quasi de todo o tumido Occeano,
Tão perto já dos climas que buscava,
Tanto afan, tantas lidas mallograva.

Vendo urdidas tão perfidas ciladas
Na terra infausta aos Lusos divertidos,
Vendo as tartareas chammas ateadas
Nas mãos dos monstros na perfidia unidos;
E para as náos tranquillas, descuidadas,
Irem voando os fachos accendidos
Em quanto a escura noite o manto estende,
E o somno os olhos fatigados prende:

Vendo quasi no abysmo sepultado
O mór brazão do Lusitano peito,
Nobre arrojo, por elle começado,
Quasi ligeira exhalação desfeito;
E para sempre incognito, ignorado
Da força humana o mais sublime feito;
Dest' arte ancioso implora o immenso Nume
Habitador de inaccessivel Lume.

Se a vossa augusta Lei, e augusto Nome
Vai, Senhor, ser levado ao claro Oriente,
Deixareis que a Soberba insulte, e dome
Santo zêlo, e valor da Lusa gente?
Mandai, Senhor, mandai que a armada tome
Certo rumo outra vez do mar fervente,
Que a grande empreza acabe, e á Patria torne,
Que de hum louro Sagrado a fronte exorne.

Tudo consegue a súpplica do justo,
Contra infernal poder prodigios obra,
Chega do Eterno ao throno excelso, augusto,
E a justiça á piedade inclina, e dobra:
Quando o golpe he maior, mais forte o susto,
Que humano coração punge, e soçobra;
Faz dos Ceos que opportuno auxilio desça,
Ventura torne, o mal desappareça.

Manda o Immortal a Henrique, que do assento
Da gloria venha a soccorrer a armada,
Desce nas azas rapidas do vento,
Já deixa atraz a abóbeda azulada;
Os astros deixa, e o Sol, n'hum só momento
A terra vio das furias habitada,
Entre esplendores de que vem cercado
Sentio de mágoa o coração tocado.

Surgia então do funebre regaço
Do sombrio Occidente a noite fria,
Pela vasta extenção do azul espaço
De estrellas recamado o manto abria:
Cançados olhos em fágueiro laço
De hum doce somno próvida prendia,
Tristes cuidados dos mortaes atalha,
Sobre seus golpes balsamos espalha.

Quando da eburnea porta do Oriente,
(Que he dado abrir-se toda antes que a Aurora
Tire do róseo berço o Sol nascente,
E mostre ao Mundo a luz animadora)
Doce sonho sahio, mais diligente
Divide o ar que a setta voadora;
Do illustre General que repousava
Rizonho, alegre n' alma se mostrava.

Nunca se apresentou fórma tão bella
Ao vigilante pensamento humano,
Como entre sombras se mostrava aquella
Brilhante luz ao Chefe Soberano:
Qual doce, viva, luminosa estrella
Quasi ao romper da Aurora, ao Lusitano
Assim se mostra, e brilha, e compareça
Ditoso Henrique, que do Olympo desce.

Luminosa a seus olhos se apresenta
A imagem de hum Barão robusto, e forte,
E se lhe antolha, que nas mãos sustenta
Mágica pedra, que procura o Norte:
Inda o rosto do espirito se alenta,
Em quem não tem poder, e imperio a morte,
No regio aspecto, e augusto portamento
De bem fazer fulgura inda o talento.

Abre os olhos o Gama, e parecia
Que inda em sombras a idéa delirava,
A' grande image' os braços estendia,
Mas ella d' entre os braços lhe escapava,
E qual ligeira exhalação fugia,
E qual fulgor de novo se ateava;
Té que huma voz harmonica levanta,
E o Luso Heroe em extasis encanta.

Ah valoroso nauta, e quanto, e quanto
Entre desgraças vives descuidado!
Todo o Imperio da sombra, e eterno espanto
Tens em teu damno, e males conjurado;
Aos teus, e a ti com lisongeiro encanto
Occulto engano os olhos tem vendado,
E a vil Soberba indomita deseja
Q' a honrosa empreza mallograda seja.

Quem és tu que me bradas, lhe dizia
O conductor da Lusitana gente;
E's acaso d' acceza fantasia
Mentida imagem, que me illude a mente?
Donde essa fórma mais que o claro dia
Tens mais vistosa do que o Sol luzente?
Henrique sou, lhe diz a imagem pura,
Socega o peito, o coração segura.

Filho sou do alto Heroe, que o Luso Imperio
Tirou das mãos de usurpador Hispano,
E que salvou de eterno vituperio
N'huma só lide o nome Lusitano:
Agora, habitador do assento etherio,
Livre estou das prizões do corpo humano;
Vivo intentei no fluctuante pinho
Abrir do mar o incognito caminho.

Eu dos thesouros immortaes seguro,
De huma luz fulgentissima cercado,
Vejo (hum Deos o permitte) o que he futuro,
O que he presente agora, o que he passado:
E dos justos no Imperio eterno, e puro,
De imarcessiveis louros coroado,
Inda assim mesmo fruidor da gloria,
Não perco o Reino, e a Patria da memoria.

Constante vigiei sobre seus passos
Quando ao redor das Africanas praias,
Do mar varrendo os liquidos espaços,
Ousou passar os Tropicos nas faias:
Do medo, e do pavor cortando os laços
Hum pouco além das tormentosas raias
Passou; porém temendo o mar fervente,
Cortar não pôde as ondas d' Oriente.

Agora que de todo, ó Lusitano,
Hias ganhar tão inclyta coroa,
E lançando os grilhões ao turvo Oceano,
Hias juntar a Europa á terra Eóa;
Do sempiterno assento soberano
Lancei a vista aos muros de Lisboa,
E ao providente Author da Natureza
Pedi soccorro na intentada empreza.

Conheci que o Dragão, que na sombria
Prizão do Inferno condenado habita,
Do certo rumo, e esteira te desvia,
E contra ti catastrofes medita;
E reduzir as náos a cinza fria
Tenta co' a turba perfida, e maldita:
Foge da terra infesta, e avara praia
Antes que o raio vingativo caia.

Não he este o paiz, e o clima Indiano
Que vens buscando n' ondeante pinho,
Com fadiga cruel, trabalho insano,
E tão distante do paterno ninho:
Eu venho destruir perfido engano,
Venho mostrar-te o liquido caminho,
Que o Ceo benigno, e próvido peleja
Por quem da Patria a gloria, e o bem deseja.

Eis subitaneo rapto se apodéra
Do transportado espirito do Gama,
Vôa n'hum ponto á crystalina esfera
Assima donde o Sol sua luz derrama:
Em seus terrenos olhos reverbera
Luminoso clarão de etherea chamma,
Com que póde de hum golpe, e com clareza
Descortinar a inteira Natureza.

Henrique então lhe brada: Oh Gama invicto!
Vê qual divisas a mesquinha terra
Dentro do vasto immensural districto,
Que eterno vacuo no seu seio encerra
Globo, ou theatro misero, e proscripto,
Onde reina Ambição, campêa a Guerra.
Ah! que apenas se mostra hum ponto escuro
Fluctuando no espaço immenso, e puro!

Vê nessa pequenez como enganado
Ande o mortal, que nesta vida espera
Em tão estreito campo o premio honrado,
Que vem das mãos do que nos Ceos impéra:
Mas desçamos do circulo apartado,
E ao centro vamos da solar esféra,
Onde de perto a terra, e os mares vejas,
E alli te mostre a estrada que desejas.

Corta espaçosas orbitas, e vôa
Qual a setta veloz que os ares fende,
Onde a neve se coalha, e chove, e tôa,
O transportado espirito suspende:
E desde o turvo Occaso á tocha Eôa
D' outra força sustido a vista estende,
E o conductor celeste lhe demarca
Quanto o Oceano fluctuando abarca.

A liquida extensão, que desde o undoso
Téjo, Henrique lhe diz, se comprehende
Té onde em róseo berço o Sol formoso
Primeiro raio matutino accende
Ao ponto donde expira, e pressuroso
Na rotante carroça ao mar descende;
Hão de romper com gloria as Lusas quilhas,
Hum nome eterno impondo ao mar, e ás Ilhas.

Nome, que o tempo guardará gravado
Na memoria dos posteros tardía,
E que sirva de rumo ao que em cavado
Lenho os campos arar de Thetis fria:
O Bretão, que he por vir, que rodeado
O Globo vezes tres tiver hum dia,
Não verá no pacífico Oceano
Clima, que antes não visse hum Lusitano.

Essa inculta, feroz, barbara terra,
Que serve agora ás Furias de morada,
Onde a si mesma o raio, aos Ceos a guerra
Accende a vil Soberba rebellada;
A sombra do futuro hum dia encerra,
Em que de hum Luso audaz seja tocada,
Que êmulo vá do Sol, que em náos triunfantes
O estreito passe, nunca visto d'antes.

A injúria ousado o faz, e elle primeiro
Deixando a Patria ingrata em porto Hesperio,
Ha de armar lenho undivago, e ligeiro,
Que todo absolva o gyro do Hemisferio:
Mais que hum Ligure audaz, e aventureiro
O termo estenderá do Hispano Imperio,
E em náo, que obtenha o nome de Victoria,
De hum nome illustre deixará memoria.

Pelo estreito entrará por elle achado,
Memoravel padrão do arrojo humano,
Té que chegue a entestar c' o dilatado
De humanos olhos nunca visto Oceano:
Mas em barbara terra o espera o Fado,
Victima infausta do furor insano,
E, dos que elle colhêo viçosos louros,
Cingir-se-ha nauta em seculos vindouros.

Observa agora o vasto Continente
Da maior parte incognita do Mundo,
De pólo a pólo impervio á humana gente
A cérca, e lava em torno o mar profundo:
O que a vencer o lucido Oriente
Deve os passos seguir-te, e Heroe segundo,
Aqui terra ha de achar, que inda algum dia
O assento seja á Lusa Monarchia.

Scena triste, e fatal... Mas outras gentes
Cortando o frio mar com larga véla,
Aqui terão dominios florescentes,
Bases (raios talvez) da Europa bella:
Aqui trarão aos povos innocentes
Dos vicios todos turbida procella,
De metaes o apetite horrendo, e cego
A' Natureza roubará socego.

Do pacifico Imperio despojados,
(Ai triste dôr!) cadeias arrastrando
Ingenuos Reis, Monarchas desgraçados
Ao carro da Ambição lá vão rodando:
Ao fanatismo vil sacrificados
São por braço sacrilego, e nefando;
Nem farta, nem abasta o Imperio exangue
Tão ferozes mortaes ou d' ouro, ou sangue.

Volve os olhos da scena desgraçada,
Que tem de dor teu coração partido,
E vê do molle campo a azul estrada,
Onde o monstro infernal te traz perdido:
Observa ao Austro a fronte alcantilada
Do cabo sobranceiro ao mar temido,
Onde assustado o portentoso Dias
Mais contrastar não pode as ondas frias.

A ti só dado foi passar avante,
E o sublime pendão das Lusas Quinas;
Contra o dos mares impeto arrogante
Irás varrendo as ondas crystalinas:
Dos tufões vencedor serás triunfante
Contra as ciladas perfidas, malignas,
Da Soberba infernal, que muda, e absorta
Vê do Oriente domado aberta a porta.

Eu sou do eterno Imperio a ti mandado
Certo guia entre as ondas tormentosas,
E a mostrar-te o caminho que trilhado
Inda não foi de prôas alterosas:
Venho as furias prender do vento irado,
E que parceis, que Syrtes arenosas
Devas fugir, mostrar-te até que abrigo
Aches da Libya ardente em Reino antigo.

Dobrado o cabo aos mares eminente,
Cabo infamado, horrendo, e tormentoso
Do buçal Hotentote, inculta gente
Irás ao clima fervido arenoso;
E costeando ao Norte a Libya ardente,
Sem dar ás náos velivolas repouso,
As brancas vélas mareando em cheio,
D'huma Bahia surgirás no seio.

De novo o mar cortando irás diante
A terra descobrir, que o nome santo
Gozará do Natal do Eterno Infante,
Que quiz vestir da carne o fragil manto.
Olha hum rio correr claro espumante,
Que vem trazer ao mar tributo tanto,
Dá-lhe o nome dos Reis, que etherio lume
Trouxe ao Presepio do humanado Nume.

Olha o cabo das rapidas torrentes,
Que atraz fazem tornar soberbas quilhas,
Acharás depois delle estranhas gentes,
Terra em monstros fecunda, e maravilhas:
Depois, sulcando as ondas transparentes,
Verás daqui, d' além, dispersas Ilhas;
Deixa que ao lado esquerdo além te fique
A pantanosa, e triste Moçambique.

Foge da terra ingrata, ó forte Gama,
Que á gente incauta, á peregrina armada
Aqui negra traição se intenta, e trama,
Que a digna empreza deixe mallograda:
Evita a chusma que professa, e ama
Do torpe Mafamede a lei malvada,
Não deixarás impune a gente imiga,
Com ferro, e fogo os barbaros castiga.

Dirige ao Norte luminoso a prôa,
E vai sondando hum mar aparcelado,
E prestes deixa a aurifera Quilóa,
Onde domina o Mouro refalsado:
Attende para o mar que espuma, e sôa
Sobre o recife urrando de affrontado;
Deixa o porto espaçoso, e avante passa
Da criminosa, e pérfida Mombaça.

Já mais seguro agora, olha os copados
Fragrantes bosques, campos deleitosos,
Que eterna Primavera matizados
Tem, quaes do Téjo os campos espaçosos:
Olha entr' elles erguer-se aos Ceos dourados
Soberbos corucheos, tectos pomposos,
Os muros, bastiões, e altas amêas
De estranhos povos, e de gentes chêas.

Tu Melinde aqui vês. Da Lusa gente
Admirando o valor, e alta ventura,
Tratado firme, e sempre permanente
De amizade, e commercio alegre jura:
Daqui buscando as terras do Oriente
A forte armada partirá segura
Por mar limpo, e tranquillo até que enteste
Co' os Malabares, cujo Imperio he este.

Olha o Paiz immenso, que chamado
Indostão foi dos Incolas ditosos,
Que do Norte, e do Sul fica encerrado
Entre os dois grandes rios caudalosos,
Indo soberbo, e Ganges dilatado,
Té nos passados seculos famosos;
Mas nem ao Indo se avançou Trajano,
Nem ao Ganges de Pela o moço insano.

Aquelle murmurando os campos fende
Do opulento Delly, e os afamados
Dominios do Mogol, e lava, e prende
Com seu gyro Lahor, e aos levantados
Muros d' alta Cambaia o curso estende,
Té que se perde em mares empolados,
Mas do Oceano a linfa escura, e fria
Bate o lado que aponta ao Meiodia.

Da parte oriental, se acaso abranges
Tanta extensão co' a vista perturbada
(Sagrado aos povos barbaros) do Ganges
O vai cercando a vêa prateada:
De rudes gentes, rigidas falanges
Se crê do Ceo a origem derivada,
Da parte que se estende ao polo frio
O fecha o monte d' Alanguer sombrio.

Cortando pelo meio eis vem correndo
A montanha de Gate pedregosa,
Pelas aereas nuvens escondendo
A frente altiva, e horrida, e nimbosa:
Do dorso alcantilado eis vem rompendo
De muitos rios a torrente undosa
Muitos povos regando, e muitas gentes
Em usos, leis, costumes differentes.

O Malabar astuto, e refalsado
Do lado occidental habita, e mora;
Do paganismo em sombras sepultado
Simulacros gentilicos adora:
Do Arabico Impostor ao jugo atado,
Aqui pratíca o Mouro a lei traidora,
Que estende a força, e sceptro prepotente
Na Europa, e n'Asia toda, e Libya ardente.

Do Malabar soberbo a Corte he esta,
E Calecut fastosa lhe mostrava,
Que a torreada, forte, e altiva testa
Entre espessos palmares levantava:
De mastros denso bosque, alta floresta
No reconcavo porto o mar toalhava,
Qual vio a antiga Tyro, ou vio Fenicia,
Ou do Nilo na foz Canópo Egypcia.

O que bebe no Hydaspe, ou turvo Nilo,
Ou no Eufrates, ou Tigris caudaloso,
O que da lei d' Arabia muda o estilo
Persa em passados seculos famoso,
Aqui busca commercio, encontra asylo
Combatido do vento furioso,
E todo o que o mar Indico navega
Como a soberbo emporio aporta, e chega.

Lavrada seda, quente especearia,
Que a belicosa Europa busca, e préza,
Loiro metal, luzente pedraria,
Em que se nutre sordida avareza,
E tudo quanto precioso cria
No vasto seio a vasta Natureza
Do Chim longiquo á torrida Ethyopia,
Aqui se encontra com sobeja copia.

Nella terá principio o Luso Imperio,
Grande progresso, glorioso augmento,
Em quanto do Senhor do Reino etherio
Guardar fiel o santo mandamento:
Dictando leis ao Indico Hemisferio,
Fará na terra, e liquido elemento
Que o Sol aclare a Lusa Monarchia
Quando dér o principio, e termo ao dia.

Aqui d' altos Heroes serie ditosa
Virá, que exceda dos Heroes a gloria,
Que altiva Roma, ou Grecia mentirosa
Sobidos julga ao Templo da Memoria:
Nas mãos sustendo a palma gloriosa,
Prêza tendo a seus pés sempre a victoria,
Darão a seu arbitrio ao mar, e á terra
A doçura da paz, o horror da guerra.

O renome a memoria dos Trajanos,
Dos Cesares, Pompeos, e outros famosos,
A quem padrões escravos os Romanos
De jaspe, e bronze erguêrão preciosos,
Vencidos hão de ser dos Lusitanos
Com mór valor, com feitos mais gloriosos.
O Ceo te quer mostrar grandeza tanta,
E o véo, que esconde os seculos, levanta.

Ergue de novo o vôo ao dilatado
Espaço, e vem comigo, ó forte Gama,
Cá muito além do circulo apartado,
Onde o Sol a luz vivida derrama:
Vem ver de perto Alcaçar consagrado,
Pelas mãos da Virtude, á eterna Fama;
Bustos alli verás cingindo o louro
D' Heroes, que guarda o seculo vindouro.

Disse, e fendendo os ares pressuroso,
Mais que indocil Cometa o espaço trilha,
Tão alto se remonta, que o formoso
Sol como estrella ao longe apenas brilha:
Chega onde se levanta o sumptuoso
Eterno Templo, eterna maravilha,
Cujos muros de solidos diamantes
Dão maior luz que os astros fulgurantes.

Patente o Templo está, nem portas soão,
Que livre accesso tem, patente a estrada
Aos que da illustre rama se coroão,
Só com virtude, e com valor ganhada:
O magestoso Alcaçar só povôão,
Subindo a elle por fragosa estrada,
Os que buscão com honra, e com verdade
Da Patria a gloria, o bem da Humanidade.

De hum lado, e d'outro em pedestaes firmadas
(Como adornado portico eminente)
S'erguem estatuas colossaes, lavradas
Parecem ser de porfido luzente:
Estão d'altos emblemas rodeadas,
Em que o caracter seu se faz patente:
Esta em forte columna recostada,
Aquella tem balança, e aguda espada.

Fortaleza, e Justiça aos pés atado
Tem o Tempo fugaz, qual tortuosa
Serpe c'o corpo em circulo formado,
Na boca aperta a cauda venenosa:
Geme em ferreos grilhões manietado
Monstro mais feio, furia sanguinosa,
O proprio seio lacerar forceja,
De si, de todos inimiga Inveja.

Cruzavão já do portico alteroso
Soberbo lumiar. Vasto, eminente
Todo se amostra o Templo magestoso,
Delle ressurte luz resplandecente:
E sobre bases de rubim radioso
Em roda está de imagens copia ingente;
Nas mãos a palma tem, na frente o louro,
No pedestal seu nome em letras d'ouro.

No ar equilibrada alta figura
Da Fama está, e a tuba sustentava;
Das azas, e do rosto huma luz pura,
Que ignora a noite, e a sombra, derramava:
Não se prende na terra, ou nuve' escura
Nos Ceos tocando a fronte lhe occultava,
Que a pregoeira de immortal virtude
Não he monstro execrando, informe, e rude.

Em soberanos extasis levado
O Gama está com maravilha tanta,
Sente seu nobre espirito inflammado,
Que em desejos de gloria se levanta:
Rompe o silencio, e diz: Se immobil Fado
(Que he do Eterno a vontade augusta, e santa)
Permittirá, Senhor, que eu suba hum dia
Destes Heroes á eterna companhia?

Repousa, ousado Nauta, que a Ventura,
Lhe diz Henrique, estatua te reserva;
Nesta estancia da Fama excelsa, e pura
Para sempre teu nome aqui conserva:
Tu só com feitos immortaes procura
A estrada da Virtude; e agora observa
Quem sejão os Heroes, com cujo exemplo
Inda deves subir da Fama ao Templo.

Este, que vês de roçagante manto
De fulgidas estrellas recamado,
Deste, e d'antigos seculos espanto,
Da sapiencia pelas mãos c'roado,
He Salomão, que desenvolve quanto
Tem Natureza em si como encerrado,
Que do mar roxo co' a ondeante frota
Buscou da India a incognita derrota.

Vês a seu lado Hirão, que predomina
Da maritima Tyro o Imperio undoso,
Que rompe a amarga veia crystalina,
Largando o panno ao vento procelloso:
A estrada mostra ao Rei da Palestina
De haver thesoiros de metal precioso,
Cujas boiantes náos tem certa escala
Na antiga, e rica Ofir, que hoje he Sofala.

Lá vês do opposto lado o invicto, o forte
Machabeo, que a Nação Santa defende,
Fulmina raios, exterminios, morte
Na raça impia, que o Senhor offende:
Tenta do instavel mar, a instavel sorte,
E da Patria os confins no mar estende;
Nas sepulchraes Pyramides erguidas
Conserva as fortes náos inda esculpidas.

Este busto sublime, que adornado
Tu vês de estranhas palmas verdejantes,
Que fitos tem no polo levantado
De huma luz viva os olhos radiantes;
Elle a agulha inventou, que encadeado
Tem o furor das ondas espumantes,
Dizendo aos homens, que na debil faia
Ousem perder da vista a amiga praia.

Contempla o busto do varão prestante,
Portentoso inventor d' alto instrumento,
Que parece que prende o Sol brilhante
Quando lhe observa a altura, e movimento;
Fanal seguro ao triste navegante:
Pelos ermos do tumido elemento
O Téjo o vio nascer, do Téjo he brilho,
Honre-se a Patria com tão digno filho.

Olha Affonso Monarcha affortunado,
Que primeiro da foz do Téjo undoso
Rompeo pelo Oceano em lenho armado,
Desbaratando o Mouro bellicoso;
E de Galés armigeras coalhado
Tem de Anfitrite o Reino procelloso;
Feliz auspicio á gente Lusitana,
Que he do mar té no berço a Soberana!

Este o busto do Heroe, que o Lusitano
Salvou das garras do Leão rompente,
O Reino deixa, e as metas do Thebano
Fórça, e mette a grilhões a Libya ardente:
Eis leva Ceuta ao barbaro Affricano,
E lhe cede Neptuno o azul Tridente;
Numidia o vio, em sanguinosa guerra,
Hum novo Scipião no mar, na terra.

Com modesto silencio se esquecia
O Heroe da Estatua, que apar desta estava,
Mais clara luz nenhuma diffundia,
De mais louros nenhuma s'ennastrava:
A vista attenta, e clara aos Ceos erguia,
Aos pés a Esfera a Henrique apregoava,
Que abrio a Lusitania, á Europa, ao Mundo
Novos caminhos pelo mar profundo.

Em longa serie pedestaes formados
Aos bustos vê de Heroes que o tempo encerra,
Que por cima dos mares empolados
Hão de trazer á India ou paz, ou guerra:
Que Reis captivos, Reinos subjugados
Tributarios farão da Lusa terra;
Entre todos maior, mais luz derrama
O que a Gloria immortal levanta ao Gama.

Nelle esculpido via o já domado
Cabo até alli medonho ao navegante,
A seus pés o Oceano avassallado
Depondo a furia tumida, arrogante;
E a seu aceno manso, e socegado
Parece que se humilha Eólo errante;
E a terra oriental, que o Hydaspe corta,
Lhe entrega a chave da vedada porta.

Hum pouco a voz Henrique alevantando,
Dest' arte ao Gama extatico dizia:
Da Virtude as veredas vai trilhando,
Ella te espera neste Templo hum dia:
Subito agora, a véla aos ventos dando,
Foge do Inferno á negra aleivosia;
Perto do teu Destino o termo eu vejo;
Domada a India, tornarás ao Téjo.

Qual pela estiva noite a luminosa,
Ligeira exhalação, que os ares fende,
Que a subitanea chamma pressurosa
Fugitivo listão no espaço estende;
Que á transportada vista curiosa
A luz se apaga, quando a luz se accende:
Tal a visão celeste se obscurece,
E envolta em densos véos desapparece.

Começa de assomar nos Ceos a Aurora,
E vão-se as negras sombras enrolando,
Da luz Febéa a face precursora
Vem de rosas, de lyrios ennastrando:
Do bosque a turba aligera, e sonóra
O hymno entôa natural, e brando;
E os Ceos, deixando a noite os vitreos ares,
Se espelhão todos nos extensos mares.

FIM DO SEXTO CANTO.

GAMA.

CANTO SETIMO.

Rompe o Sol no horizonte, e do cavado
Bronze já sôa horrisono estampido;
Desperta, e surge o marinheiro ousado,
E goza a luz do dia appetecido:
Inda em sublimes extasis levado,
Inda na scena insólita embebido,
Manda o Gama, que o Mestre o apíto toque,
E os nautas todos subito convoque.

Manda depois á terra os mais valentes
Marinheiros, e intrepidos soldados,
Que ás altas náos conduzão diligentes
A' estranha Corte os Lusos enviados:
Disse, e já vão nas ondas transparentes
Prestes vogando os remos alutados,
E, mal as praias humidas tocárão,
Do Rei mentido os Paços demandárão.

Quanto humanos sentidos lisongêa
Na populosa Corte se observava;
De mil prazeres, de riquezas chêa,
O luxo d'Asia a pompa arremedava:
Na mais humilde condição plebêa
Grande opulencia, e fausto se mostrava,
Parece que os thesouros, e a grandeza
Alli plantára toda a Natureza.

De baça turba rodeados hião
Os Lusitanos nautas cuidadosos,
Quando aos soberbos porticos subião,
Que dão entrada aos Paços magestosos:
Eis que os buscados companheiros vião
Dos intentados damnos não cuidosos;
Tal Grega frota pôde seduzir-se
Entre os afagos da enganosa Circe.

Mas apenas a voz do excelso Gama
Lhes foi dos nautas destemidos dada,
Arde de inveja, de furor se inflamma
(Atroz Vingança!) a turba condemnada:
Accende, assopra a crepitante chamma,
Que em cinzas torne a fluctuante armada,
Temendo que do Olympo a fortaleza
Inda huma vez das mãos lhe roube a preza.

Não tinha indà passado da Cidade
O esquadrão Lusitano os altos muros,
Eis se condensa horrenda tempestade,
Eis perturba, eis enlutà os ares puros:
Rompe do Inferno céga obscuridade,
Que abafa os Ceos com hálitos impuros;
E antes que sopre furioso vento,
S' encrespa, e turva o tumido Elemento.

Nada póde conter os esforçados
Lusos, que a armada soccorrer desejão;
Contra os medonhos escarcéos quebrados
Com duro remo sem cessar forcejão:
E por entre os rochedos escarpados,
Que pelas vagas tumidas negrejão,
Vão atracar co' armada combatida,
No fundo abysmo quasi submergida.

Em tanta confusão, sem perder tino,
Com voz tranquilla o Gama lhes declara,
Que só das trévas o Dragão maligno
Tempestade tão subita mandára:
Que o Deos Eterno, o A'rbitro Divino
(Paternal Providencia) as náos ampara;
Que he preciso fugir da infausta terra,
Que disfarçada em paz conserva a guerra.

Bem como na tranquilla, e pobre Aldêa
De singelos Pastores habitada,
Se a labareda subita se atêa,
E lambe o colmo de que está forrada;
Que o morador attonito recêa
Perder c' o doce lar doce manada,
C' os outros á porfia trabalhando,
Salva o que póde, as chammas apagando:

Taes os nautas, apenas escutárão
O que declara o Gama valeroso,
Correndo, pela enxarcia se atrepárão
A dar o panno ao vento impetuoso:
O duro cabrestante outros voltárão,
Rangendo tira o ferro do arenoso
Fundo, os leves baixeis íção depressa,
Por mais que ferva o mar, e o vento cresça.

Já mareão em popa, e os abrazados
Horrisonos canhões nos ares trôão,
C' os bramidos das ondas misturados
Horrendamente pelos montes sôão:
Mas, oh portento infando! os levantados
Muros, Palacios, como as nuvens voão,
E apenas se mostrava á vista incerta
A terra inculta, barbara, e deserta.

Só confusos, medonhos alaridos,
Que as carnes de pavor arripiáão,
Pelas agrestes fragas repetidos,
Té nos mares mui longe se escutárão:
Entre enroladas nuvens accendidos
Azues horrendos lumes serpeárão;
E o Ceo, que em negras sombras se envolvia,
A frota, a gente audaz de susto enchia.

O monstro da Soberba ao carro horrendo
Junta os negros Dragões; e accelerado
Pelas trévas altissimas rompendo,
Busca de novo o Inferno affogueado:
Em mór odio, mór sanha, e raiva ardendo,
Leva no peito o coração rasgado;
No escuro abysmo subito se lança,
E lá medita estragos, e vingança.

Bem como nos remotos horizontes,
De turbidos vapores condensados,
Immenso grupo de lascados montes
Huns sobr' outros se fórmão conglobados;
Que apenas Febo aos rapidos Ethontes
Bate o freio nos ares inflammados,
Ao repentino ardor, fragil escudo
Foge o negrume, e se dissipa tudo:

Assim depois que da Celeste Corte
Desceo Archanjo tutelar á terra,
Dos ventos a infencissima cohorte
Depoz a furia, e terminou-se a guerra:
Gemeo no abysmo despiedada morte;
A foice arrima, as ferreas portas cerra,
Somem-se as Furias no sulfureo lago
Falido vendo o presuposto estrago.

Vinte vezes o Sol do Firmamento
Tinha amostrado o rosto luminoso,
Vinte vezes deixando o etherio assento,
Do Ceo tinha descido ao pego undoso:
Depois que a armada Lusitana ao vento
As vélas déra pelo mar bramoso,
Sem que Alemquer astuto, e diligente
Desvie as náos do lúcido Oriente.

Hião varrendo os campos procellosos
Só dos Fócas undivagos cortados,
Vendo Ceos novos, d'astros luminosos,
Menos brilhantes, menos povoados:
Inda da terra pérfida medrosos
Julgão ser prêza aos monstros refalsados,
Eis que do mar ao longe no horizonte
Confuso se lhe antolha excelso monte.

Tufava as vēlas de tal arte o vento,
Que a armada velocissima varria
Com tanta pressa o liquido elemento,
Qu' á prôa em branca espuma o mar s' abria:
No ponto estava o Sol do Firmamento,
Onde em partes iguaes divide o dia,
No ar, de nuvens limpo, se amostrava
Alta terra, que ao Austro o mar talhava.

Já divisão tres montes, e a alta frente
Hum delles mais soberbo aos Ceos erguendo,
E sobre a cima altissima eminente
Vai dilatado campo apparecendo:
Na penhascosa ponta o mar fervente
Quebrar-se escutão com mugido horrendo,
O tormentoso cabo se conhece,
Onde a Libya ardentissima fenece.

Esta, bradava o Gama, esta a baliza,
Que oppôz 'a Natureza a esforço humano;
Africa adusta aqui se finaliza,
E daqui tem principio outro Oceano:
Huma só vez passada, e se divisa
Nella esculpido o nome Lusitano,
Se a hum navegante aqui se oppóz Fortuna,
Não seja ao Gama a ultima columna.

Acabou de fallar, e os reforçados
Nautas ás gavias ultimas subiáo,
E desde aquella altura alvoroçados
A' terra estranha os olhos estendiáo:
A aguda ponta, os montes levantados
Do mar aos Ceos attonitos mediáo,
Docto Alemquer solicito vigia,
E, os parceis receando, as náos desvia.

Do Luso esforço o mar, como affrontado,
Pelas costas inhóspitas bramando,
Parece que açoitava o levantado
Pólo, as espessas ondas enrolando;
Ora em abysmos funebres cavado,
Ora as náos dos abysmos vomitando,
Aos assombrados nautas se affigura
Que o Fado lhe abre eterna sepultura.

Lá no medonho Inferno inda esbravece
Soberbo o Monstro, que a ruina via
De seu temido Imperio, e lhe parece
Que cahe de todo a torpe Idolatria:
Hum novo estrago insólito já tece,
Chama de novo ao throno a turba impía:
A's náos, lhe diz, eu levo estrago eterno,
Digno sómente do Senhor do Inferno.

Rompe o chaos, e a noite, e chega á terra,
E os montes busca da longiqua Java,
D' hum nas entranhas lôbregas s' encerra,
E já rompe do cume o fogo, e a lava:
O fumo cobre o Ceo, e a luz desterra,
Do abalo o globo trémulo oscilava;
Eis sahe da boca c' hum penhasco ardente,
Com elle busca o mar do Austro algente.

De neve eterna montes amassados
Da morte aquellas regiões povôão,
Que sobre os mares tumidos levados,
Huns aos outros unidos se amontôão:
Cahe-lhe em cima o penhasco, e desatados
Em grandes massas pelo mar escôão;
Vão aboiando os frigidos colossos
Por entre os mares fervidos, e grossos.

Cook os encontra assim, quando a escondida
Austral porção, que zela a Natureza,
Buscava pertinaz, expondo a vida
Talvez no altar da sordida Avareza:
Agora com mais furia embravecida
Trazendo-os vem Tartarea fortaleza;
Os mares cobrem, cobrem horisontes
De toda a parte os congelados montes.

Desconhecida, horrenda tempestade,
Do Mundo ás leis universaes alheia!
Quanta a vista descobre immensidade
Do mar, se mostra de montanhas cheia:
E sobre ellas Tartarea Potestade
Parece traz a noite horrenda, e feia;
E contra as náos nas ondas espumantes
Correm com furia as massas fluctuantes.

O ar se tolda, subito negrume
Leva da vista o Sol, e esconde o dia;
Por entre as nuvens o sulfureo lume
Com mil trovões horrisonos rompia:
De estranho frio, penetrante gume
O corpo em todos tremulo transia;
A noite, o gêlo, os raios, a tormenta
Ao triste nauta o Inferno representa.

Rasgão-se hum pouco as nuvens, novo espanto
Penetra o peito á gente atribulada,
Triste alarido, magoado pranto
Resôa em toda a combatida armada:
Já desdobrava a noite o escuro manto,
Eis rompe a Lua turbida, eclipsada;
Julga-se, ao ver-lhe o palido semblante,
A machina do Mundo agonizante.

Por entre a sombra ao lado do Oriente
Se ouvio estranho chôro, ou grito horrendo,
E Fantasma horroroso, enorme, ingente
Envolto em nevoas vai apparecendo:
Quasi toca nos Ceos medonha a frente,
E inda os pés vai nas ondas escondendo;
Era o Genio da bruta Idolatria,
Que a eminente catastrofe carpia.

Cego, ousado mortal, (brada) que intentas,
Rompendo affoito os mares empolados?
Não vês quantas horrisonas tormentas
Ao temerario passo oppoem teus Fados?
As desgraças dos teus teimoso augmentas,
Tu lhes preparas trances desgraçados;
Se a gloria vens buscar na estranha terra,
Nella pranto acharás, trabalho, e guerra.

Nas mãos para a vingança o raio eu trago;
Ou volve atraz, ou fria sepultura
Acharás no salgado, immenso lago,
Em premio da ousadia morte escura:
Aos homens vens trazer funesto estrago,
Vens insultar a Natureza pura;
Que he desmedida injuria, horrendo insulto
Novas leis dar ao Mundo, e novo culto.

Se de fogo, e de ferro o braço armado
Vier fundar Imperios no Oriente,
Que medonhas catastrofes o Fado
Em seus decretos guarda á Lusa gente!
Hum Reino em sangue, em lagrimas fundado
Não póde ser feliz, nem permanente;
Foge, pois contra a temeraria empreza
Armada observas toda a Nrtureza.

Eis desfeita em centelhas fulgurántes,
Aos olhos foge a colossal figura,
Em roda ao longe as ondas espumantes
Parecem transformar-se em chamma pura:
Fossem acaso fósforos brilhantes,
Ou novo mal, ou nova desventura,
Não houve hum coração de susto isento
Ao ver o estranho, insolito portento.

Que presagios, e agoiros desgraçados,
Oh justos Ceos! (o Gama então clamava;)
No mar boiando montes arrancados,
Convulso o Mundo em tempestade brava!
Que ruinas crueis, que acerbos fados
Do monstro a horrenda voz prognosticava!
Mandai, ó Ceos, o auxilio soberano,
Que sem vós nada póde hum fraco humano.

He delicto ajuntar o Mundo ao Mundo,
Levar luz da verdade a hum povo inculto?
He delicto buscar no mar profundo
Hum caminho aos mortaes té agora occulto?
Ir converter o Paganismo immundo,
Ensinar ás Nações Celeste Culto?
Se esta acção he tão vossa, ó Deos Eterno!
As Furias debellai do escuro Inferno.

Ouvio nos Ceos, o Padre Omnipotente
O suspiro do afflicto, hum leve aceno
Fez co'a tremenda magestosa frente,
O mar ficou tranquillo, o Ceo sereno:
Cerrou as azas Boreas estridente,
Nos ares revoou Zefyro ameno;
Sahe a Lua do eclipse atro, e profundo,
E, convulso até alli, repousa o Mundo.

Eis que ao romper da Aurora ao perto vião
Das tres montanhas a soberba fronte,
As rarefeitas nuvens se escondião,
E todo brilha o fulgido horizonte:
Mansas as ondas liquidas batião
Na ruiva arêa que já tem defronte,
Os duros nautas animo recobrão,
E com fausta esperança o cabo dobrão.

Temos, bradava o Gama, ó Lusa gente,
Com denodados animos vencido
Quanto espantoso tinha o mar fervente
No Promontorio nunca transgredido:
Nossos passos conduz o Omnipotente,
De tamanhos trabalhos condoído;
Por nós armado o Ceo, por nós peleja,
E a força esmaga da tartarea Inveja.

Disse, e a undivaga armada o mar talhava
Todo planice trémula, e lustrosa;
Em cima a terra vêm, que se encurvava
N' huma enceada funda, e bonançosa;
E que hum tranquillo abrigo assegurava
Contra a furia dos ventos procellosa:
A frota aqui fundêa, e o panno ferra
Não muito longe da aprazivel terra.

Da alta gavia os robustos marinheiros
Os saudosos olhos alongando,
Vêm fundos valles, ingremes oiteiros,
Que estão robustas palmas coroando:
Correm das rochas limpidos ribeiros,
Que o mar por entre as pedras vem buscando;
Revoão bandos de pintadas aves,
Que ao dia entoão canticos suaves.

A Natureza toda encantadora
Na risonha manhã s' apresentava,
Quando de todo s' esvaía a Aurora,
Mais brandamente Zefyro soprava:
E do regaço a matutina Flora
Mais perfumes balsamicos lançava;
E, todo o rosto erguendo, o Sol jucundo
Mostra nas cores naturaes o Mundo.

Contentes saltão na risonha terra
Os nautas Lusos, mas de ferro armados,
A cuja vista insolita se aterra
Hum bando immenso de incolas tostados:
Era incognito o ferro, ignota a guerra
Aos Hotentotes, barbaros chamados;
Mas o Gama tranquillo então lhe acena,
Com brando riso os animos serena.

Apresenta alguns dons ao povo escuro,
Que sem receio aos Lusos se chegava,
Do ferro entre os reverberos seguro
O que a terra produz lhe apresentava:
Das arvores o fructo, o leite puro
Por frágeis vidros fulgidos trocava,
E co' a gente, que enganos não recêa,
O Luso vai contente á pobre Aldêa.

Doce era ver pastar pela espessura
Lanigeros rebanhos esparzidos,
Extensos valles de eternal verdura,
E de flores balsamicas vestidos:
Quadros fiéis da provida Natura
Entre as artes a nós desconhecidos,
Scena alegre, espectaculo jucundo
Dos aureos dias do nascente Mundo.

Em vagarosos bois vinhão sentadas
Em negra côr formosas as Donzellas,
Os membros nús, as frentes ennastradas
De azues boninas, brancas, e amarellas:
Em barbarico tom, mas concertadas,
Entoão mil canções de amor singellas;
O canto Amor o ensina, Amor o inspira,
Suspiros d' alma a Natureza tira.

Alguns doces avenas assoprando
Apoz os gados vão nos arvoredos,
E hum echo se repete doce, e brando
Pelas concavidades dos penedos:
De estranhas aves o volatil bando
Expõe no canto seu d' Amor segredos:
Oh feliz condição, ditosa sorte
De gente, que em tal vida espera a morte!

Venturosa Nação na Libya ardente,
(Extatico bradava, e absorto o Gama,)
A quem não queima do metal luzente
Com sordida avareza eterna chamma:
Com thesouros reaes vive contente,
Ignora amor da gloria, amor da fama;
Nem tenta pela mádida Anfitrite
A' terra, em que nasceo, dar mór limite.

Maldito seja aquelle, que a ditosa
Paz vier perturbar, que estais gozando,
Que a cubiça, ambição perniciosa
Trouxer da escrava Europa, o mar talhando.
(Oh mente dos mortaes caliginosa!
Do sombrio Hollandez guerreiro bando
Eu vejo, ó Gama, que avarento, e cego
Lhe vai roubar o natural socego!)

Oh quanto vale mais rude ignorancia,
Que as artes que a soberba Europa adora,
E mais a inculta vida, que a arrogancia
Do sabio vão, que muito, ou tudo ignora!
Arrazar as muralhas de Numancia,
Tingir de sangue a espada vencedora,
E ganhar em Farsalia, em Accio os Louros,
Não vale mais que os naturaes thesouros!

He ventura maior por esses prados
Ver correr, ver findar tranquilla vida,
Que entregalla dos ventos indomados
Em mar ignoto á furia embravecida:
A sombra desses cedros levantados,
Ao mortal pensador doce guarida,
Esse silencio augusto, esses retiros,
De meus votos são termo, e meus suspiros.

O negro monstro da faminta Inveja,
Furia a maior do palido Cocito,
Essa ignorada terra não bafeja
Com detestavel halito maldito:
Aqui louca ambição nunca forceja
Por dar a hum Reino termino infinito;
Se Alexandre no Globo inda não cabe,
Viver em pobre choça hum pobre sabe.

A vil Adulação, que tem cercado
Dos aureos Paços aureos alizares,
A hum rizo attenta, a hu' gesto, a hu' falso agrado,
Que tão depressa se desfaz nos ares;
E que tem tantas victimas sangrado
Com sacrilego ferro em vís altares,
Da innocencia, e verdade affugentada,
Nesta região feliz não tem morada.

Assim discorre o Gama, que á ventura
Entre cedros altissimos vagava,
Em quanto a Lusa gente d' agua pura,
E dos fructos da terra se abastava:
Com assiduo trabalho em vão procura
Signaes achar dos climas que buscava;
Que o tranquillo Hottentote por aceno
Mostra só conhecer natal terreno.

Sôa o bronze á partida, e logo ordena,
Que em terra tão feliz fossem deixados
Dois, que cá de tão longe á extrema pena
Por Themis justa forão condemnados:
Já pendem soltos da breada antenna
Leves pannos ao vento desfraldados,
E as flamulas dos topes, ondeantes,
Chegão, descendo, ás ondas espumantes.

Rompia a Aurora; da aprazivel terra
(As encurvadas ancoras levando)
Com serena bafagem se desterra
A armada, hum mar incognito talhando:
Eis que de novo o vento accende a guerra,
As procellosas nuvens ajuntando;
Aos receosos nautas ameaça
De novo outra tormenta, outra desgraça.

O mar com furia indomita rebenta
Por cima dos cachopos escondidos,
Cresce o furor, o impeto se augmenta
Dos grossos furacões embravecidos:
Já sem rumo, a sabor da atroz tormenta
Vão pelo vento os lenhos impellidos;
Foge o valor, o peito desfalece,
Ao nauta audaz a face emmarellece.

Ferrado o panno, as vagas inclementes
Em balanços cortava a forte armada,
Até que o vento as azas estridentes
Hum pouco equilibrou, e a levantada
Ponta se vio no Cabo das correntes,
Nunca de lenhos Europeos dobrada;
E o mar que recuando em flor rebenta,
Longe do cabo os Lusos affugenta.

Não desiste, não cede o Lusitano,
Inda que opposta veja a Natureza;
Como senhor do tumido Oceano,
Vence do vento a indomita braveza:
Ora colhe, ora larga o leve panno
Vigilante Alemquer, com tal destreza,
Que ao cabo por d' avante, co' a alterosa
Prôa, corta de hum rio a foz undosa.

Gostosa scena aos olhos se offerece
Pouco affeitos a scenas de alegria;
Multidão d' almadias apparece,
Que vem rasgando o seio a Thetis fria:
Nas maneiras, no trage se conhece
Não ser a gente alli de côr sombria;
Pois descobrem ao longe os navegantes
Roupas compridas, Persicos turbantes.

Pela Arabiga lingua perguntava
Martins já de mais perto á estranha gente,
Cuja era aquella terra, e o que distava
Daquelle clima o clima do Oriente?
Alegre a chusma dos baixéis bradava
Pelo mesmo idioma; e tão contente
C' o fausto auspicio fica o forte Gama,
Que Bons Signaes ao rio, e á terra chama.

Daqui largando a véla ao fresco vento
Os novos Argonautas demandavão
De Nereo pelo campo fraudolento
Novas terras, que ao Norte se mostravão:
Mas á Soberba no eternal tormento
Nunca os odios antigos se abafavão;
Das soffridas derrotas não se esquece,
Inda infausta ruina, e enganos tece.

Deixa o cháos de novo, e os ares gyra
De outros monstros o Monstro acompanhado;
Vingança vem com elle, a Inveja, a Ira,
D' olhos torvos, de rosto esbrazeado:
Vem Perfidia, e Traição que o mal inspira
A hum povo inculto, inerme, e socegado;
E lhe faz crer que he barbaro inimigo
O Luso, que só busca amparo, e abrigo.

Se á triste Moçambique a armada chega
De sustento a abastar-se, e d' agua fria,
Tudo a Terra mui barbara lhe nega,
Mostra-se em tudo falsa a gente impía:
Se o tormentoso mar corta, e navega,
Piloto enganador á morte a guia;
E se animosa obstaculos arrostra,
Em tudo mór obstaculo se mostra.

Mas a celeste Guarda sempre attenta,
E a bem dos Lusos sempre vigilante,
Ora os livra das garras da tormenta,
Ora encadêa o vento sibilante:
Ora os livra da sanha fraudolenta
Do monstro sempre indomito, arrogante;
A frota surge além da atroz Mombaça,
E o perigoso estreito ávante passa.

Mais chão rompia hum mar quando a serena
E matutina luz doirava os montes;
Quando a Aurora já foge, e Febo acena
Romper dos Ceos c' os fervidos Ethontes;
Eis que hum gageiro da sublime antenna
Descortinando os claros horizontes,
Das gavias brada á Lusa companhia,
Que alta, aprasivel terra ao longe via.

Nunca, depois que o Téjo bonançoso
Fôra da armada intrepida deixado,
Mais rizonho espectaculo, e formoso
Se havia ao duro nauta apresentado:
E nem de Armida o bosque deleitoso
Por ti, Tasso immortal, por ti cantado
Em tom celeste, em versos sobrehumanos
Foi mais gentil., que os campos Melindanos.

Quaes os teus, Ulysséa, os reforçados
Ao ar se elevão muros alterosos,
Torres, Palacios, Corucheos doirados,
Que despedem reverberos lustrosos,
Do Sol co' as luzes vividas tocados;
E mal c' os fortes lenhos poderosos
O Chefe Luso na enceada pára,
Todo o ignivomo bronze se dispara.

Eis sahem do porto as curvas almadias
De fina, e rica seda acobertadas;
Dividindo a compasso as ondas frias,
Buscão sem susto as náos já fundeadas:
Não são de pelles pretas, e sombrias
As gentes ledas, de que vem pejadas,
Das náos hum tanto ao mar paradas ficão,
E pela lingua Arabiga se explicão.

Com pacifica senha o forte Gama,
Do destrissimo Interprete mostrada,
A singela nação tranquillo chama,
Que paira ao longe da potente armada:
Apenas cessa a sulfurosa chamma,
Eis sobe ao portaló menos turvada;
Mas admira os canhões, o trage, a gente,
Qual nunca alli viera do Oriente.

Soube que era Melinde o Gama ousado,
Leonardo á terra envia; o valoroso,
Apenas toca a praia, rodeado
Subito foi de povo numeroso:
Já de extatica turba acompanhado
Busca os Paços do Principe famoso,
Entra em doirada, espaciosa sala,
E acatando o Monarcha, assim lhe falla:

O Capitão da Lusitana gente,
Que á longo tempo dividindo os mares
Os climas busca do vedado Oriente,
E os opulentos Reinos Malabares;
Mandado de hum Monarcha alto, e potente,
Que na guerra, e na paz merece altares,
Pedir-vos manda neste porto abrigo,
E vos saúda verdadeiro amigo.

Contente o Rei seus braços estendia
Ao forte Portuguez, que lhe fallava;
Vertem-lhe os olhos pranto de alegria,
E ingenua paz do rosto trasbordava:
Prestes seu proprio filho ao Gama envia,
E o Joven satisfeito as náos buscava;
E o Rei, sem que lho véde ultima idade,
Por ver de perto as náos, deixa a Cidade.

Desce logo aos bateis o invicto Gama,
No mar espera o Principe excellente;
De hum lado, e d' outro de prazer exclama
A gente Lusa, a Melindana gente:
O accezo bronze fervido rebrama,
No ar se expande o fumo, e chamma ardente,
E o som tornado da encurvada terra
Os mais valentes animos aterra.

Como se á longo tempo de amizade
Os sacrosantos laços se tramárão,
(Tanto sem vicio póde a humanidade!)
O Joven Regio, e o Gama se abraçárão:
E os Ministros da Regia Potestade
Em torno delle alegres se assentárão;
Tanta, e tanta virtude o moço ostenta,
Que ir ver a terra amiga o Gama intenta.

Manda aprompter alguns dos Mahometanos,
Que em Moçambique perfida aprezára,
Justo castigo dos fataes enganos,
Que entre gente tão barbara provára:
D'armas se vestem fortes Lusitanos,
E o Capitão com pompa se prepara;
Já remeiros, vistosos por extremo,
Batem as ondas com pezado remo.

Aos aureos Paços a ligeira Fama
Fende os ares, e chega annunciando
A fausta vinda do esforçado Gama,
Que as ondas vem do rio atravessando:
Já com vivas na praia o povo o acclama,
E apressado o Monarcha venerando,
Deixa o throno, e demanda a ruiva arêa,
Por ver ancioso a gente de Ulyssêa.

Entre os braços o acolhe, e ambos sentados
O Gama ao Rei pausado cumprimenta,
E os Mouros, que conduz a ferro atados,
Ao throno excelso escravos apresenta:
Mas de hum pavez finissimo, e terçados
Mais affavel se alegra, e se contenta;
Tudo fica em silencio, e está pendente
Da grave voz do Capitão valente.

Eis começa a fallar o illustre Gama
Com voz grave, serena, e magestosa:
Excelso Rei, lhe diz, cuja alta fama
Chega onde esconde o Sol sua luz formosa;
Em cujo vasto Imperio os bens derrama,
Com mão tão liberal, sorte ditosa;
Não enche só teu nome a Libya ardente,
Tambem se escuta, e louva no Occidente.

Se tu prézas acaso a fama, e gloria,
Digno premio de feitos sublimados,
Que inda depois da vida transitoria
Vivem na mente dos mortaes gravados,
E no sublime Alcaçar da memoria
Firmes zombão dos annos apressados;
Se he grato para ti louvor, e nome,
Que nunca o tempo estragador consome:

Só fama, e gloria, só louvor me obriga
A deixar sem saudade o patrio ninho,
E contrastar a barbara inimiga
Furia de ignoto mar no ondeante pinho:
Só este nobre estímulo me instiga
A calcar da virtude o arduo caminho;
Vassallo sou de hum Rei tão grande, e forte,
Que até pelo servir desprézo a morte.

Da mais occidental, e extrema praia,
Onde termina a Europa bellicosa,
E o vasto mar começa; onde desmaia,
Ou se esconde de Febo a luz formosa;
O grande Rei me manda em curva faia
Dobrar o cabo d'Africa arenosa,
E dando quasi a volta do Hemisferio,
Buscar da India o recatado Imperio.

Postos no arbitrio, e mãos da instavel sorte,
O mar d'Atlante para o Sul cortámos;
Da vista se nos foi brilhante o Norte,
Quando o Equador ardente atraz deixámos:
Sem ver o rosto ao Mal, o aspecto á Morte,
Jámais as ondas tumidas sulcámos;
E todo o Inferno conjurado em guerra
Nossa perda intentou no mar, na terra.

Soprando ora de Noto a furia immensa,
Que nas azas conduz a tempestade,
Ora o feio negrume, ou nevoa densa,
Que abafa, e fecha o ar na obscuridade;
Ora climas passando, onde a doença
Entrega á morte a triste humanidade,
Ora soffrendo os mares procellòsos,
Raios ardentes, e trovões ruidosos:

Dobrar viemos o fatal limire,
Que pôz a Natureza á Libya ardente;
Onde não mais as ondas de Anfitrite
Pôde sulcar ávante a Lusa gente:
E porque os passos seus, e exemplo imite,
Demandar venho os climas do Oriente;
Para achar o caminho em vão buscado,
Basta ser Luso, e de tal Rei mandado.

Até senti de bárbaro inimigo,
Astuto Moiro perfida cilada,
Que inda chora, e se dóe do golpe antigo,
Que recebeo na Patria conquistada:
Fiz-lhe sentir o asperrimo castigo,
Inda os fios provou da Lusa espada;
Cortei depois as ondas crystalinas,
E os Reinos vim buscar onde dominas.

E se tamanha, tão sublime empreza
Merece a protecção alta, e subida,
Digna do estado, digna da grandeza
Da regia potestade esclarecida;
Para deixar de todo a Natureza,
Que o mar nos pôz por término, vencida,
Só nos resta, Senhor, que esse teu braço
Córte o supremo, o ultimo embaraço.

Dá-me hum Piloto déstro, exp'rimentado,
Que atravesse comigo os turvos mares,
Que o caminho nos mostre em vão buscado,
Que tenha visto os ricos Malabares;
E ficará teu nome então gravado
Da Fama nos turicremos altares;
Será sabido donde o Téjo corre,
Onde o Sol apparece, brilha, e morre.

O Gama aqui parou; e o Rei, que ouvia
Os discursos do forte aventureiro,
Dest' arte alçando a voz, lhe respondia
Com regio termo, honesto, e verdadeiro:
A alta fama da Lusa Monarchia,
Enche, Senhor, de assombro o Globo inteiro;
Nem clima existe, ou término apartado,
Onde do nome seu não chegue o brado.

Dentro em meu Reino hum tempo hei recebido
Hum barão como vós no modo, e trage,
Desse Paiz Occidental trazido
Por longas terras, aspera viage:
Este do Luso Imperio alto, e subido
Algumas vezes me pintava a image;
Em meu peito excitou desejo ardente
De ver tão grande Rei, tão nobre gente.

Hoje que o Fado, ou próspera ventura
Vos traz ao Reino meu, firme alliança
O Melindano Rei protesta, e jura
Em paz eterna, eterna confiança
De sincera amizade ingenua, e pura;
Nunca haverá nos seculos mudança:
Minha grandeza nada vos recuza,
Eu Piloto vos dou, que as náos conduza.

Agora hum pouco do trabalho insano
Cumpre aqui repousar, antes que a praia
Vádes tocar do Indico Occeano,
Do vosso grande esforço ultima raia:
E pois a luz de Apollo Soberano
O turvo Occaso busca, e já desmaia,
Vamos em parca, mas tranquilla meza
As forças reparar da Natureza.

Disse, e o Gama conduz pelos doirados
Paços sublimes aos jardins frondosos,
De crystalinas fontes rociados,
Por baixo de Sycómoros umbrosos;
Quaes onde Alcino ouvíra os decantados
Feitos de antigos Gregos valorosos;
Quaes os da antiga, da infeliz Palmyra,
Quaes Babylonia nas muralhas víra.

De todo o Sol nos mares do Occidente
Hia escondendo a face luminosa,
Quando o Monarcha, e Lusitana gente
Entrava alegre pela selva umbrosa:
E debaixo de hum cedro antigo, ingente,
Já preparada estava a magestosa
Meza; em doiradas, finas porçolanas
Já recendem viandas Africanas.

Sobre gramineos leitos, esmaltados
De purpureas boninas, se assentárão
Os Lusos Argonautas descançados,
E só na frente o Gama, e o Rei ficárão:
Em crystalinos cálices doirados
Das altas palmas o licor lançárão,
Que supre os dons de Bromio, que os virentes
Pampanos nega ás regiões ardentes.

Depois que as sombras lugubres cahírão
Das mais altas montanhas, e que á terra
Febo a face escondeo, brilhar se vírão
As luzes, com que a noite se desterra:
Luminosos farões se repartírão
Pelo ameno vergel, que em torno cerra
Hum denso bosque de Ebanos copados,
Sómente aos campos Melindanos dados.

Desde o Téjo até alli tão grata scena
Jámais aos Lusos se amostrára hum dia;
Da escura noite, placida, e serena,
De safiras bordado o manto ardia:
De luzes rodeada a selva amena,
Quasi do Sol ardente a Luz supria;
Brando susurro de ligeiro vento
A's folhas dava doce movimento.

FIM DO SETIMO CANTO.

GAMA.

CANTO OITAVO.

JÁ das soberbas mezas removião
Attentos pagens pannos preciosos,
Com pompa oriental em torno ardião
As caçoilas de sândalos cheirosos:
Pelo gramineo leito inda jazião
Os nautas todos em coxhins mimosos,
Quando, volvendo o rosto ao illustre Gama,
O velho Rei contente assim lhe exclama:

O' tu, feliz mortal, que tens domado
Do vasto mar a furia embravecida,
A quem parece se submetta o Fado,
E ande a Fortuna para sempre unida!
O' tu, cuja Nação tão alto brado
Tem já dado nas armas tão temida,
Que te posso dizer, que a inteira terra,
A respeita na paz, e a teme em guerra:

Antes que ao surdo vento o leve panno
Desfraldes outra vez n' azul estrada,
E vás seguro achar pelo Oceano
Essa terra até agora em vão buscada;
Pois na memoria a tens, do Lusitano
Reino me conta a origem levantada,
As façanhas dos Reis, da illustre gente,
Com quem desejo hum pacto permanente.

Suspenso hum pouco o Capitão famoso,
Dentro em seu pensamento se immergia,
Mas rompendo o silencio em magestoso
Pausado tom, dest' arte respondia:
Da Lusa gente, e Reino glorioso,
Genio estranho, e não eu, fallar devia;
Os seus brazões contar a estranhos toca,
Que o louvor he suspeito em propria boca.

Mas sabe, ó Rei, que em clima afortunado,
Que o temperado circulo atravessa,
Onde do coche obliquo o Sol doirado
Obliqua luz aos povos arremessa;
No mais occidental, no extremo lado,
Onde a Europa se finda, o mar começa;
Jaz, e não muito extensa a Lusa terra,
Grande em todos os seculos na guerra.

Patria, e berço de Heroes, que a já prostrada
Roma sempre temeo; Roma, que hum dia,
Sobre as ruinas das Nações sentada,
Se promettêra eterna Monarchia:
Negra traição dos fortes detestada
Do Luso Imperio os porticos lhe abria;
A Lusitania com perfidia toma,
Que serve escrava involuntaria a Roma.

Porém da altiva Roma o duro Imperio,
Que empunha ferreo sceptro, ou sceptro d'ouro,
Que as Aguias fez voar pelo Hemisferio
Desde as margens do Hydáspe ao adusto Mouro;
De seu orgulho affronta, e vituperio
O Tempo estragador murchou seu louro;
De seu pezo opprimido eis balancêa,
E as mãos entrega á barbara cadêa.

Do pólo aquilonar, onde agrilhôa
Perpetuo Inverno em gelo a escura terra,
Tempestade de Barbaros revôa,
Que trazem por divisa estrago, e guerra;
Eis de Erynnis o açoite a Europa atrôa,
A soberba Latina as azas cerra;
E a cerviz, que não fôra ao jugo affeita,
Do espantoso Alarico as leis acceita.

Hunos ferozes, Longobardos duros,
E os Vandalos crueis, ás armas dados,
Da desmembrada Europa os climas puros
Conservão longo tempo avassallados:
Eis que hum enxame de Arabes perjuros,
De fanatismo estragador armados,
Das montanhas nataes trazendo á guerra,
Vem dar Imperio novo, e leis á Terra.

Do Godo, já não fero, o poderoso
Reino, por justa lei do Ceo sereno,
Entrega o collo ao jugo vergonhoso,
Que a mão lhe impõe do astuto Sarraceno;
Que o sceptro estende audaz, victorioso,
Do Téjo, e Betis pelo campo ameno;
E a grei de Christo fugitiva, e triste
Ao vencedor se esconde, e não resiste.

Té que d' Asturia agreste, e montanhosa
Sahio Pelagio, o Joven denodado,
Que a Arabiga falange bellicosa
Venceo no patrio Reino avassallado:
O Hispanico Leão a crespa, e undosa
Juba sacode em throno restaurado;
Mas inda Lusitania o pé cativo
Nos ferros tem do Sarraceno altivo.

Dos Ceos lhe lança a vista o Omnipotente,
E o sceptro quebra á Maura crueldade;
A' testa marcha de Barão potente,
Com elle traz victoria, e liberdade:
Tinha ensaiado a espada reluzente
Da Palestina na maior Cidade;
E, vencedor no Oriente, hum novo louro
Nas margens vem colher do argenteo Douro.

Este o famoso Heroe, que procedia,
Como entre nós se crê, dos esforçados
Potentes Reis da bellicosa Hungria,
Nunca d'armas do Tibre avassallados:
Este o tronco real, donde a mão pia
Do eterno Deos conserva os celebrados
Ramos, que o grande Imperio Lusitano
Salvão das mãos de hum Arabe Tyranno.

Henrique aos golpes da fulminea espada
Vai por victoria, e por victoria abrindo,
Invencivel guerreiro, ao Throno a estrada,
Além do Douro os Arabes seguindo:
Affonso filho seu, já da ganhada
Terra com forte exercito sahindo,
Sobre ruinas de Agarena gente
Levanta, exalça o Reino independente.

Cinge na frente Imperial Coroa,
Com seu ferro a lavrou, de novo a guerra
Traz ás muralhas da immortal Lisboa,
Côrte de Lysia, adoração da Terra:
Dêo signal a trombeta, e o ar atrôa;
De toda a parte os Agarenos cerra,
As Hostes affugenta, os campos tala,
E a grão montanha torreada escala.

Mas cede o grande Affonso ás leis da morte,
Que os sceptros despedaça, e murcha os louros;
Juntou na vida ás palmas de Mavorte
D'alta piedade perennaes thesouros:
A hum digno filho deixa o esforço, e a sorte,
Primeiro Sancho domador dos Mouros;
Inda joven, se a espada invicta estrêa,
De sangue Mouro os campos purpurêa.

Mas descança no tumulo, e transmitte
Poder, esforço a Affonso ás armas dado;
E, porque o grande Genitor imite,
Com armas engrandece o sceptro herdado:
E, porque o regio exemplo o povo excite,
Co' a mão, que o ferro empunha, empunha o arado;
Dilata o Reino em base mais segura,
Dá leis, dá força á doce Agricultura.

Outro Sancho reinou, que cede ao pezo
De hum sceptro, e Reino sempre bellicoso;
Nas cadêas de Amor suspira prezo,
Jugo suave, jugo vergonhoso:
Eis Discordia fatal c' o facho accezo
Desterra a paz do Reino venturoso;
E a tempestade turbida socega,
Quando o sceptro nas mãos d' Affonso entrega.

Terceiro Affonso, que a sanguinea espada
Toda embebe no peito á Maura gente,
O Algarve doma, terra dilatada,
Que ultima vê cahindo o Sol luzente:
Corre os limites da Potencia herdada
Mais ligeiro, e veloz que o raio ardente;
E desde o Minho á foz do Guadiana
Fixa os termos á C'roa Lusitana.

O sceptro deixa ao filho afortunado;
(He Diniz o seu nome), e a Lusa terra
No Throno hum Sabio vê, e hum Rei sentado,
Que a insipiencia barbara desterra:
Porém da gloria militar lembrado,
No regaço da paz medita a guerra;
Cidades, Villas com muralhas fecha,
Em tranquilla abundancia os Reinos deixa.

Leões gerão Leões, e as Aguias gerão
Audazes Aguias, que do Sol luzente
Os raios ardentissimos tolerão,
Deixando em baixo a nuve, e o raio ardente:
Taes os Monarchas, que na Lysia imperão,
Dignos são da progenie alta, eminente;
Pois de hum sabio Diniz forte, e ditoso
Affonso nasce, forte, e bellicoso.

Qual nas entranhas do Vesuvio monte
Não se prende, ou sustem sulfurea chamma,
Traz penedos comsigo, e no Horizonte
Cinzas, e ardentes turbilhões derrama;
Tal, ind' antes que ao Solio se remonte,
Conter o Marcio fogo em que se inflamma
Mal póde o bravo Affonso; e á patria terra,
E ao proprio Pai declara injusta guerra.

Mas apenas do Reino as redeas toma,
Na frente de esquadrões, de ferro armado,
Immensas forças Agarenas doma,
E volve em sangue as ondas do Salado:
E com virtude, que não víra Roma
Em Curio, que de louro enrama o arado,
Não quer despojos de inclyta victoria,
Só quer de vencedor o nome, e a gloria.

De eternas palmas, de laureis cingido
Jaz em soberbo tumulo, deixando
Nas leis de Themis successor temido,
Quanto nas leis de Amor suave, e brando,
Pedro, que adora Ignez, de Ignez querido,
(Que a lei sevéra do destino infando
Arranca, ai dor! dos amorosos braços;
Mas a morte não corta a amor os laços.)

He já medonho pó, cinza gelada,
Que fecha, e guarda a triste sepulturra,
Levanta Amor a lapida pezada,
Inda esqueleto despertou ternura:
Fria imagem da morte he levantada
Ao Solio, em que Rainha o povo a jura;
O mausoleo se esqueça de Artemiza,
Melhor a Esposa Pedro immortaliza.

Eis Fernando se segue ao rigoroso
Pai, mas brando se acurva a Amor tyranno,
Que armado vem de gesto tão formoso,
Que delle faz vassallo hum Soberano:
O sceptro então vacilla duvidoso,
Quasi se ajunta o Reino ao Reino Hispano;
Surge o maior dos Reis, e arranca a espada,
E ao Solio Augusto se franquea a estrada.

O forte Heroe do campo Marathonio,
Que o Persiano exercito retalha;
Força, e valor do raio Macedonio,
Que as campinas d'Arbella em sangue coalha;
Nem o que em Accio c'o infeliz Antonio
Disputa o Mundo n'huma só batalha;
Tão dignos são de loiro, e de memoria,
Quanto he digno João n'huma victoria.

Os ganhados confins rompeo primeiro,
Segura a Patria deixa, e sulca os mares;
O habitador do Calpe derradeiro
Acossa, humilha nos paternos Lares:
Elle na Libya adusta ao verdadeiro
Deos, que as batalhas vence, exalça altares:
He Ceuta seu brazão, e he gloria sua,
E abate as forças do turbante, e Lua.

Deixa o grande Duarte, que á Sciencia
Já todo se consagra, e as Artes ama,
Que tanto esmalta os Reis a sapiencia,
Como o Marcio valor, que o peito inflamma:
De sua boca hum rio de eloquencia,
Se escreve, ou falla, ao povo se derrama,
Em quanto o filho, armando a gente Lusa,
Corre triunfante ao campo de Ampelusa.

He este o Quinto Affonso, que altos muros
De Arzila escala em fervida batalha,
Rompe esquadrões dos Arabes perjuros,
E ousadas frentes Mauritanas talha:
Em Numidicos marmores mais puros,
Co' a mesma espada, com que vence, entalha
Com maior gloria o nome de Africano,
Que dêo Carthago ao vencedor Romano.

Segue o grande João, que he só segundo
Em nome, que em façanhas se adianta
Aos Heroes, cujo nome ao vasto Mundo
Conserva a Historia, a Poesia canta:
A Tingitana arêa, o mar profundo
Gemeo c' o pezo de grandeza tanta;
O sceptro pela escura Africa estende,
Mais que os outros o mar navega, e fende.

Tentou dobrar o cabo tormentoso,
No vasto mar baliza assustadora
Venceo, foi descobrir o Ilheo fragoso,
Que atraz já deixo navegando agora:
Mais contrastar não pôde o pego undoso;
Nem ver os berços da punicea Aurora;
Que avesso Fado, prematura morte
Aos projectos se oppoz de Heroe tão forte.

Reina agora Manoel, que o Santo, e Justo
Deos ao sceptro chamou da Lusa terra;
Este o do Téjo Soberano Augusto,
Nas delicias da paz, no horror da guerra:
Este com braço intrepido, e robusto
Os humildes sustenta, os máos aterra;
Digno de ser na terra, e mar profundo
Sómente Rei, se hum só quizera o Mundo.

Este ultimar intenta os começados
Empenhos de seus pais, e os procellosos
Mares manda cortar nos encurvados
Lenhos, que affrontão ventos furiosos:
Nós somos os Barões determinados
A abrir caminho aos Reinos poderosos,
Que vêm no berço o Sol, no berço o dia;
Tamanha empreza aos Lusos se confia.

He digno só por si do sceptro de ouro,
Que empunha, o Rei da Lusitana terra;
Tem de todo humilhado o adusto Mouro,
E o facho extincto da sanguinea guerra:
Por esta estrada se procura o louro,
Que mais honras em si, mais bens encerra,
Dando-lhe fama, e perennal renome,
Que nunca a mão dos seculos consome.

A tão grande Monarcha são devidos,
Mais que aos Titos, que aos Cesares, e Augustos,
Os respirantes marmores polidos,
Os Arcos, as Pyramides, os Bustos:
Venhão os tardos seculos seguidos
De aluviões de Barbaros injustos;
Inda que a Europa se sepulte em guerra,
Seu nome intacto ficará na Terra.

De seu povo taes Reis são tão amados,
Que, armando d'aço, e ferro o peito forte,
Vão quaes leões ferozes, indomados
Os Lusitanos affrontar a morte:
Só por lhe obedecer nos empolados
Mares tentámos caprichosa sorte,
E sem temer o pelago profundo,
As costas dei contente á Europa, ao Mundo.

Vê, magnanimo Principe, se amada
Merece ser por ti tão nobre gente;
Porque hum Monarca o manda, a morte irada
Veio affrontar intrepida, e contente:
Se tu, cuja alta fama dilatada
Té penetrou nos climas do Occidente,
Amigo queres ser da Lusa terra,
Terás amigo hum Rei, na paz, na guerra.

Disse o forte Argonauta, e transportado
O Melindano velho lhe lançava
Ao collo os braços, de prazer banhado,
Na augusta face o pranto escorregava:
Oh tres vezes, e quatro afortunado,
(Entre ferventes lagrimas bradava)
O momento em que observo, e alegre vejo
Dentro em meu Reino o morador do Téjo!

Felizes cans, velhice venturosa,
Eu entrarei no tumulo contente,
Cobrirá minha cinza a paz ditosa,
Tenho vivido assás, vi Lusa gente:
Vós, lumes immortaes da noite umbrosa,
Vós que a gloria cantaes do Omnipotente,
Que tem seu Throno além do Firmamento,
Vinde, escutai meu santo juramento.

Quanto se estende o Reino Melindano,
Que a meu sceptro obedece, e as leis me acceita,
Ao Monarcha do Povo Lusitano,
Como tributo, e feudo se sugeita:
Em primeiro penhor do soberano
Intimo laço de amizade estreita,
Piloto lhe darei sabio, e prudente,
Que a frota leve intacta ao claro Oriente.

Pois chega ao meio da carreira a escura
Noite no carro de ébano sentada,
E da abóbeda azul, brilhante, e pura
Já vai descendo a Lua prateada:
Do somno no regaço, e na doçura
A fragil natureza atormentada
Podeis ir reparar, Barão prestante,
Até que o Mundo aclare o Sol radiante.

Disse o Principe exelso, e de alegria
O Capitão fortissimo inundado,
Dos vergeis amenissimos sahia
Em demanda das náos no mar salgado:
Por leis expressas, que do Rei trazia,
Ficar na terra estranha lhe he vedado,
Antes que a Armada undivaga co' a prôa
As praias não tocar da terra Eôa.

Aos baixeis se dirige, e a linfa fria
Dos compassados remos he cortada;
Da liquida campina reflectia
A froxa luz da Lua desmaiada:
O ar em torno todo se cobria
Dos tremulos foguetes, que, da armada
Subindo, vem cahir nos turvos mares,
E enchem de assombro os Melindanos lares.

Inda mal dos balcões do claro Oriente
A matutina Aurora despontava,
Já nos Sadós a leda, e estranha gente
A ver os Lusos hospedes vogava:
O Rei, buscando o Capitão valente,
Em doirada almadia á náo chegava,
Que, em signal de respeito, e acatamento,
C'o bronze atrôa o humido Elemento.

Subia o Rei, dos seus acompanhado,
E o Gama a recebello sahe gostoso;
De tudo quanto vê como espantado
Co' as mãos tactêa o bronze bellicoso:
Robusto velho traz comsigo ao lado,
De olhar profundo, aspecto magestoso;
He Moalem Caná sabio, e prudente,
E nauta affeito aos mares do Oriente.

Dos annos sente o pezo; e a penteada
Barba no largo peito lhe descia,
Na cabeça huma gorra foteada
De seda, ao modo Oriental, trazia:
A liquida carreira dilatada
Do mar na assidua prática sabia,
E de Melinde ao Malabar adusto
Da monção tem marcado o tempo justo.

O

Mas em quanto não sopra o brando vento,
Por cima d'alta terra do Occidente
Levantar manda o Gama hum monumento
Sobre huma rócha aos mares eminente;
Padrão do Luso, nobre atrevimento,
Que nos futuros seculos á gente
Despente, avive a perennal memoria
D'huma acção, que inspirou o amor da gloria.

Marmorea alta columna se levanta,
Eterno, honrado, ob'lisco, mais glorioso
Que esses, que o pé dos seculos supplanta
Nos cegos areaes do Nilo undoso;
Que esses, que antiga Musa exalta, e canta,
E em si retrata o Tibre victorioso;
Que esses, que o forte vencedor de Pella
Pôz nas ruinas da arrazada Arbella.

Mas já soprava por monção tendente
O desejado vento, que encrespando
A azul campina do Oceano ingente
Bate nos mastros soçegado, e brando;
Eis dêo signal o bronze á Lusa gente,
Que o panno vai das vêrges desfraldando;
C'o ferreo pezo o cabrestante geme,
E Moalem, Caná, tentea o leme.

Ao pavoroso som da artilheria
Do nauta affoito o grito se mistura;
Em turbilhões o fumo ao ar subia;
E tapa a luz do Sol serena, e pura:
Da reconcava agreste penedia
Resahe hum écho, que no ar murmura;
Larga de todo a armada venturosa,
Foge-lhe a terra na planice undosa.

Manda o sabio Piloto; e no Oriente
Experto punha a prôa levantada;
A agua rompida da Europea gente
Rolos de espuma ergueo como affrontada:
A furia em fim depunha o mar fremente,
E ás atrevidas náos aplaina a estrada;
Nem mais raivoso o sibilante vento
Turvar se atreve o humido Elemento.

Erão vinte e dois Soes em fim passados
Depois que os nautas invenciveis fendem
Mares por elles nunca devassados,
Que desde a Libya ao Malabar se estendem:
De Mossem, que os ares dilatados
Sempre especula, os navegantes pendem;
Que visto só na incognita vereda,
Nunca de hum fixo rumo as náos arreda.

De estrellas recamada a noite umbrosa
O negro manto estende, e a sombra fria
Pela planice da campina undosa,
Trazendo o doce somno, se estendia:
A mareante chusma cuidadosa
Se reparte na próvida vigia;
E o forte Gama por pequeno espaço
Entregava ao repouso o corpo lasso.

Eis que hum clarão de luminosa chamma
Aos vigilantes olhos se offerece;
Tantas sentelhas fulgidas derrama,
Que mais que o dia a noite resplandece:
Sahe da luz huma voz, que brada, e clama,
E logo ao forte Capitão parece,
Que o protector Infante divisava,
Que de novo outra vez dos Ceos baixava.

Henrique sou, (lhe brada) ó Lusitano,
Do Motor sempiterno a ti mandado;
Hoje á baliza do poder humano,
Atraz deixando os outros, tens chegado:
E mais que ao Grego, e vencedor Romano
Para ti foi propicio immobil Fado;
Contente desço de meu throno etherio
A ver comtigo o Indico Hemisferio.

Apenas no Horizonte assome o dia,
Verás da India a terra dilatada,
Do Malabar a vasta Monarchia
Por trabalhos insolitos buscada:
A Providencia sobre ti vigia,
Hoje póe termo a empreza sublimada;
Por concelho de hum Deos sabio, e profundo
Vai ter hum novo aspecto, e estado o Mundo.

De barbaras Nações a fortaleza
Do mar nunca antes visto, os Potentados,
Do Evangelho seguindo a tocha acceza,
Serão aos torpes Idolos roubados;
E da nodoa, que avilta a Natureza,
Nas aguas salutiferas lavados;
E das Trevas o Principe potente
Verá quebrado o sceptro do Oriente.

Começão de brotar frondosos louros,
Que hão de ennastrar co' a rama verdejante
A frente augusta dos Heroes vindouros,
Da Asia o terror, co' a espada fulminante:
Os Turcos, Persas, refalsados Mouros
Verão pizado o barbaro turbante,
E de Bizancio pávido o Tyranno
Curva o pescoço ao jugo Lusitano.

Eia, surge, pois rompe a luz serena
Da matutina Aurora desvelada,
Verás os montes, e a marinha amena
Da estranha terra tanto desejada:
Manda as vélas tomar na liza antenna,
Que ao termo chegas da penosa estrada;
As graças rende ao Ceo da alta victoria,
Ao Ceo, sómente ao Ceo se deve a gloria.

Qual nuvem, que dissipa, ou leva o vento,
Se desfez a visão; e o perturbado
Gama, alongando a vista ao Firmamento,
O vio co'a luz da Aurora roxeado:
Todo se amostra o liquido Elemento
Na azul planice immensa socegado,
E nos remotos limpos horizontes
Mais, e mais vão surgindo aerios montes.

Sobre a tolda o Piloto diligente
Descortina co'a vista os livres ares,
E subito bradou ledo, e contente:
Terra, terra, eis defronte os Malabares.
Ao brado festival a Lusa gente
Em chusma ao bordo acode, e os vitreos mares
Sente já, que de perto rebentavão,
E os montes mais, e mais se aproximavão.

Quando de todo o rosto scintillante
Do Sol se descobrio, e a Lusa armada
A terra pôde ver pouco distante,
De bosques, de palmares assombrada;
Repentino clamor pela ondeante
Transparente campina dilatada
Subito sôa, e pranto enternecido
Dos Ceos acceito foi, dos Ceos ouvido.

Encurvando o joelho o invicto Gama,
Para os Ceos as mãos tremulas levanta:
Oh Supremo Senhor! (dest' arte exclama)
Sejais bemdito em maravilha tanta!
Mortal, que em vós confia, e que vos ama,
Perigos vence, obstaculos supplanta;
E de vós escudado o Barão forte,
A fortuna escarnece, e affronta a morte.

O pranto supre á voz... eis branca arêa
Da longa costa proxima se via;
De possantes baixéis coalhada, e chea
De Calecut reconcava bahia:
As brancas vélas subito marêa
O nauta Guzarate, e, a lynfa fria
Cortando, ao som do bronze pavoroso,
Lança o ferro pezado ao pego undoso.

FIM DO OITAVO CANTO.

GAMA.

CANTO NONO.

Mal déra fundo a peregrina armada,
Disparando a Vulcanea artilheria,
Por entre a luz sulfurea esbrazeada,
Por entre o fumo, que em montões subia,
A maritima chusma alvoroçada
A nautica celeuma aos Ceos erguia;
A' praia acode apinhoado o povo,
Extatico de assombro estranho, e novo.

As alterosas náos considerando,
Quaes não vírão té alli nos patrios mares,
Vinhão dos montes para o mar baixando
Em turba immensa os pardos Malabares;
Co' as mãos o ouvido timidos tapando,
Quando o trovão sulfureo atroa os ares;
E quanto havia no encurvado porto,
Em profundo silencio existe absorto.

Não se atrevia a imbelle Indiana gente
A demandar a frota que chegava,
Transida de pavor co' estrondo ingente,
Que o écho estranho dos canhões dobrava:
O Capitão magnanimo, e valente
A terra o nauta Moalem mandava,
Que ás attonitas gentes assegura,
Que a paz lhes vem trazer, não guerra dura.

Hum soberbo escaler logo he lançado
Ao mar por fortes braços diligentes;
Já, de airosos mancebos esquipado,
Corta c' o remo as ondas transparentes:
Tóca a praia tranquilla, e rodeado
Subito foi das assombradas gentes,
Que atraz de espanto hum pouco se retirão,
Quando as armas, e o gesto aos Lusos virão.

O nauta Guzarate acena, e brada
Ao povo espavorido que fugia,
Que aguardasse, e sem medo, a alli chegada
Gente, que só commercio, e paz trazia:
Que inda que em aço, e ferro envolta, e armada,
Não vem trazer á India a guerra impía;
Com taes vozes então, menos medrosa
O rosto volta a turba á praia undosa.

Eis d'entre o povo hum só, que se arreava
D' alto turbante, e trages Mauritanos,
E no encurvado alfange se mostrava
Ter visto a lũz nos campos Tingitanos,
Mais que todos extatico parava,
Vendo de perto os nautas Lusitanos;
Soltando a voz retida na garganta,
Para os nossos correndo, a voz levanta:

Oh gente! oh gente invicta, a quem Natura
Vizinha fez de meu paterno ninho!
Que estranho caso, que fatal ventura
Do globo em torno vos abrio caminho!
Affrontastes a morte horrenda, escura
Por tanto, e tanto mar n'hum fragil pinho!
Agora vejo com terror profundo,
Que ao valor Portuguez he pouco hum Mundo!

Do Téjo, Minho, e Douro affugentastes
Os filhos de Ismael com braço armado;
Com tanto esforço pela Libya entrastes,
Que o monte Atlante se inclinou d' hum lado:
Inda era pouco a Libya, o mar talhastes,
Ficou por vós o mar avassallado;
Chegareis onde o Sol sepulta o rosto,
Se existe terra no Hemisferio opposto.

Socega hum pouco, e conta, que trazido
Fôra da patria Orão pelo arenoso
Estreito de Suez ao suspendido
D' impio Profeta mausoleo famoso:
Que acceito era ao Monarcha, e seu valido
Entre os da terra rico, e poderoso;
Que posto o ferro Portuguez provára,
Os Portuguezes por instincto amára.

Alvoraçado pede que o levassem
Ao grande Capitão, que as náos mandava,
Que lá diria quanto desejassem
Saber da Indiana terra, onde habitava:
Que em sua fé seguros descançassem,
Que sua vida por penhor lhes dava.
Trazem os Lusos com prazer o Mouro,
Da grande empreza alegre, e fausto agouro.

Nos ligeiros pangayos, mas distantes,
Os vem seguindo os Indios perturbados,
Grandes de corpo, baços de semblantes,
Quasi de vestes todos despojados:
E vendo as altas náos, e os fulminantes
Canhões ao longe, parão de assustados,
Em quanto o bom Moncaide contente
Sóbe, e se prostra ao Capitão valente.

A todos foi patente o que dizia,
Porque claro fallava a lingua Hispana;
Prazer sublime, vívida alegria
Ouvir tal lingua junto á Taprobana!
Prudente o Gama, e pressuroso envia
O forte Cunha á Corte Soberana;
Para o guiar o Mouro se apercebe,
E precioso alfange em dom recebe.

Ao porto chegão, subito cercados
Forão de vaga multidão tamanha,
Que a passos vagarosos, retardados,
Apenas rompem pela gente estranha:
São aos regios Alcaçares levados
Té onde o povo absorto os acompanha;
E o Grão Monarcha em tapizada sala
Entre armados satellites lhe falla.

Mancebo era o Monarcha, e lhe cingia
Toda a frente subtil sendal precioso;
Recamada de ardente pedraria
Longa veste lhe cobre o corpo airoso:
O regaçado braço se atavia
De braceletes de ouro luminoso;
Ajoelhado á esquerda hum velho estava,
E adusta folha a mastigar lhe dava.

Naires de hum lado, e d'outro se observavão,
Guerreiros todos de terçado, e lança,
No esquerdo braço escudos sobraçavão,
E a frente nua, oriental usança:
Junto ao Solio do Rei ambos chegavão,
O Portuguez de pé, e ao chão se lança
O Mouro, e sobre o peito a dextra punha,
E a mensagem do Luso assim lhe expunha:

Vós, Grão Monarcha, que excedeis em gloria
Quantos imperão na Indiana terra,
Que cingís tantos louros de victoria,
Quantas vezes brandís a espada em guerra,
Digno do nome, digno da memoria
Do santo Perimal, que o Olimpo encerra;
Sabei que o Fado vos conduz hum dia
O mais feliz da vossa Monarchia.

O Rei pod'róso da mais forte gente,
Que d' armigera Europa os campos ara,
Derradeira Nação, que o Sol ardente
C' o raio extremo, quando morre, aclara,
Ouvio de vosso nome a fama ingente,
Que só nos fins do globo expira, e pára;
Com mais que humano esforço abrindo os mares,
Amigo busca o Rei dos Malabares.

Que brazão para vós! Vir demandando
Vossa aliança o nobre Lusitano!
A escura morte, os fados affrontando,
E pondo hum freio ao tumido Oceano;
A formidavel meta atraz deixando,
Que pôz a Natureza ao esforço humano;
Trazendo ao vosso dilatado Imperio,
Como em tributo, os dons d'outro Hemisferio.

Não vem buscar, de imigos perseguido,
Armas, soccorros no longiquo Oriente;
Eu mesmo, eu mesmo o vi, nunca vencido
Domar as furias do Leão rompente:
Fero Leão de horrisono rugido,
Só menor em poder, que a Lusa gente,
Que quando a espada fulgida levanta
Os Tingitanos Campiões quebranta.

Sem rubor o não digo, o denodado
Braço erguer eu lhe vi na dura guerra,
Vi a seus pés o Mouro subjugado
Abrir-lhe as portas da Ampeluzia terra:
Nas muralhas de Ceuta o levantado
Pendão do Luso toda a Libya aterra;
Arzila he sua, Tetuão, Tradante,
E o Imperio estende além do immenso Atlante.

Busca tão grande Rei vossa amizade;
E o forte Capitão, que o mar vencêra,
Busca acatar-vos, regia Magestade;
Ledo, e gostoso está, sómente espera
Escutar vossa lei, vossa vontade,
E os dons trazer-vos, que o seu Rei lhe déra;
E firmar com verdade, e segurança
D' hum Reino, e d' outro a solida alliança.

Disse o Mouro fiel, e o Soberano
Ao mensageiro Luso os braços dava,
Espantado do esforço mais que humano,
Que dos mares vencêra a furia brava:
Comsigo deixa o forte Lusitano,
E logo o Ismaelita as náos mandava
Dizer ao Capitão, que alegre o espera,
Quando o seguinte Sol dér luz á esfera.

Alvoroçado á armada se tornava
Co' a fausta nova o Mouro, e já da fria
Noite a sombra pezada s'entornava,
Já dos Astros o exercito sahia:
Cançado o nauta, ao somno se entregava,
E o Gama para a acção se apercebia
Com fasto, pompa, garbo, e gentileza,
Qual era digna de tamanha empreza.

Já começava de surgir a Aurora
Nunca tão bella, tão serena, e pura;
Zefyro amante da Indiana Flora
O ar em torno d' halitos apura:
O Gama então convoca sem demora
A maritima chusma forte, e dura,
Manda que em terço bellico se apreste,
Elle das armas fulgidas se veste.

Põe sobre o ferreo arnez a invicta espada,
Que ha de assustar o fulgido Oriente;
D' aureos galões, de plumas assombrada,
Soberba gorra lhe guarnece a frente:
A adarga ao dextro lado pendurada,
E nas mãos o bastão forte, e potente,
E dos hombros, que o ferro lhe guarnece,
De fina seda a chlámyde lhe desce.

Entra assim no batel, que hia adornado
D' altos toldos de sedas, e de pannos;
Do grande Capitão sentão-se ao lado
Os mais gentís, e nobres Lusitanos:
Já vão cortando o mar, que está coalhado
Dos ligeiros Paráos dos Indianos;
E, as ondas dividindo, o porto afferra
O Gama em fim da suspirada terra.

Apenas pôz os pés na ardente arêa,
(Fosse acaso, ou Decreto Soberano)
Sobre os eixos a terra balancêa,
Foge della assustado o vasto Oceano;
De negras nuvens todo o ar se arrêa.
Oh mysterio profundo, eterno arcano!
A Natureza o diz: e a India eu vejo
Tremendo á vista dos Heroes do Téjo.

Vejo Reinos, e Thronos abalados,
Nações que arrastrão rigidas correntes,
Vejo soberbos muros arrazados,
De sangue humano tepidas enchentes;
Fumantes cinzas, campos alastrados
De medonhos cadaveres algentes;
Talvez que d' antemão no horror profundo
De ver tal quadro se resinta o Mundo!

Ricamente vestido espera o Gama
O Naire principal, que o Rei lhe envia;
De toda a parte a voadora Fama
Os assombrados Indios conduzia:
Em torno a praia concava rebrama,
Com festival estranha vozeria;
O Gama em aureo palanquim se assenta,
E nos hombros de escravos se sustenta.

A Pandarane he subito trazido,
Corte onde o grande Principe habitava;
Tinha hum Palacio immenso, e guarnecido
De hum cerrado vergel, que ao Sol vedava
Da intensa luz o raio refervido,
Que os campos, vales, montes abrazava;
Vergel, que em torno os ares embalsama,
E perfume aromatico derrama.

Ergue-se ás nuvens barbara estructura,
E em columnas de porfido firmada,
De estranha colossal arquitectura,
Se eleva soberbissima fachada,
Entrava o Gama, a vista na esculptura
Das portas lhe ficou como enlevada,
Notando que o cinzel ao vivo abríra
Imagens, que na Europa ou lêra, ou vîra.

O Macedonio Heroe se lhe apresenta,
Que o Reino usurpa do infeliz Dario,
Que de Poro as falanges afugenta
Além do Hydaspe caudaloso rio,
Que em toda a Asia dilatar intenta,
E em todo o Globo injusto senhorio;
Ao raio horrendo da sanguinea guerra
Muda ficou de susto, e espanto a terra.

Em fogoso ginete ajaezado
Hum Barão de outro lado apparecia,
Co' as negras Aguias n' hum pendão dourado
Invenciveis Exercitos trazia:
O verde Nilo, o Araxes indignado
C' os aguerridos esquadrões rompia,
As barbaras Nações do Hydaspe doma,
O Hidaspe he termo do poder de Roma.

Qual n' outras eras o oppressor injusto
Da liberdade, e raio de Mavorte,
Que do Joven de Pela observa o Busto,
E lhe inveja com lagrimas a sorte;
Dest' arte ao Gama intrepido, e sem susto
Palpita o coração no peito forte;
(Inveja honesta) lagrimas derrama,
Volve aos Lusos a frente, e assim lhe exclama.

Ilustres Socios de tão nobre empreza,
Vede até onde as armas penetrárão
Dos famosos Heroes, que a Natureza
Com tamanhas conquistas assombrárão:
De seu valor immenso, e fortaleza
Taes padrões entre barbaros ficárão;
Cumpre excedellos, já que a hum Lusitano
Do Grego he pouco a gloria, e do Romano.

Mais não pôde dizer, que copia ingente
De recatados Bramenes chegava;
Cercão de roda o Capitão valente,
E assim com elles no Palacio entrava:
Chega onde o Samorim rico, e potente,
N' huma camilha magestosa estava;
Subito vendo os Lusos se alevanta,
E a receber o Gama se adianta.

Ao lado do Monarcha então se assenta
(Usança Oriental) n' huma almofada
De riquissima tela, e a turba attenta
Espera ouvir a insolita embaixada:
O Mouro junto ao Gama se apresenta
Por quem devêra ser interpretada;
Turvado hum pouco o gesto, repetia
O que na lingua Hispana ao Gama ouvia.

A virtude, Senhor, mais que a coroa
Que vos adorna a magestosa frente,
Que acclamado vos tem na terra Eôa
Monarcha sem igual, sabio, e prudente;
Que sobre as azas incançaveis vôa
Da Fama desde o Indo ao Téjo algente,
Obriga hum grande Rei, que pelos mares
Busque o Reino feliz dos Malabares.

Por isto a vida confiando ao vento,
De Thetis vim cortando a vitrea estrada,
E vezes mil no tumido elemento
Tive a vida de hum fio pendurada:
De tanto mal eu tive vencimento,
E a terra vejo tanto desejada;
Que a voz do invicto Rei que me mandava,
No mór perigo mais valor me dava.

Em tudo he grande a terra Lusitana,
Nossas armas tu vês, nossos vestidos;
De quanto he dado á Natureza humana
Somos no patrio Imperio abastecidos:
Levados só da gloria soberana
Nella buscamos premios merecidos;
Maior julgamos que o laurel da guerra
Abrir no mar caminho á Iudiana terra.

De hum Rei somos vassallos, que aprecia
O que o Mundo de ti publíca, e brada;
Elle a teu vasto Imperio nos envia,
He sua aquella poderosa armada:
Verdades tão ingenuas te annuncia
Esta carta do Rei co' a mão firmada.
Erguido a beija o Capitão valente,
Depois a entrega ao Samorim contente.

Então nos aureos tectos levantados
Se fez ouvir festivo murmurío,
Qual entre os bastos cedros empinados
Produz, batendo as azas, Noto frio:
Ao nauta invicto com sonoros brados
Applaude o Mouro, o Idólatra Gentio;
Sahe da sala o congresso numeroso,
C' o Samorim só fica o Heroe famoso.

Mas nas Tartareas chammas não socega
O Monstro opposto aos Fados soberanos;
Volve na mente turbulenta, e céga
Os não vingados recebidos damnos:
Os ultimos ardís astuto emprega
Contra os invictos fortes Lusitanos;
Junto ao solio infernal duas furias chama,
E nellas novos toxicos derrama.

Sahe do mais fundo Inferno a macilenta
Inveja atroz, que a si se dilacera;
De alheio mal se apraz, e se alimenta,
E só na morte os impetos modera:
Com ella sahe do Bárathro a cruenta,
Embuçada Calumnia horrenda, e féra;
Os monstros mais crueis do pranto eterno,
Té detestados no medonho Inferno.

Socios, (lhes brada, ardendo em odio insano)
Sempre unidos a mim, sempre a meu lado,
Té quando alcei meu braço soberano
Naquella empreza a que se oppôz o Fado;
Vêde como atrevido hum Lusitano
A todo o Imperio meu se opponha armado;
Já pôz os pés sacrilegos na terra,
Onde aos altares meus declare a guerra.

Serão cinza os Pagodes, e as fulgentes
Imagens a meu numen levantadas,
A's mãos dos monstros impios, insolentes
Na dura terra ficarão prostradas:
Correi, livrai as infelizes gentes
Das vís cadeias, que lhes são forjadas;
Vós sois minha potencia, em vós espero
Triunfar do inimigo altivo, e fero.

Disse, e as Furias crueis se aparelhavão
Para sahir do Bárathro profundo;
De venenosos aspides toucavão
Co' as mãos cruentas o cabello immundo:
Das negras azas mortes derramavão,
Sente-as, e treme vacillando o Mundo;
Quasi que o Sol parou no espaço puro,
E se envolveu n'hum véo medonho, e escuro.

Tapão co' as azas os purpureos ares,
Por onde vão batendo o vôo ousado,
E demandando os Indianos Lares,
Chegão além do Gate alevantado:
Sentem dos Monstros a presença os mares,
Todo o Globo a sentio como abalado;
Sobre os eixos oscilla, e de tristeza
Pezada sombra enluta a Natureza.

Do Malabar a Corte ao longe vírão,
Equilibrando as azas estridentes;
No projectado mal prazer sentírão,
Que apraz só mal aos monstros pestilentes:
Da espessa grenha da cabeça tirão
As venenosas lividas serpentes,
Que derramando os halitos na terra,
O facho accendem da sanguinea guerra.

De perto os Lusos a Calumnia espia,
E envenenadas settas arremessa;
De odios, enganos, a caterva impía
Na instavel plebe a referver começa:
Sagaz se occulta do clarão do dia,
Da mentira se cobre escura, e espessa;
Lança rumores turbidos confusos,
Torna suspeitos os sinceros Lusos.

De ambiguas côres mascarada a frente,
Muda de aspecto, muda de figura;
Com mais affinco da Agarena gente
Envenenar o coração procurá:
Odio antigo desperta, e cautamente
Ao rancor já passado, outro mistura;
Molha os pinceis em tinta peçonhenta,
Em quadro iniquo os Lusos representa.

Não conheceis (lhes brada) os inimigos,
Que vossos Pais, e estirpe despojárão
Dos lares seus pacificos, e antigos,
E além do mar na Libya os acossárão?
Não vos lembrais dos males, e perigos
Que a Ceuta, Arzila, e Tangere levárão?
Eis os Leões indomitos, e bravos,
Nunca fartos de victimas, e escravos.

Tem da Numidia os Reinos conquistado,
Alardeando estragos, e ruinas,
Julgão pequena a terra, e o mar salgado
Cede, e se humilha ás triunfantes Quinas:
Aos tyrannos opponde o braço armado,
No começo arrojai prizões indignas;
Cobiça vil, e sordida avareza
Motivo, e objecto he só dest' ardua empreza.

Taes a Calumnia tóxicos vomita
No coração do Mouro cauteloso;
Assim dissimulada o move, e excita,
E assim lhe atêa o fogo revoltoso:
A negra Inveja de outro lado irrita
O Naire nobre, o Bramene ardiloso;
Infensos todos, todos se conjurão,
E dos Lusos Heroes o estrago jurão.

Clamão ao Samorim: Como consentes
Do antigo Perimal na herdada terra
Estas ferozes, refalsadas gentes,
Que em disfarçada paz nos trazem guerra?
Não de alliança vistas innocentes
Seu duro coração, seu peito encerra;
Pois não se affronta a morte, o vento, os mares,
Por ver sómente o Rei dos Malabares.

Assim de Ceuta os muros levantados,
Assim de Arzila as torres escalárão;
Assim, transpondo os mares empolados,
Os innocentes negros cativárão:
Da horrenda fome d'ouro atormentados
Nos ermos areaes de Zará entrárão;
E, não farto de gloria o vão desejo,
Querem que o Mundo se sujeite ao Tejo.

Dest' arte a horrenda Furia derramando
O veneno subtil, no peito inspira
Do voluvel Monarcha inerte, e brando
Sustos, receios, sobresaltos, ira:
Elle em sua mente o feito memorando
De altos Heroes magnanimos admira;
Sua alma incerta, e timida vaguêa,
Os Lusos préza, os Arabes recêa.

Sem tregoa os Mouros perfidos, traidores
A sedições os barbaros excitão;
Já sem rebuço publicos clamores
Mais, e mais os Idólatras irritão:
Mortes, vinganças, exterminio, e horrores
Contra os incautos Lusos premeditão,
Resolvendo em concelho atroz, profundo,
Metter com feio engano as náos no fundo.

Não determina o Principe aterrado
Seguir do Mouro astuto a voz impía;
De virtude conserva o peito armado,
Justo detesta a torpe aleivosia:
De hum Bramene sagaz aconcelhado,
Consultar seus oraculos envia,
Quem seja esta nação, e armada gente,
Que fados traga ao lucido Oriente?

Junto a Panane havia hum denso, obscuro,
Antigo bosque de arvores copadas;
Nunca de braço humano, ou ferro duro
Feridas forão, forão profanadas:
Com sacrilego rito, e culto impuro
Erão aos patrios Idolos sagradas;
Co' a triste sombra tanto horror inspirão,
Que as tristes aves dellas se retirão.

Melancolicos cedros corpulentos
Estendem pelo ar troncos annosos,
Desprezadores dos tufões, e ventos,
Dilatão mais os ramos orgulhosos:
Companheiros dos tristes monumentos,
Troféos da surda morte, os horrorosos
Cyprestes augmentando a selva escura,
A luz espancão refulgente, e pura.

No centro de horror tanto hum levantado
Antigo Templo está, que aos tutelares
Genios do escuro Abysmo he consagrado,
Que julgão numes cégos Malabares:
De bazaltico marmore lavrado
Se eleva negra cupula nos ares;
Aqui Satán, que aos olhos se lhe esconde,
Em ambiguos oraculos responde.

Arder unica alampada se via
Na pavorosa estancia, a cuja entrada
O peito bate incerto, o rosto enfia,
E fica na garganta a voz pegada:
Lugar vedado para sempre ao dia,
Só tem noite perpetua alli morada;
Na mais espessa sombra, e horror se occulta
Triste Jogue que os Idolos consulta.

Quando do escuro Inferno os monstros chama
O seio a humana victima trespassa;
Sangue no altar sacrilego derrama,
Que antes, impio, recolhe em ferrea taça:
E accendendo depois sulfurea chamma,
Os palpitantes membros despedaça;
Sobre ella os lança, funebre offerenda,
Antes que a voz do Abysmo escute, e entenda.

Aqui mandava o Samorim se ouvisse
O recondito oraculo do Fado,
E que o maior dos Bramenes abrisse
O sanctuario ha seculos fechado;
Que ante os altares lugubres cahisse
Misero escravo em victima votado;
E que dest' arte o nume Soberano
Marque o destino ao nauta Lusitano.

Pelos atrios fatidicos entrava
Trémulo velho, que a rugosa testa
De preciosas infulas ornava,
Co' a vista perturbada, a côr funesta:
Na victima infeliz descarregava
Duro golpe final co' a espada infesta;
Na pyra o sangue fervido derrama,
E com medonha voz o Inferno chama.

Qual em cavada, bruta penedia
Retumba o écho do trovão ruidoso
Quando o raio partindo a nuvem fria
Fere o cume do Caucaso espantoso;
Tal do fundo do Templo rebramia
De cem trovões rebombo pavoroso,
He preçursor dos monstros que apparecem,
O rosto esfria, as carnes estremecem.

Co' as secas mãos o Bramene tapava
Os olhos turvos, trémulo, aterrado,
Quando Satán visivel se amostrava
Dos conjuros, e victimas obrigado:
Oh Malabar! (bradava) oh Gente escrava!
Oh Rei mesquinho! oh Reino desgraçado!
Que me quereis, se a sorte, iniqua, e céga
Em vós da morte os golpes descarrega!

Alliança firmais co' a altiva gente,
Que jura aos golpes de fulminea espada
Ver a humilde cerviz do vasto Oriente
A ferreo jugo vergonhoso atada:
Conserva, arrastra em barbara corrente
O Mouro adusto, a Libya avassallada;
Tanto póde a ambição, tanto o desejo
De ver o Mundo ajoelhado ao Téjo!

Guerras, horridas guerras sanguinosas,
Impias náos profanando os virgens mares
Em sulfureas bombardas pavorosas
Virão trazer a escravos Malabares:
Vós, fugindo das gentes bellicosas,
Vereis ficar em cinza os patrios Lares,
Vereis cahir desfeito o antigo Imperio,
E vossos campos vasto cemiterio.

Quanto o pujante mar correndo abrange
No potente Indostão co' a lynfa fria,
Quanto ha do Arabio seio á foz do Gange,
E desde o Gange aos thálamos do dia,
Desta gente cruel, e impia falange,
Temendo a força, e impavida ousadia,
As leis acceitará, depondo a C'roa,
Que lhe hão de dar os déspotas em Goa.

Quantos, rasgando o turbido Oceano,
Apoz este hão de vir de ferro armados!
De Ormuz primeiro, oh mágoa! o Soberano
Terá de ferro os pulsos roxeados!
Leão sanhudo, barbaro Tyranno
Lhe ha de deixar os muros arrazados,
E, mais veloz nos impetos que hum raio,
Reduz a cinza o misero Sabaio.

Da Persia vôa de Malaca aos muros,
Onde estandarte vencedor levanta,
E obriga altivos Jáos, que em ferros duros
Cheguem humildes a beijar-lhe a planta:
Nem no berço da Aurora estão seguros
Japões extremos de potencia tanta;
Que a huma pancada do bastão sómente
Tremem no quicio as portas do Oriente.

De balde a força de Bizancio armada,
Coalhando os mares de Galés possantes,
Quebrar procura na Asia agrilhoada
Do Luso atroz as armas triunfantes:
Piza da gloria a luminosa estrada,
Calcando aos pés os inclytos turbantes;
Até protesta com profano insulto
Tirar o leito ao Nilo, a Méca o culto.

De estragos engrossando a fortaleza,
Dictarão leis de injusto senhorio,
Eis se prostra á bandeira Portugueza,
Abrindo as portas torreadas, Dio:
Nem serão métas á soberba empreza
As turvas aguas do sagrado rio,
Que onde parárão Gregos, e Romanos,
Parar não sabem fortes Lusitanos.

Infeliz Reino, desgraçadas gentes,
Se amais de Perimal a patria antiga,
Opponde o braço aos males eminentes,
Que esta nação vos traz, dura inimiga:
Antes que forge barbaras correntes,
Se o filho, o pai, a esposa vos obriga,
As orgulhosas náos mettei no fundo,
Livrai de féras tão crueis o Mundo.

Subito a luz se apaga, e os levantados
Tectos do horrendo Templo retumbando
Ficárão c' o trovão dos tristes brados,
Que dava, emmudecendo, o Monstro infando:
Logo de negros corvos infamados
Voou da esquerda parte immundo bando;
Seus grasnidos na selva escura, e fria
Derão mais força á horrenda profecia.

Fica de susto o Samorim transido
C' o pavoroso oraculo do Nume;
Crê já no peito timido embebido
Da Lusitana espada o frio gume:
Cuida escutar horrisono estampido
Da ferrea pella, do sulfureo lume;
Já lhe rebomba em torno a Marcia tuba,
Sente o ferro, que os muros lhe derruba.

Escuta o Jogue, e quer que demorada
Fosse com vãos pretextos, e apparentes
Razões d'alta alliança a forte armada,
E em terra illusos os Heroes valentes:
Té que da Arabia na monção chegada
Venhão cortando as ondas transparentes,
Quaes costumavão vir, de ferro armados
Lenhos, que infestão mares dilatados.

Mas a celeste Guarda, que vigia,
Defende, escuda os fortes Lusitanos,
Dos Ceos baixando, prompta lhe annuncia
O mal que instava, os eminentes damnos:
Monçaide fiel, sagaz espia
Dos Bramenes, e Rey perfidia, e enganos;
Quanto o odio, a vingança, a inveja trama
Prompto descobre, e vigilante ao Gama.

Não se perturba o General valente,
Que prudencia, e valor conserva ao lado;
Os aureos Paços busca diligente
Do proprio esforço, e de constancia armado:
Severo ao Rei declara, que a tendente
Monção chamando-o está do mar salgado;
Que se lhe diga em fim, se á Lusa terra
Deve tornar da India em paz, ou guerra?

Resposta ambigua o Rei tornava ao Gama,
Com que indignado, e féro ás náos voltava;
E subito a concelho os nautas chama,
A quem do Mouro as tramas declarava:
Subitaneo furor se expande, e inflamma
A Lusa gente, que armas só bradava;
Junta os peloiros, os canhões assesta
Contra a Cidade, e Maura turba infesta.

Mas o prudente Capitão modéra
O furor dos intrepidos soldados,
E só mais doce o tempo, e o vento espera
Para tentar os mares subjugados.
Dos Bramenes a turba horrenda, e féra
Já teme os Lusos, que descobre armados;
Do torpe Mouro a inveja, em odio accesa,
Recêa que das mãos lhe escape a preza.

Quanto suor, que sobresaltos custa
Hum nome illustre, hum feito sublimadó?
Na balança de Astréa eterna, e justa
He mil vezes com lagrimas pezado:
Nem cinge dos Heroes a frente augusta
Louro, que o sangue não tiver banhado:
Nem se franquea o Templo da Memoria
Sem crua guerra, ou inclyta victoria.

Das antennas pendia o solto panno,
Que batido dos Zefyros ondêa;
Co' as ancoras a pique o Lusitano
Já se lhe antolha, e vê do Téjo a arêa;
Nem as furias do indomito Oceano,
Nem tempestades, nem tufões recêa,
Pois vem mostrar da Europa á absorta gente
Signaes do visto, e descoberto Oriente.

Eis que enfunadas vélas apontavão
No horizonte da vitrea incerta estrada,
E pelos ares tremulos voavão
Pendões, bandeiras de potente armada:
Já os nadantes torreões entravão
Na foz da extensa, placida enceada,
Quando da terra em curvas almadias
Os Mouros vem cortando as ondas frias.

Era o feroz Timoja, que assustava,
Destemido Pirata, o mar undoso;
Que a si Leão das ondas se chamava,
Com cem victorias tumido, orgulhoso;
Que desde o seio Persico infestava
Quantos Reinos circunda o mar bramoso;
Nelle esperava o Rei, nelle confia
Dar complemento á horrenda aleivosia.

Oito possantes vélas commandava
O espantoso Timoja, e guarnecidas
As traz de Turca soldadesca brava,
Terror dos mares, e nações vencidas:
Quatro boiantes náos juntas armava
Com torcidos arpéos de ferro unidas;
Deste nadante torreão da morte
Vibrava ousado os raios de Mavorte.

Batidos bramem horridos tambores,
Produz-se o som nos mares empolados,
Do Sol reflectem vivos resplendores
No ferreo arnez, nos elmos emplumados:
Cercão em torno os fortes contendores
De hum lado, e d'outro os lenhos torreados;
O mar com tanto pezo oppresso geme,
Das armas ao rebombo a terra treme.

Prestes estava a alvoroçada gente
A desfraldar o panno ao leve vento,
Voltando a prôa aô rumo do Occidente,
Cançada já do longo apartamento:
Novo trance fatal, perigo ingente
Lhe traz o Rei do Reino do tormento;
Ultimo raio fulminar medita,
Que, do Ceo defendido, o Luso evita.

O coração tranquillo aos Ceos erguia
Cheio de esforço o Gama, e assim bradava:
Soccorro, ó Providencia eterna, e pia!
E o soccorro do Ceo prompto baixava:
Para o combate atroz se apercebia;
E já Victoria os louros lhe ennastrava;
Portentoso troféo, primeira c'roa,
Que á Lusa frente tece a terra Eôa:

Prompto manda investir co' a fluctuante
Torre, que o mar azûl correndo talha,
E a Lusitana Juventude ovante
Leda se apresta á fervida batalha:
E com seguro intrepido semblante
Pelos postos belligeros se espalha;
Fortes carretas c' os canhões gemião,
E ao som da tuba horrenda as náos tremião.

Como em Flegra, se diz, que impios Gigantes
Ignipotente Jupiter prostrára,
E nas bases dos montes fumegantes
Raios, raios lançando os sepultára,
E dos blasfemos monstros arrogantes,
Quasi escalado, o Olympo libertára;
Tal, disparando horrisonos pelouros,
Lança o Gama no abysmo as náos, e os Mouros.

Sobre os montes de longe os Malabares
Vêm, passados de susto, o ennovelado
Salitroso vapor toldando os ares
De labaredas subitas rasgado.
Cuidão que infesto Nume abraze os mares,
Que estale, ou caia o Ceo precipitado,
Que soltas dos grilhões do fogo eterno
Sáião as Furias do medonho Inferno.

Timoja entre cadaveres prostrados
Anima os seus; que timidos paravão;
Do nunca ouvido estrepito assustados
As lanças já sem força arremeçavão;
Já, não homens, mas Tigres denodados,
Co' a fortaleza aquatica atracavão
Os Lusos, já calado o fogo ardente,
Tirão da cinta a lamina fulgente.

Entrou primeiro o Gama; e apoz Veloso
Entra o bravo Pacheco, e Cunha ousado,
Menezes corre forte, e valoroso,
E extremos obra de gentil soldado;
Em rios corre o sangue, atro, espumoso,
Já cede o campo o Mouro desarmado;
Ou curva ao golpe a timida cabeça,
Ou de pavor nas ondas se arremeça.

Não vio Leucate na passada idade
Tanto ferver a guerra sanguinosa,
Quando abatida a régia magestade,
Fugio da morte a Egypcia desditosa;
Quando do globo a inteira potestade
Disputa Augusto na planice undosa;
Nem tantos pôde ver Farsalia estragos,
Nem vio de sangue borbulhar mais lagos.

Nelles de hum lado, e d' outro fumegantes
Aboião quasi os corpos destroncados;
Cahem decepadas frentes arrogantes,
Que inda deixão no meio os ais truncados:
Tinem as duras lâminas brilhantes,
De corpo a corpo, os esquadrões cerrados;
E por onde rompia o invicto Gama,
Caminha a Morte, que o terror derrama.

Nunca a vulgares victimas attende,
Timoja só procura, outros despreza;
Qual Aguia Imperial, que as nuvens fende,
Se peja de empolgar mesquinha preza:
A vista em torno bellicoso estende,
Onde a peleja he crua, a guerra acceza;
Vê Timoja, que impavido, arrogante
Mata c' o ferro, assusta c' o semblante.

Persico alfange esgrime, e denôdado
Hum golpe só sem morte não vibrava;
De nobre sangue Portuguez banhado
Co' a voz, c' o exemplo os Mouros animava:
De fino arnez Arabico forrado
No esquerdo braço o escudo sustentava;
A contemplallo o peito desfalece,
Na voz blasfema Capaneo parece.

Qual o Leão Numidico ferido
Do Mouro caçador co' a lança dura,
Que a cauda bate, e a grenha, e enfurecido,
Deixando os outros, o agressor procura:
Tal corre o Gama forte, e destemido
Por entre immensa turba imbelle, e escura;
Vertido sangue a furia lhe augmentava
Quando ao soberbo Campião chegava.

Aprende, ó monstro! a conhecer a espada,
(Lhe diz, parando, o Capitão valente)
Que, da justiça aos gritos provocada,
Sabe punir a audacia do insolente:
Está dos Fados immortaes guardada
A impor o jugo aos Reinos do Oriente;
Eu vim trazer a paz á Indiana terra,
Pois guerra queres, aqui tens a guerra.

Disse, e qual raio que de hum Ceo nublado
Cahe, despedaça, escacha hum cedro annoso;
Tal em Timoja de pavor cortado
A morte cahe do braço vigoroso:
Quer levantar o alfange, e perturbado
Da morte envolto em manto pavoroso,
Entre espumante sangue, que derrama,
Vacilla, treme, expira aos pés do Gama.

Morreo Timoja, a turba espavorida
Cortada foge ao ferro Lusitano,
Cuidando os restos conservar da vida,
Salta sem tino ás ondas do Oceano:
Foi a nadante máquina comida
Da chamma ardente do feroz Vulcano;
A's náos se acolhe a gente vencedora,
E os pendões da victoria alegre arvora.

Vinha estendendo a noite o manto escuro
De safiras eternas recamado,
Chamando ao somno placido, e seguro
Da illustre lide o vencedor cançado:
Eis se avista no espaço immenso, e puro
Triste hum signal do Imperio [illegible];
Rubro accezo Cometa, e ensanguentada
Luz se mostra em feição de aguda espada:

Pelos ermos diafanos remonta
Ao mais alto da abobada luzente,
Voltando sempre a ensanguentada ponta
Aos vastos Reinos do fadado Oriente:
Do flammigero Sol ao occaso aponta
Com mais serena, e scintillante frente;
A cujo aspecto o Naire, e o Mouro immundo
Julga ver a catastrofe do Mundo.

Em quanto aos Céos os olhos alongando
Vai o Gentio extatico da terra,
Inda vertendo prantos, inda chorando
O duro ensaio da primeira guerra;
Rompe o silencio hum Bramane, agitando
Com triste voz, que os animos aterra:
Attende, attende, ó desgraçada gente,
Ao pregão de hum mal prompto, e eminente.

Eis o momento funebre prescripto
Pela inflexivel lei do immobil Fado,
Com negro sangue, e lagrimas escripto
No livro aos olhos dos mortaes vedado:
Em que aos Decretos de hum Monarcha invicto
Deve prostrar-se o Malabar domado;
Infeliz Samorim, teu sceptro entrega,
Que o teu final periodo se chega.

Olha nos Ceos a espada coruscante,
Ah! de quantas catastrofes presaga!
Vejo hum rio de sangue fumegante,
Que o Malabar cativo innunda, e alaga!
Já corta o mar em lenho fluctuante
Quem com soberbo pé tua fronte esmaga.
Ah! suspende a ruina, as leis acceita,
Ao Luso Imperio humilde te sujeita.

Disse, e quasi expirou, cahio tremente,
Subito sôa estranha vozeria;
Envolta em susto, em luto a inculta gente
A recusada paz ao Rei pedia:
Apenas foge a noite, e no Oriente
Começou de assomar brilhante o dia;
O Monarca assustado ás náos despede
Hum Bramane, que a paz supplica, e pede.

Em ligeiro Paráo leva arvorado
O estandarte de paz, e a azul corrente
Subito corta o remo compassado,
Pára, e de longe brada á Lusa gente:
Ao conto de alta lança recostado,
Ao bordo chega o Capitão valente,
Tranquillo acena ao mensageiro adusto,
Que prestes sobe com respeito, e susto.

A frente ao peito inclina, e logo alçando
A voz hum pouco tremula, dizia:
Escuta, excelso Heroe, com gesto brando
O que a dizer-te o Samorim me envia:
Sei que perfidia, que attentado infando
Já da paz, da alliança te desvia;
Pois sabes castigar sendo offendido,
Usa tambem piedade c' o vencido.

O Rei do Malabar teu jugo acceita,
E ao grande Rei da Lusitana terra
O Imperio, o sceptro, o throno hoje sujeita
Com laço sempiterno em paz, e em guerra;
E já de todo a timida suspeita
De seu ingenuo coração desterra;
Da singela verdade, que protesta,
Não duvides, Senhor, que a prova he esta.

C' o joelho encurvado lhe offerece
Aureo cofre riquissimo cravado
De opálos, e rubins, que resplandece
Qual brilha o Ceo d' estrellas recamado:
Aos Lusitanos olhos apparece
O primeiro tributo, que humilhado
Do antigo Poro o Imperio, hoje ruinas,
Deve offertar ás Lusitanas Quinas.

O patente Diploma ao Gama entrega
Em caracteres Arabes lavrado,
A' boca humildemente o applica, e chega,
C' o rosto hum pouco para o chão voltado:
Na fatal escriptura alegre pega,
Que punha a c'rôa ao feito sublimado;
E ouvindo em torno a Lusa companhia
Ao Bramane dest' arte respondia:

Vai, dize ao Samorim, que esses thesouros,
Que me manda offertar como assustado,
Não valem tanto como os nobres louros,
Que em trances tão fataes tenho ganhado:
E saibão torpes, caviloses Mouros,
Que eu não cortei por oiro o mar salgado;
Pois na difficil, gloriosa empreza
Busco a gloria da Patria, e não riqueza.

Ao poderoso Rei dos Malabares
Hoje concedo a paz firme, e segura,
E da verdade eterna nos altares
As mãos eu ponho, minha boca o jura:
Ficai tranquillos nos paternos lares,
Que eu vou de novo pela lynfa pura
Levar do Téjo á tumida corrente
O tributo, o signal do achado Oriente.

FIM DO NONO CANTO.

GAMA.

CANTO DECIMO.

Estendeo finalmente a noite umbrosa
Ultima o véo de estrellas reçamado,
E, já tranquilla, a gente bellicosa
Ao somno entrega o corpo trabalhado;
Sabendo já, que a estrada perigosa
Deve outra vez cortar do mar salgado,
Apenas roxa Aurora humida, e fria
Abrir co' as niveas mãos a porta ao dia.

Tambem da lida trabalhosa, e dura
Hum pouco o Gama invicto repousava,
Ao meio da carreira a noite escura
No triste carro de Ebano chegava:
Eis que em novo clarão nova figura
A seus despertos olhos se amostrava;
Turva-se hum pouco o coração no peito
C' o desusado, nunca visto aspeito.

Os pés descalços traz, e a vestidura
Como de sangue vinha borrifada,
Cerca-lhe o rosto luz serena, e pura,
E tinha a barba intonsa, e dilatada:
Traz hum livro nas mãos, traz a cintura
De aspera corda, ou cingulo apertada;
Calva a frente rugosa, austero, e grave
O portamento tinha, a voz suave.

A profética voz, que hum doce accento
Fez escutar ao Capitão turvado,
Echos celestes, que o ligeiro vento
Nos ares deixão prezo, equilibrado:
Oh Lusitano illustre! Eis o momento
(Lhe diz) nos livros eternaes marcado,
Em que te ordena hum Deos tres vezes Santo,
Que o Téjo vás, e a Europa encher d' espanto.

Quem és tu, que me bradas? (lhe dizia
Extasiado o Gama) E's por ventura
Vaga illusão da vaga fantasia,
Ou sonho vão, que trouxe a noite escura?
Sonho aerio não sou, que a ti me envia
O que impera dos Ceos na estancia pura:
Eu me chamo Thomé, no Empyreo moro,
Apostolo de hum Deos, que sirvo, e adoro.

A Santa Lei, que salva a creatura
Do tormentoso imperio do peccado,
E a victima innocente, eterna, e pura,
Que a justiça aplacou de hum Deos irado,
Aqui préguei; tranquilla sepultura
Aqui teve o meu corpo, em pó tornado;
C' o ferro de huma lança extincto, exangue
O Evangelho de hum Deos firmèi c' o sangue.

Amo a barbara terra, e pois franquêa
Nova estrada o Immortal ao extenso Oriente,
Da antiga Idolatria horrenda, e fêa,
Quer abalar o Imperio prepotente:
Messe de Justos sazonada, e chêa
Colhêr aqui destina o Omnipotente;
Para acabar, cumprir o eterno arcano
Em toda a terra escolhe o Lusitano.

Outra vez despregando-se o estandarte
Da Sacrosanta Cruz nos livres ares,
Onde primeiro o Sol sua luz reparte,
Ver-se-hão do Novo Testamento altares:
E desde lá correndo á extrema parte,
Que inda escondem no seio ignotos mares,
O Luso, executor do alto conselho,
Irá plantar a tocha do Evangelho.

Mais que o de Roma Imperio dilatado
Eterna Providencia vos destina
Nos climas onde for por vós levado
O brilhante clarão da luz divina:
Vê, Capitão magnanimo esforçado,
Que extensissimos terminos assigna
O Supremo Senhor do assento etherio
Nesta porção do Mundo ao Luso Imperio.

Disse, e comsigo extatico levava
Pelos espaços fluidos o Gama,
E as socegadas regiões trilhava
Acima donde o raio arde, e se inflamma;
Aqui se supendia, aqui parava
O conductor celeste, e assim lhe exclama:
A prumo estamos sobre o rubro seio,
Por onde o Povo de Israel já veio.

Vê no golfo da Persia o muro erguido
Da populosa Ormuz, que senhorêa
Quanto de hum lado, e d' outro enfurecido
O mar da Arabia, e o Percico tornêa:
C' os passados trofeos desvanecido,
Inda de antigos titulos se arrêa;
Do annel do Mundo he pedra, e, já desfeita
De hum golpe só, do Luso o jugo acceita.

Se os pés ao ferreo cepo a Persia entrega,
Eis sobre a força Arabica indomada,
Qual o raio veloz, chammeja, e chega
Golpes mortaes vibrando a Lusa espada:
Se a forte Baçorá resiste, e nega
Ao formidavel vencedor a entrada,
Elle a leva de hum golpe, arraza, e abate
C' o mesmo golpe a mercantil Mascate.

Olha agora a arenosa, extensa praia,
Que á foz do Indo corre, e se adianta,
Onde opulento o Imperio de Cambaia
A fronte soberbissima levanta;
Ao ver o Luso intrepido desmaia,
E, tremendo, aos grilhões entrega a planta;
Abre-lhe as portas Dio, e aleivosia
Badur c' o sangue derramado expia.

Olha do Hydaspe a aurifera ribeira,
Onde de Péla o Joven bellicoso
A haste cravou da triunfal bandeira,
E fez parar o exercito medroso:
Termo aqui foi, baliza derradeira
Do triste Póro ao vencedor famoso;
Do Imperio Luso a força triunfante
Daqui começa, e se dilata ovante.

Surrate, Baçaim, e a torreada
Chaul invicta lhe franquea as portas,
Ao lampejar da fulminante espada;
Deixa o Luso as nações d' espanto absortas:
Da orgulhosa Bizancio á força armada,
Quando, ó Guerrueiro illustre, os passos cortas,
A Damão, Cananor levas o estrago,
E cinzas ficão, qual ficou Carthago.

Onór, Baticalá vê já rendidas,
Bripur d' altas muralhas circundada,
Vê Coulão, Cranganor já destruidas,
E vê Dabul em chammas abrazada:
Já de Coulete as torres abatidas
Abrem ao vencedor de Goa a estrada;
Meále beija do Guerreiro a planta,
E em Goa o Throno Oriental levanta.

Cochim dos Lusitanos sempre amiga,
De Goa imperial ao Sul divisa,
Onde a soberba barbara, inimiga,
O Luso de hum só tiro arraza, e piza;
Em seu tranquillo porto as náos abriga,
Aqui se eleva, aqui se immortaliza,
Aqui primeiro tem seguro assento,
E o pendão nacional desprega ao vento.

Olha a ponta do cabo, que correndo
Vai para o Austro frigido indomado,
Onde o Oceano tumido batendo,
A's fortes náos retarda o passo ousado:
Do lado opposto o Reino vai correndo,
Onde o meu sangue fôra derramado;
Vê Meliapor, que a minha sepultura
Dará patente á geração futura.

Olha a aprazivel Ilha além defronte,
De balsamicas arvores plantada,
Como entorna o vapor pelo Horizonte
Da canella odorifera, e buscada:
No meio ás nuvens sobe alpestre montre,
Onde dizem, que a planta assignalada
Foi do mortal primeiro; incerta fama
Tal memoria entre os incolas derrama.

Vê do Pegú riquissima, opulenta,
Como se estende a grande Monarchia;
No seio de seus montes se alimenta,
E cresce, e brilha ardente pedraria:
Olha Orixá, que a fervida pimenta
Como feudo, e tributo ao Téjo envia;
Olha Sião, que em campos abundantes
Nutre, apascenta enormes Elefantes,

Lá ferve o Ganges tumido cortando
As dilatadas floridas campinas,
Na larga foz se espraia então mais brando,
Lá se mistura ás ondas crystalinas:
Nestas ribeiras olha tremulando
Entre excelsos trofeos as Lusas Quinas;
Aqui brotão robustas, e verdescem
Palmas, que Estatuas dos Heroes guarnecem.

Olha o soberbo Imperio, alto, eminente,
Em throno de ouro, e perolas sentado,
A armigera Malaca, do Oriente
Emporio rico, Emporio dilatado:
Nunca de estranha força, estranha gente
Em seu collo sentio jugo pezado;
Mas vendo o fio á Lusitana espada,
Tremendo inclina a fronte avassallada.

Aqui nem Persas, Gregos, nem Romanos
Co' as triunfantes armas penetrárão;
E nem dos Alexandres, ou Trajanos
As falanges indomitas chegárão:
O Eterno o determina, os Lusitanos
Nem aqui mesmo intrepidos parárão,
Que termo lhe só da Lusa Monarquia
O Sol no occaso, e no seu berço o dia.

Na extrema ponta o Cabo Singapura
Virão dobrar do Téjo os navegantes,
Levados d' hum Tufão na sombra escura
Novos mares verão, não vistos d' antes;
Onde d' Aurora a luz brilhante, e pura
Se mostra, hão de aportar baixeis triunfantes,
Ajoelhando ás Portuguezas Quinas
Os extremos Japões, e astutos Chinas.

Volve os olhos de lá para a enseada
De Aynão, que o mar te mostra do Oriente;
Aqui Liampó soberba, e torreada
Acceita o jugo, e as Leis da Lusa gente:
Olha de terra a ponta dilatada,
Onde Macáo levanta a illustre frente;
Esta o termo do Imperio, o Imperio cerra,
Não tem os Lusos que vencer mais terra.

Correndo o Norte, e o Sul do acceso Oriente,
Quaes raios, ou relampagos fogosos,
Inda estreito limite o Continente
D' Asia ha de ser aos feitos valorosos:
Nas Ilhas, que circunda o mar fremente,
Inda irão levantar trofeos preciosos,
Sunda, Borneo, Timor, Tidore, Java,
E outras que o mar pacifico occultava.

Olha agora do Globo a parte ingente
Nunca da Europa armigera sabida,
Onde inda Joven Natureza a gente
Tem nas barbaras sombras envolvida:
Nesta grande porção, (cortando a algente
Liquida estrada sempre entumecida)
Para que abranja o duplice Hemisferio,
Virá fundar o Luso immenso Imperio.

Vê rompendo de altissimas montanhas
Hum rio feito hum mar, que busca os mares;
D' hum lado, e d' outro barbaras, e estranhas
Nações conservão domicilio, e lares:
E se tanta extenção co' a vista apanhas,
Debaixo do Equador corre milhares
De estadios, e só perde a fama, e o nome
Quando no mar immenso as aguas some.

Este se chama o turbido Orelhana.
Vê outro além do Tropico correndo
Quasi igual na riqueza; immensa, e plana
Campina vem cortando, e em si trazendo
O feudo d' outros mil: da Lusitana
Gente primeiro visto, ao pego horrendo
Chegando já, na foz se abre, e dilata,
E nome eterno lhe darão da Prata.

Não vês enormes montes levantados
Além das nuvens pelo espaço extenso?
Espantosos volcões afogueados
Arrojão fogo, e fumo escuro, e denso:
Daquelles picos turbidos, nublados
Hum, e outro Oceano observa immenso;
Desde aqui ás Atlanticas campinas
Inda hão de ter Imperio as Lusas Quinas;

Talvez maior que a Europa! Em throno de oiro
Como sentada a mesma Natureza
Extrahindo do seio almo thesoiro,
No antigo Mundo entornará riqueza:
Pasmado, absorto o seculo vindoiro
Da Lusitana insolita grandeza;
Verá levado em extasi profundo,
Que he quasi todo Portuguez o Mundo.

Qual em seu centro existe o Sol luzente,
De luz enchendo o vasto Firmamento,
Que a immensos Globos em distancia ingente
Atrahe, regula, outorga o movimento:
Assim Lysia na Europa armipotente
Do grande Imperio seu tem firme o assento;
De lá na Asia, na Libya, e opposta parte
Armas, forças, e leis dicta, e reparte.

Tão illustres brazões serão ganhados
A' força d' armas por Heroes prestantes,
Quaes não vio Roma em seculos passados,
Nem se hão de ver em seculos distantes:
Seus nomes d' ante mão, vivem gravados
Em bronze eterno, em marmores brilhantes;
Entre os astros já vive a imagem sua,
Onde a Gloria, a Virtude os perpetúa.

Eis lhe mostra gravada em refulgente
Jaspe a imagem do Heroe, que o mar abríra,
Apoz o Gama, a conquistar o Oriente,
As treze náos possantes conduzíra:
Que do vento impelido, e mar fervente,
A recatada terra descobríra,
Onde se salva, em seculos de crime,
Hum Rei do Monstro atroz, que o Mundo opprime.

De hum novo Josué se lhe mostrava
Tambem a effigie, que ennobrece o Mundo;
Que em successivas lides destroçava
O Malabar adusto, o Mouro immundo;
Que o Samorim do Solio derrubava,
E assusta a dura terra, e o mar profundo;
Pacheco, que he do Imperio alta columna,
Qual Belisario opprobrio da Fortuna.

Tambem de Nova invicto, e destemido
Observa o Busto, que apregoa a Fama,
Grande no berço humilde, obscurecido,
C' o louro dos Heroes a frente enrama:
Nova, engolfado em mar desconhecido,
Leva a Cidades mil Vulcanea chamma;
Raio da guerra, raio do Oriente
De coroa rostral circunda a frente.

Junto ao Busto em Pyramides erguidas
Estão gravados pelas mãos da Gloria
Os estandartes das nações vencidas,
Trofeos de illustre, e perennal memoria;
Náos abrazadas, outras submergidas:
Equilibrada a imagem da Victoria,
Parece que dos Ceos se lança, e desce,
E de hum louro immortal o Heroe guarnece.

Dos dois famosos Scipiões na guerra
Os retratos observa, que inundados
Os campos deixão da Indiana terra,
De montões de cadaveres juncados:
Em clima estranho o tumulo os encerra,
Enchendo o Mundo de sonoros brados,
Nas azas vão da Fama voadora,
E por elles de balde o Téjo chora.

Mais acceso furor, mais nobre canto
Traze-me, ó Musa, do celeste assento;
Em extasis sublimes me levanto,
Vou-me salvar de eterno esquecimento:
Em maravilha nova, em novo espanto
Entra do Gama o absorto entendimento,
Quando o Busto observou do excelso, e forte
Barão, que aos pés calcára o Fado, e a Morte.

Respira a Effigie gloria, e fortaleza;
Numidico Leão só c' hum rugido
Enche d' espanto toda a redondeza,
E esmaga a frente ao Malabar rendido:
A intonsa barba traz no cinto preza,
De ferreas armas fulgidas vestido;
Tem por brazões no pedestal de jaspe
Em cadeias o Indo, o Gange, o Hydaspe.

Com sangue das Cohortes bellicosas,
Que o fero Turco indomito aparelha,
Do vasto mar ás ondas procellosas
Muda a côr azulada em côr vermelha:
Do Cabo Guardafú co' as alterosas
Náos vai correndo, rapida centelha;
Sobre os muros d' Ormuz cahindo, arraza
O Arabe, o Turco esmaga, o Persa abraza.

Sólta os vôos, qual Aguia, e sobre os muros
Lá vai cahir da aurifera Maláca;
Os Jáos valentes, os Achens perjuros
Em subita peleja affronta, e ataca:
Nem Malaios da furia estão seguros
Namorada Nação timida, e fraca;
Erma deixa a Cidade, e nella arvora
Albuquerque o Pendão, que o Gange adora.

Qual o Eridano turvo, que abatendo
Troncos, rochedos, tudo, o campo alaga,
A carreira veloz jámais sustendo,
Tudo co' as ondas tumidas estraga:
Tal o Heroe de Malaca vem correndo,
E a fronte altiva do Sabaio esmaga:
De hum louro duplicado ennastra o c'rôa,
E firma o Throno Lusitano em Gôa.

Não mais, não mais do Joven bellicoso,
Indomito Leão, que erriça a coma,
Com furia insana, e impeto espantoso,
Arbella, Tyro, e Babylonia doma,
Se lembre o nome; e o nome glorioso
Do féro, injusto usurpador de Roma;
Que d' Albuquerque impavido a memoria
De tamanhos Heroes offusca a gloria.

Em pedestal de fulgido alabastro,
Ao lado seu, de palmas se corôa
O forte, o grande, o temeroso Castro,
A quem Fama immortal hymnos entôa:
Qual scintilla nos Ceos, qual brilha hum astro,
Entra em carroça triunfal em Goa;
Vai o Valor d'hum lado, e d' outro Astréa,
Que nas mãos lhe sustenta a Palma Eléa.

Apoz elle huma luz fulgente raia
Como estrella n' hum Ceo nocturno, e frio,
Que, ao Rei soberbo da feroz Cambaia
A cerviz humilhando, escala Dio;
Só de escutar-lhe a voz treme, e desmaia
O Turco, o Persa, o Arabe, o Gentio;
Dêo-lhe jazigo o Fado em mar profundo,
Mas cheio fica de seu nome o Mundo.

Se do premio, e do louro a Sorte priva
O Heroe, brazão de Lysia, honra da Terra;
Se a Inveja atroz, faminta, e vingaviva
Em quanto existe lhe declara a guerra;
A Fama imparcial seu nome aviva,
E da calumnia a sombra em fim desterra;
Entre os tardios pósteros resôa,
Lysia o nome de Nuno hoje abençôa.

Dourado vulto logo se mostrava,
Que aos pés prostrados tinha o Indo, e o Ganges,
C' hum golpe só da espada afugentava
Do Mogor fero indomitas falanges.
O já convulso Império sustentava,
Intimidando Arabicos alfanges;
Era Ataíde, que Cambaia abraza,
E os altos muros de Parnel arraza.

Sobre hum throno do grande Constantino
Eis apparece a imagem portentosa;
Tem sobraçado escudo diamantino,
Que oppôz do Achem á armada poderosa:
Eis leva a guerra ao plano crystalino,
E nem suspende a espada victoriosa,
Sem que as Galés dos Turcos afugente,
E a paz conceda aos mares do Oriente.

Aureo Busto do intrépido Sampaio
Se lhe mostra de louros coroado,
A cujos pés o perfido Sabaio
Off'rece os pulsos ao grilhão pezado:
Co' a mesma força, e impetos d' hum raio
De extinctos corpos deixa o mar coalhado,
Em Bacanor a Armada desbarata
Do Samorim soberbo, os Turcos mata.

Ao lado seu do intrepido Siqueira
A excelsa effigie então se manifesta,
Vai penetrando a Arabica ribeira,
Do Turco mette a pique a armada infesta:
A Lusitana, triunfal bandeira
Leva de immensos esquadrões á testa;
E, rechaçando o Ethyope inimigo,
De Candace descobre o Reino antigo.

Eis logo o vulto do immortal Soares,
De Gangeticas palmas guarnecido,
D' altas náos vai coalhando os turvos mares,
E he, mais que todos, das nações temido:
Este o soberbo Rei dos Malabares
Deixou de todo ao jugo submettido;
Este o primeiro á força Lusitana
Fez que cedesse a fertil Taprobana.

Vê do grave Noronha o excelso Busto,
Que até chegou co' as armas triunfantes
Ao monte, onde o Senhor Supremo, e justo
A Lei déra entre as chammas coruscantes:
Ergueo seu braço intrepido, e robusto,
Em Dio humilha os perfidos Turbantes;
De seus baixeis c' o pezo os mares gemem,
E as altas portas de Bizancio tremem.

Descobre os dois magnanimos Menezes,
Hum, que em Ceuta mil louros tem ganhado,
Lá vai, lá corre a levantar tres vezes
De Ormuz nas torres o pendão sagrado:
Outro, rompendo os rigidos pavezes,
Com que entra em campo o Malabar armado,
Mais victorias já conta em poucos annos,
Que em muitos contão campiões Romanos.

Do grande Mascarenhas o semblante
Vê respirando sanguinosa guerra,
Que, apenas despe a espada lampejante,
Os muros lança de Malàca em terra:
Avassallando o pelago espumante,
Bintão com duro assedio opprime, e cerra,
Té que nos pulsos os grilhões lhe lança;
Hum nome eterno na victoria alcança.

Vê a effigie de Sousa, que hum traslado
Na Asia se mostra do valente Marte,
Infatigavel vai de ferro armado
Erguer em Dio o bellico Estandarte:
Esmorecido treme, ao vello irado,
Da forte Onór o immenso baluarte;
Emboca o Indo, o Indo retrocede,
E Cambaia vencida o Imperio cede.

Do sublime Mendoça a refulgente
Estatua d' ouro fino descobria,
Que ao Lusitano sceptro do Oriente
Novas Ilhas, e mares submettia:
Malucas, que produzem cravo ardente,
Borneo, que o metal loiro, e a prata cria,
Ignoto mar, cortando além da China,
A seus pés o Japão se rende, e inclina.

Mas ah, que novo assombro, e novo espanto
Entre tantos Heroes descobre o Gama!
Sublime estatua, e roçagante manto
Dos hombros desce, em ondas se derrama:
Entre todos maior se eleva tanto
O Heroe nas azas immortaes da Fama,
Que atraz os outros deixa, e vence, e doma,
Quanto ao Mundo de grande ostenta Roma.

Da especie humana timbre verdadeiro,
A quem a Honra, a Gloria immortaliza,
Este o grande, magnanimo Ribeiro,
Que a hum throno foi chamado, e hum throno piza:
No pedestal da estatua aureo letreiro
Entre fulgentes luzes se divisa:
,, Será Monarcha quem Fortuna escude,
Não querer ser Monarcha he só virtude.

Mais illustres Barões o Soberano
Senhor (lhe diz o Apostolo) destina
Para exaltar o Imperio Lusitano
Da boca do mar roxo ao mar da China:
Nesta empreza sublime o esforço humano
Secundado será da mão divina,
Qual outr' ora Israel, que em dura guerra
Posse tomou da promettida terra.

Atraz se hão de volver as estridentes
Settas, que rompem d' arcos encurvados,
Os corpos de inimigos combatentes
Co' as proprias setas se acharão varados:
As duras costas voltarão trementes
Do Luso á vista os Arabes armados,
E o Ceo, para animar o Heroe triunfante,
Gravada em si lhe mostra a cruz radiante.

Segunda vez rompendo o turvo Oceano,
O sentirás tremer como assustado,
Quando á potente voz do Soberano,
Já não descobridor, fores mandado:
Será desfeito o exercito Ottomano,
Qual de Amalec outr' ora o Reino armado,
Quando entre nuvens rarefeitas veja,
Que por vós, junto a Dio, hum Deos peleja.

Esta a gloria futura, este o destino,
Que Deos reserva á Lusitana gente;
Escrito está no livro diamantino
Pelas mãos do Senhor Omnipotente:
Irás glorioso ao Téjo crystalino
Descobridor do recatado Oriente,
Té que venhas trazer á Indiana terra
Paz aos humildes, aos soberbos guerra.

Debelarás os Turcos arrogantes,
Infestas producções da Scitia fria,
Que de Suez nos lenhos ondeantes
Virão cortando o mar por larga via:
De ferro duro as pélas sibilantes
Dispara contra a turba horrenda, impía;
Nas guerras do Senhor sê justo, e forte,
Irá diante de teu rosto a morte.

Mas ao Deos dos Exercitos sómente
De teus triunfos se atribua a gloria;
Só elle he Grande, he elle Omnipotente,
Elle a palma concede, elle a victoria:
E premio eterno, premio permanente
Terás depois da vida transitoria,
Se, fugindo do luxo, e da cobiça,
Feres pisando a estrada da justiça.

Derruba o vicio as grandes Monarchias,
Elle converte os Reinos poderosos
Em luto sempiterno, em cinzas frias,
São nada os quatro Imperios orgulhosos:
Virão (que espanto!) desgraçados dias,
Em que as conquistas dos Heroes famosos
Pizem soberbos, tumidos Senhores
As cruzes de Albion, d'Hollanda as côres.

Tempo, tempo ha de vir... nos estuantes
Incultos areaes da Libya ardente
Com força immensa as Luas arrogantes,
Ah, que estragos farão na Lusa gente!
Lá vão, lá vão cadaveres boiantes
No rio, a quem o sangue engrossa a enchente;
Expira hum Rei, e o Reino se sepulta,
E na Asia immensa nunca mais avulta.

Qual de Roma no Imperio retalhado
Vem duros povos do gelado Norte
Levantar sobre o throno avassallado
Sangue, ruinas, exterminio, e morte;
O rompente esquadrão de ferro armado
Correndo vem da Europa astuto, ou forte;
Seca-se a Lusa palma, expira a c'rôa.
Novo, estranho pendão tremúla em Gôa.

Deixa confuso o Gama, e aos Ceos sobia
Vaticinante Apostolo Sagrado;
Então do sonho extatico sahia
Co' a fatal scena o Capitão turvado:
Foge a noite de todo, e rompe o dia
Ha tanto tempo pelos Ceos marcado;
Foi-lhe o vento bonança, o mar sereno,
E volta (achada a India) ao Téjo ameno.

Musa, suspende o vôo; assás corrido
Temos hum mar extenso, e procelloso;
Volve as vélas ao porto appetecido,
Sómente anhéla hum naufrago, o repouso:
Talvez seja teu impeto applaudido
Sobre a pedra do tumulo horroroso,
Em que, pagando o feudo á morte irada,
Minha alma volva a Deos, meu corpo ao nada.

Não recompensa vil, baixa, e terrena
Me fez galgar do Pindo íngreme estrada,
Na minha dextra não susteve a penna
Do antigo canto a inveja envenenada:
Privado d'alma luz doce, e serena
Entre ferros a vida atormentada
Foi meu alento divinal Poesia,
Como a Boecio o foi Filosofia.

Vós, Lusitana Estirpe, que da terra
Oriental já fostes a Senhora,
Que já dictastes Leis em paz, e em guerra
Desde a margem do Téjo á roxa Aurora:
Ponde os olhos no clima, onde se encerra
A cinza dos Heroes, que a Fama adora;
De lá ressurte luminosa flamma
Que o ocio vil accusa, e ás armas chama.

Não deixeis, Lusitanos, esquecida
Da vossa antiga gloria a antiga estrada;
Eia, a Patria vos chama accommettida,
De estranha força, e de sangrenta espada:
Ah! não deixeis que murche a esclarecida
Palma com sangue, e com suor ganhada!
Vencedores no Indo, Hydaspe, e Ganges,
Vencei no Tejo as barbaras falanges.

A Rainha das aves, se do etherio
Assento volve á rócha alcantilada,
Comsigo leva ao lucido Hemisferio
A prole implume, timida, assustada:
Se alli lhe vê voltar com vittuperio
Do solar raio a vista deslumbrada
Entre as torcidas garras a espedaça,
Não julga sua adulterina raça.

Se filhos sois de Heroes, que a altiva frente
Na Asia ennastrárão de sublimes louros,
E ao lampejar da lamina fulgente
Na Libya adusta avassallárão Mouros:
Se deixárão seu nome permanente
Depois da morte aos seculos vindouros;
Salvai a gloria, o nome Lusitano
De injustos ferros do maior Tyranno.

Não são as pedras da soberba Dio,
(Muralhas n' outro tempo, hoje ruinas)
Nem o Mahométa, o Arabe, ou Gentio
Insulta agora as Portuguezas Quinas:
Hum Monstro mais feroz, perfido, impío,
Com duras armas de traições malignas;
Vosso valor desperte, e esforço antigo,
Opponde a força ao barbaro inimigo.

Vede os ossos nos campos espargidos,
Onde vencestes os soberbos Mouros;
Vede a pó, vede a cinzas reduzidos
Com sangue illustre rociados louros:
Entre as escravas hostes divididos
Vossos nobres brazões, vossos thesouros;
Correi, vencei, triunfai, que o Patrio Téjo
Já de cobardes accusar-vos vejo.